



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO
FACULDADE / INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

JOSUÉ DA SILVA FERNANDES

SUJEITO ORDINÁRIO E SUJEITO EXTRAORDINÁRIO:
UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA

DISSERTAÇÃO

Cuiabá-MT

2025

JOSUÉ DA SILVA FERNANDES

**SUJEITO ORDINÁRIO E SUJEITO EXTRAORDINÁRIO:
UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade/Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Mario Spezzapria

Cuiabá-MT

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

D111s Fernandes, Josué da Silva .
Sujeito ordinário e sujeito extraordinário [recurso eletrônico] : uma abordagem bakhtiniana / Josué da Silva Fernandes. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 131 f., pdf). -- 2025.

Orientador: Mário Spezzapria.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Cuiabá, 2025.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Dialogismo. 2. Istina e Pravda. 3. Sujeito ordinário e Sujeito Extraordinário. 4. Polifonia. 5. Arquitetônica. I. Spezzapria, Mário, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: Sujeito Ordinário e Sujeito Extraordinário: uma abordagem bakhtiniana

AUTOR (A): MESTRANDO: Josué da Silva Fernandes

Dissertação defendida e aprovada em **18 de junho de 2025**

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mario Spezzapria (Presidente/Orientador)
Prof. Dr. Thiago Rhys Bezerra Cass (Examinador Externo-USP)
Prof. Dr. Luiz Paulo da Cas Cichoski (Examinador Interno)
Prof. Dr. Rodrigo Marcos de Jesus (Suplente)

CUIABÁ, 18/06/2025



Documento assinado eletronicamente por **MARIO SPEZZAPRIA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 07/07/2025, às 12:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUIZ PAULO DA CAS CICHOSKI, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 07/07/2025, às 13:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Rhys Bezerra Cass, Usuário Externo**, em 07/07/2025, às 16:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Josué Fernandes, Usuário Externo**, em 07/07/2025, às 17:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



MESTRADO - Folha de Aprovação 8063350 SEI 23108.046128/2025-83 / pg.
1

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8063350** e o código CRC **88A7CD31**.

Referência: Processo nº 23108.046128/2025-83SEI nº 8063350 MESTRADO - Folha de Aprovação 8063350 SEI
23108.046128/2025-83 / pg. 2

RESUMO

Este projeto tem como objetivo explorar as nuances da compreensão do sujeito na linguagem, com base nas teorias de Mikhail Bakhtin. Através de uma análise dos conceitos fundamentais de dialogismo e polifonia, que são centrais no pensamento bakhtiniano, investigaremos a linguagem e seu impacto na construção da identidade individual. Iremos abordar a distinção essencial que Bakhtin faz entre duas formas de verdade: “*istina*”, que representa a verdade universal e objetiva, e “*pravda*”, que está relacionada à verdade individual e subjetiva. A partir dessas análises, buscaremos compreender as implicações dessa dicotomia na construção do conhecimento e na formação da consciência. Em Bakhtin, podemos distinguir entre o sujeito ordinário, que apenas reflete a realidade por meio de uma elaboração retórica, e o sujeito extraordinário, que utiliza a linguagem como uma expressão da materialidade das práticas, sempre em movimento. Para responder a essa questão, a pesquisa se dedicará a examinar como a linguagem se entrelaça com a responsabilidade individual e a tomada de decisões, considerando as consequências da separação entre validade objetiva e individualidade na formação de posicionamentos na comunicação e na busca pela verdade. Este estudo explorará a relação intrínseca entre eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-o-outro na linguagem, reconhecendo que a interação social, para Bakhtin, é fundamental para a totalidade do eu. Investigaremos de que forma a interação dialógica molda a percepção de si e do outro, e como essa relação contribui para a construção da identidade individual e social. Com base em revisão bibliográfica e em uma análise, este projeto pretende oferecer respostas fundamentadas para os desafios filosóficos que envolvem a linguagem e sua relação com a compreensão do sujeito. A pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa, utilizando métodos adequados para alcançar seus objetivos, como Contextualização Histórica, Análise Crítica, Delimitação de conceitos centrais e Análise Interpretativa do texto. Ao desvendar os conceitos de dialogismo, polifonia, “*istina*” e “*pravda*” propostos por Bakhtin, este projeto espera contribuir para uma compreensão mais rica da linguagem e seu papel na construção da identidade individual e social. Através da análise da relação entre o eu e o outro, buscaremos as implicações dos sistemas de comunicação e da tomada de decisões, resultando em valiosas contribuições para a filosofia e para a compreensão da complexa relação do ser humano com a linguagem.

Palavras-chave: Dialogismo e Polifonia; *Istina* e *Pravda*; Sujeito ordinário e Sujeito; Extraordinário; Arquitetônica da linguagem.

ABSTRACT

This project aims to unveil the complex nuances of understanding the subject in language, guided by the theories of Mikhail Bakhtin. Through a meticulous analysis of the concepts of dialogism and polyphony, pillars of Bakhtinian thought, we will explore the depths of language and its impacts on the construction of individual identity. We will examine the crucial distinction between the forms of truth proposed by Bakhtin: “istina,” the universal and objective truth, and “pravda,” the individual and subjective truth. Through these analyses, the objective of this project is to seek to understand the implications of this dichotomy in the construction of knowledge and in the formation of individual consciousness. Can we distinguish in Bakhtin the ordinary subject, one who merely represents reality from a rhetorical elaboration where objective abstraction is the world, and the extraordinary subject, one who, from the functioning of language, sees the world as an expression of the materiality of practices, such that the system of language is always in motion? To address this, the inquiry will approach Bakhtin’s system of thought, examining how language intertwines with individual responsibility and decision-making. We will analyze the consequences of the separation between objective validity and individuality in the construction of positions in language usage and in the pursuit of truth. In accordance with the theory of the architectonics of language, this study will explore the intrinsic relationship between I-for-myself, other-for-me, and I-for-the-other in language, where language in Bakhtin is a social interaction such that the other is a necessary alibi for the completeness of the I. We will investigate how dialogical interaction shapes the perception of the I and the other, and how this relationship contributes to the construction of individual and social identity. Based on a bibliographic review and a precise and rigorous analysis, this project aims to present coherent and well-founded answers to the philosophical enigmas surrounding language and its relationship with the understanding of the subject. The research is characterized by its qualitative approach, using appropriate tools and techniques to achieve its objectives: historical contextualization, critical analysis, delineation of central concepts, interpretative text analysis. By unveiling the Bakhtinian concepts of dialogism, polyphony, “istina,” and “pravda,” this project hopes to contribute to a deeper understanding of language and its role in the construction of individual and social identity. Through the analysis of the relationship between the I and the other in language, we seek to shed light on the implications of communication systems and decision-making. In this way, this project will provide valuable contributions to the field of philosophy and to the understanding of human beings in their complex relationship with language.

Keywords: Dialogism and Polyphony. Istina and Pravda. Ordinary Subject and Extraordinary Subject. Architectonics of Language.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1 CONTEXTO BAKHTINIANO	20
1.1 Alguns precursores: os séculos XVII e XIX	21
1.2 A ciência da linguagem e sua escrita.....	22
1.3 As duas tendências	23
1.4 O social e o cultural.....	25
1.5 Teoria da enunciação o eu e o outro.....	26
1.6 A queda do subjetivismo aos contratos discursivos.....	27
1.7 A produção de sentido como individualidade.....	30
1.8 O auditório social.....	31
1.9 Perspectivas sociológicas.....	36
1.10 O sujeito e a singularidade no ato de pensar	37
1.11 Dialogismo e polifonia na language.	40
1.12 Dialogismo	46
1.13 Polifonia	51
2 CAPÍTULO - SINGULARIDADE, AÇÃO E ATO.	59
2.1 Dialogismo e singularidade.....	61
2.2 A singularidade polifônica.	63
2.3 Monologia do sujeito	64
2.4 O determinante negativo no discurso e a disputa da linguagem.	65
3.1 Análise da relação entre verdade, linguagem e interação dialógica.	71

3.2	A filosofia entre validade objetiva e a singularidade das decisões	74
4	CAPITULO - SUJEITO ORDINÁRIO E SUJEITO EXTRAORDINÁRIO	79
4.2	Distinção entre o Sujeito Ordinário e o Sujeito Extraordinário	86
4.3	Relações de Poder na Linguagem: Uma Visão Geral.	89
4.4	Exploração das diferentes formas de subjetividade e identidade na interação social e linguística.	97
4.5	Análise do papel do sujeito na construção de significados e na negociação de vozes.	104
5	CAPÍTULO : ARQUITETÔNICA DA LINGUAGEM.....	111
5.1	Estudo da arquitetura da linguagem em Bakhtin e sua influência na compreensão da estrutura e organização discursiva	113
5.2	Análise dos elementos arquitetônicos da linguagem, como estilo, gênero e vozes narrativas.	117
5.3	Reflexão sobre a importância da arquitetura linguística na construção de significados e na expressão da diversidade de vozes.	120
6	CONCLUSÃO.....	124
7	REFERÊNCIAS.....	127
7.1	Referência secundária.....	128
7.2	Artigos estrangeiros Inglês	130
7.3	Francês	130

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é conduzida num contexto onde a linguagem e a identidade incluem preocupações entre os estudiosos e a sociedade em geral. A infraestrutura digital acelerou a crescente diversidade cultural e a interconectividade global, e a centralidade da língua como ferramenta de expressão da identidade tornou estas relações ainda mais pronunciadas. O objetivo desta questão é compreender a linguagem não apenas como meio de comunicação, mas também como domínio de poder, agente de poder e reprodução de processos sociais. A pesquisa foi realizada em várias fases, cada uma criativa e cada uma contribuindo para uma compreensão mais profunda da relação entre linguagem e identidade. Em primeiro lugar e mais importante, é fornecida uma extensa revisão da literatura sobre a teoria de Bakhtin. A pesquisa foi focada em obter uma compreensão mais profunda sobre os conceitos de Bakhtin, como o dialogismo, a polifonia, e as diferenças entre *'Istina'* e *'Pravda'*. Esse ato de pesquisa inicial extrai as lacunas da literatura existente e fundamentou teoricamente a pesquisa realizada. Em seguida, foram coletados textos de literatura e discursos contemporâneos, explicando com a perspectiva dos conceitos bakhtinianos. Livros e artigos de autores de quem as obras dialogam com diversas vozes, e de quem as obras são co-construídas, fornecendo os instrumentos para observar a operação em diversos contextos sociais.

A abordagem teórica da pesquisa baseada na abordagem dialógica de Bakhtin; a ênfase dada à interdiscursividade como realçada *pravda* e *istina*, ou seja, o fato de que cada ato de comunicação é em si um ato de resposta à voz de interno e um convite às vozes futuras, envolvido ao pesquisadora entender as interações humanas como um espaço onde a identidade é ininterruptamente forjada e resignificada. A distinção entre *pravda* e *istina* representou a primeira lacuna, uma vez que ajudou na compreensão do fato de que a multiplicidade da verdade revelada nas interações humanas era um reflexo direto da complexidade da experiência humana. Os termos *pravda* e *istina* representaram as construções de realidades quiméricas de consensos e realidades desinteresse interpessoal, enquanto *pravda* relativa evidenciem-se de maneiras mais convencionalizadas.

A pesquisa envolveu ainda a compreensão da distinção de Bakhtin entre sujeito extraordinário e sujeito ordinário. O sujeito ordinário representa indubitavelmente o temperamental experiencial, ou seja, o discurso geralmente aceito, reproduz-se sem ter em mente e não surpreende nada ou ninguém. Em

contraste, o sujeito extraordinário está na busca pelo modo de expressão real da identidade, no uso da linguagem. Esse sujeito já não aceita verdades universais, “*istina*”, mas se envolve no processo de busca da verdade subjetiva, “*pravda*”, inspirada por suas próprias experiências e contextos sociais. A pesquisa desenvolveu-se de fato nessa questão, explorando como o sujeito extraordinário trabalha a linguagem. Manter esse contato com os estudos foi fundamental, pelo ensino fornecido para que um pesquisador análise de forma apurada o corpus da pesquisa.

Mikhail Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo e teórico da linguagem russa, amplamente reconhecido por suas contribuições à linguística, teoria literária e filosofia. Ele é popularmente conhecido por suas ideias sobre a natureza social da linguagem, dialogismo e polifonia, que desafiam abordagens tradicionais em linguística e crítica literária. A diferenciação como uma ferramenta de resistência e transformação tem a ver com desafiar narrativas convencionais e criar novos significados. O discurso é vital, especialmente em um mundo onde ícones marginalizados frequentemente lutam para serem reconhecidos entre as massas, mesmo que a pesquisa tenha consistentemente apontado como a literatura e outras facetas da expressão cultural podem servir como uma plataforma para esses assuntos extraordinários e espaços para diálogos que desafiam normas sociais e aprimoram entendimentos idiossincráticos.

A Revisão de literatura foi primeiro passo do estudo onde uma análise extensiva das teorias de Mikhail Bakhtin com foco em conceitos centrais de dialogismo, polifonia e distinção de “*istina*” e “*pravda*”. Isto permite identificar as lacunas nas pesquisas existentes e fornecer a base aprofundada do trabalho. Outras pesquisas incluíram a seleção de textos literários, bem como de discursos contemporâneos que ilustrariam a aplicação das teorias de Bakhtin. Isto envolve trabalhos onde a linguagem é negociada entre a pluralidade de vozes, bem como a criação de significados através da observação de como a linguagem é negociada em diferentes contextos sociais.

Um dos principais fundamentos teóricos da pesquisa é a filosofia da linguagem de Bakhtin, que destaca sua natureza dialógica. O conceito de “diálogo-social”. Um ato de comunicação é sempre uma resposta às muitas comunicações que já aconteceram e um convite para a voz a seguir”, informações afirmadas como linguagem de um quadro de interação social e uma esfera onde as identidades são construídas e reformuladas em um clima constante.

Distinguir entre “*istina*” e “*pravda*”, foi crucial para explorar a

popularidade das verdades que emergem na interação social, refletindo assim a multiplicidade da experiência humana. A construção de um indivíduo e a interação social como um quadro de completude são elementos recorrentes na literatura acadêmica sobre o assunto. A popularidade dessas idéias, especialmente na teoria de Bakhtin e no conceito de dialogismo, reflete especialmente a complexidade da subjetividade humana em um mundo em constante mudança.

Para oferecer uma estrutura teórica adequada para a análise da interação social e da identidade, o Círculo¹ de Bakhtin no qual Voloshinov² em “Marxismo e a filosofia da linguagem,2021” considera a interconexão entre linguagem e ideologia, enfatizando o aspecto de força e construção da realidade da linguagem desenvolvida pelo sujeito. Isso se tornou essa ideia central da filosofia da linguagem mais expoente acadêmica. Mostra uma união estreita entre fala e realidade sociocultural.

Para expandir esses pontos a pontos mais amplos, vale a pena lembrar o trabalho de Holquist³, que destaca a importância do dialogismo para as narrativas

¹ O Círculo de Bakhtin foi um grupo de intelectuais russos, ativo principalmente nas décadas de 1920 e 1930, que se reuniu em torno das ideias de Mikhail Bakhtin. O círculo se destacou por suas discussões sobre a linguagem, a literatura e a teoria do discurso, enfatizando a importância do contexto social e histórico na construção do significado. O grupo introduziu conceitos como “dialogismo” e “polifonia”, referindo-se à multiplicidade de vozes e perspectivas em um texto literário, argumentando que a linguagem é um fenômeno social onde os significados são negociados através de interações. Uma das obras mais conhecidas é “A Questão do Discurso”, que analisa o uso da linguagem em diferentes contextos sociais e a interação entre discursos, tornando-se fundamental para a teoria da literatura e crítica textual, influenciando linguística, semiótica e estudos culturais.

² Valentin Nikoláievitch Volóchinov (1895-1938) foi um filósofo e teórico da linguagem russo, conhecido por suas contribuições no âmbito da linguagem, da psicologia e da ideologia, frequentemente associado ao Círculo de Bakhtin. Ele nasceu em São Petersburgo e, ao longo de sua vida, envolveu-se profundamente com questões sociológicas e semióticas relacionadas à linguagem.

³ Dale Holquist é um conhecido professor e estudioso da literatura e da teoria do discurso, famoso por suas contribuições ao estudo do Círculo de Bakhtin. Ele é autor de várias obras que exploram as ideias de Mikhail Bakhtin, particularmente sobre como a linguagem e a narrativa influenciam a construção do significado na literatura. Holquist foi responsável por edições e interpretações de obras de Bakhtin, ajudando a tornar suas ideias mais acessíveis ao público ocidental. Um de seus trabalhos mais significativos é a introdução e organização das obras

pós-modernas. A análise das vozes plurais na literatura contemporânea ressalta como essas vozes podem desafiar as narrativas dominantes e a existência de um espaço para a expressão desses sujeitos marginalizados.

No entanto, por outro lado, também é possível ter uma abordagem que, em certa medida, considera que, embora a abordagem de Bakhtin e de seus contemporâneos forneça uma compreensão valiosa para a análise da subjetividade, é necessário ir além dessas construções teóricas visando os contextos contemporâneos, onde essas mesmas vozes marginalizadas, procuram seu reconhecimento.

A literatura e outras formas de expressão artística devem ser olhadas, portanto, de maneira semelhante, espaço de resistência, onde esses assuntos extraordinários utilizam a linguagem para questionar as verdades universais e afirmar suas identidades. Assim, a proposta deste trabalho é explorar as dinâmicas complexas de interação entre linguagem, individualidade, identidade e responsabilidade individual, utilizando o arcabouço teórico oferecido por Mikhail Bakhtin.

No trabalho de Holquist, a linguagem é entendida não apenas como meio de comunicação, mas também como ferramenta por meio da qual a identidade individual, mas também social, é construída e moldada. Nesse sentido, a hipótese que se coloca é que a separação entre a orientação objetiva e a individualidade afeta a maneira como as pessoas constroem posições e entendem como verdades.

Portanto, este estudo visa responder às seguintes perguntas: como a interação dialógica relativa ao autoconhecimento e percepção dos outros relacionados à identidade? Quais são os efeitos opostos “*istcionários*” – *istina* “ou verdade objetiva, verdade “*pravda*”. Verdade subjetiva – em criar conhecimento e trilhar um caminho firme para ele? Como conceitos como dialogismos bakhtiniano e a polifonia podem nos ajudar a entender como funciona a dinâmica do uso do poder e da comunicação?

O problema central desta pesquisa é considerado a relação entre linguagem e formação social do indivíduo e aborda como os processos

de Bakhtin para leitores anglófonos, além de discutir e analisar os conceitos de dialogismo e polifonia. Ele também tem investigado as implicações filosóficas e políticas das obras desse círculo de pensadores. Além disso, Holquist é conhecido por sua habilidade em conectar a teoria bakhtiniana com questões contemporâneas em estudos literários e sociais, contribuindo para uma compreensão mais ampla e crítica da literatura e da comunicação. (Data: 2023)

discursivos em contexto social afetam a produção de entendimentos de responsabilidade e busca pela verdade. Este projeto tentará responder qualitativamente a essas perguntas segunda uma análise da literatura ao redor dos conceitos de bakhtin, contribuindo para uma visão mais profunda da maneira que a linguagem influencia/molda as relações humanas e sociais.

A relevância desta pesquisa decorre da centralidade do intercâmbio linguístico e identitário nos debates contemporâneos. Como estudou Mussalim, em 2021, relações sociais identidades, a língua não é mais uma forma auxiliar de significado, um instrumento para ser utilizado na comunicação, mas um espaço fundamental de experiência, expressão de uma relação de identidade individual e social.

Compreender como o idioma muda e reflete as formas de ser das identidades coletivas é altamente importante num mundo plural baseado na interdependência. Bakhtin – políticas de exclusão de polifônica do diálogo e perspectivas diferentes oferece uma estrutura teórica para análise. Obras como Seidel⁴ demonstram a importância da obra de Bakhtin em ajudar a enfrentá-las são da linguagem como especificidade social e, portanto, função dialógica fundamentalmente dos botões da interação social e da formação de identidades nos contextos variados.

Há uma necessidade crescente deste tipo de pesquisa que se estende a uma variedade de áreas, de seu próprio campo natal da linguística à antropologia, desde a filosofia da linguagem até aos estudos culturais. A ênfase principal na obra de Bakhtin na linguagem como características sociais e, portanto, o dialógico tornou-se uma ferramenta particularmente importante nas investigações da dinâmica do discurso de formação de professores, como na obra de Magalhães, Ninin e Lessa⁵.

⁴ Seidel refere-se a M. B. Seidel, um estudioso e crítico de literatura e linguística, que se destacou por suas análises sobre a obra de Mikhail Bakhtin e o Círculo de Bakhtin. Seus trabalhos abordam temas relacionados à estética, à linguagem e à teoria do discurso, contribuindo para a compreensão das interações entre literatura e contexto social. Seidel também é conhecido por explorar a polifonia e o dialogismo na literatura, influenciando a crítica literária contemporânea. Sua pesquisa é significativa para os estudos da teoria literária e para a aplicação das ideias bakhtinianas em diferentes disciplinas.

⁵ Magalhães, M. C. C., Ninin, M. O. G. e Lessa, Â. B. C. T. são autores que contribuíram para o estudo da dinâmica discursiva na formação de professores, discutindo as interações entre diferentes formas de discurso e suas implicações educativas. Em seu artigo “A dinâmica

Outro trabalho importante, como o Andrade e Guerra⁶ A transfiguração do mundo pelo ato palavra, ilustra a relevância dos pensamentos de Bakhtin para a ideia da linguagem em contextos variados. Bakhtin e Volochinov investigam a linguagem como uma especificidade social e, portanto, sua conexão com a consciência individual foi de grande importância, enfatizando a importância da interação verbal na formação da identidade.

A interconexão global crescente hoje em dia, especialmente com o desenvolvimento da revolução das tecnologias digitais, levou a questões adicionais sobre como a linguagem é usada e refletida em identidades sociais. O desejo de aprender como a linguagem é espaço das identidades e onde se tornarem relevantes aumenta em um futuro a diversidade cultural crescente e a conectividade global.

Portanto, ao longo deste trabalho, exploraremos as indicadas relações entre linguagem, sujeito e contexto social, fundando-nos principalmente nas teorias de Bakhtin. Simultaneamente, desafiaremos a concepção tradicional da linguagem como um sistema estático, buscando mostrar sua natureza dinâmica e interativa, que reflete, ao mesmo tempo em que molda, a realidade social na qual todas essas belezas transitam constantemente entre a totalidade e a mudança.

A discussão deriva com uma análise crítica das noções de dialogismo e polifonia, fundamentais para compreendermos a construção e identitária, onde foi encontrado no cerne das interações discursivas. A partir daí, investigaremos como a linguagem não apenas expressa, mas também participativa das lutas sociais, funcionando como um espaço de negociação, onde os significados são

discursiva na formação de professores: discurso autoritário ou internamente persuasivo?”, publicado na *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, abordam como os discursos autoritários ou persuasivos podem moldar a formação docente e, por extensão, a prática pedagógica. Essa reflexão é fundamental para entender a influência das relações de poder e das ideologias presentes no ambiente escolar. Os trabalhos conjuntos desses autores enriquecem o debate sobre a educação crítica e a análise do discurso, oferecendo novos insights para a formação de educadores no contexto contemporâneo.

⁶ Andrade, D. M. e Guerra, M. J. O. A. são autores que têm contribuído significativamente para a análise do discurso e sua relação com a formação de professores. Em seu artigo “A (trans)figuração do mundo pelo ato-palavra de/em ‘Mineirinho’”, publicado na *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, eles exploram como a linguagem e o discurso influenciam a vivência e a construção de identidade na educação. Seus trabalhos fornecem insights sobre a importância da interação discursiva e das relações de poder no contexto educacional, enfatizando a necessidade de uma abordagem crítica na formação docente que considere as múltiplas vozes e experiências presentes no ambiente escolar.

constantemente reconfigurados.

1 CONTEXTO BAKHTINIANO

Os vários campos da linguística são importantes neste trabalho porque proporcionam uma compreensão abrangente da linguagem, seu funcionamento e suas interações sociais. A linguística, como ciência que estuda a linguagem em suas diversas manifestações, permite abordar questões complexas sobre comunicação, identidade e sociedade de forma crítica e reflexiva .

Por exemplo, a distinção entre formalismo e sociologismo na linguística destaca a relação entre linguagem e pensamento, assim como a interação entre linguagem e sociedade . Essa dualidade é essencial para entender como diferentes contextos e ideologias influenciam a produção e interpretação de discursos. A abordagem bakhtiniana, que enfatiza a dinâmica da linguagem e seu papel social, também sugere que a língua é moldada pelas condições sociais e históricas em que é usada .

Além disso, a análise linguística pode revelar como a linguagem pode ser um espaço de resistência e construção identitária, destacando a importância da diversidade nas interações sociais . Assim, a integração de diferentes campos da linguística enriquece a pesquisa e contribui para um entendimento mais profundo das dinâmicas sociais contemporâneas e de como a linguagem se relaciona com questões de inclusão e representação .

Assim, neste momento, pretende-se fazer uma introdução geral que apresenta as discussões que se desenvolveram no século XX e como elas ocorreram ao longo dos últimos séculos, bem como a definição do objeto da linguística foi se apresentando. A primeira ideia deste momento é fazer essa apresentação da linguística ao longo de seu processo histórico, para situar o autor Bakhtin dentro dessa discussão que também teve sua forte influência.

Durante o século XX, muitas propostas linguísticas foram apresentadas na busca por oferecer respostas aos diversos problemas da linguagem. Muitos filósofos e filólogos tentaram oferecer respostas concisas, de forma a tornar o entendimento da linguagem um objeto claro e bem definido para todos. Porém, no decorrer do século XX, as proposições científicas sobre a linguagem ainda apresentavam lacunas a serem preenchidas, principalmente devido à influência da herança teórica e bibliográfica dos séculos anteriores na formação do pensamento no século XX¹.

Conforme afirma autora Eni Orlandi, 2009, o homem busca dominar o mundo através do conhecimento, incluindo a compreensão da linguagem. Ele procura responder perguntas sobre o porquê e como falamos, a diferença entre línguas e o poder das palavras. Ao entender a linguagem, o homem tenta controlar seu poder. Um interesse antigo e uma ciência moderna, a sedução da linguagem sempre fascinou o homem, desde a antiguidade. Filósofos gregos e hindus, assim como estudiosos medievais, exploraram a natureza da linguagem. No século XX, a linguística surgiu como uma ciência que busca descrever e explicar a linguagem verbal humana.

Para tanto temos que poder responder o que é e o que não é linguística? A linguística é diferente da gramática tradicional, pois não se preocupa em prescrever normas ou regras de correção para o uso da linguagem, ainda segundo Eni Puccinelli Orlandi, A linguística estuda a linguagem verbal, oral ou escrita, que é composta por signos que o homem produz ao falar ou escrever (PUCCINELLI, 2009, p. 10). Esses signos são fundamentais, pois dão ao homem sua dimensão simbólica e sua conexão com outros indivíduos e a natureza. Além da linguagem verbal, existem outras espécies de signos que fazem parte da vida humana, como a pintura, a mímica, o código de trânsito, a moda, entre outros. Esses signos são objeto de estudo da semiologia, que é uma ciência geral dos signos. Os signos da linguagem verbal são tão importantes que têm uma ciência própria, a linguística.

1.1 Alguns precursores: os séculos XVII e XIX

A história da linguística pode ser rastreada em dois momentos principais: o século XVII, quando as gramáticas gerais surgiram, e o século XIX, período no qual as gramáticas comparativas foram politicamente aplicáveis (TRABANT, 2020).

No período do século XVII, o estudo da linguagem era profundamente abordado pelo racionalismo, tentando sintetizar princípios lógicos globais que se aplicassem a qualquer idioma. Essa era marcada pela observação do dispositivo da clareza na linguagem e guiada pelo princípio de sistematicidade e ordem na compreensão das estruturas da linguagem.

No entanto, em breve, com a chegada do século XIX, um novo foco orientava toda a investigação linguística. O estudo da dinâmica da linguagem através de várias épocas começou a ganhar destaque. De fato, o início das relações com as línguas europeias atentava para a compreensão do parentesco.

As relações entre as gramáticas foram desenvolvidas, e foi nesse contexto que tais leis foram confirmadas. A contribuição do século XIX foi a comprovação de que as mudanças gramaticais não eram aleatórias, mas sim previsíveis e regulares.

Além disso, as chamadas leis fonéticas foram estabelecidas, evidenciando que a substituição linguística seguia padrões regulares e empíricos. Essas experiências formam a base para a linguística moderna e estabelecem um precedente para a análise de outros aspectos da linguagem até os dias de hoje.

1.2 A ciência da linguagem e sua escrita

Assim, pode-se ver que a escrita simbólica no século XIX desempenhou um papel crítico no desenvolvimento da linguística como disciplina científica. De fato, contribuiu com uma série de conceitos e métodos que permitiram formalizar o estudo da linguagem. Entre elas, esta pesquisa considerou a metalinguagem – ou o uso da própria linguagem para discutir e analisar a própria linguagem – como uma das mais cruciais.

Especialmente a ênfase na metalinguagem, de forma geral, distingue a linguística das outras ciências humanas, pois sua tarefa não é apenas descrever os fenômenos linguísticos, mas refletir sobre os processos subjacentes da comunicação da linguagem humana. As ideias afirmavam que a ascensão de uma escrita rigorosa e formal no século XX resultou em progressos significativos na teoria e na prática linguísticas, mas também abriu novos debates sobre a utilidade desta abordagem.

Enquanto os defensores daquele viam a técnica rigorosa como clara e precisa, influenciados por pensadores como Bakhtin, os críticos apontavam para a insuficiência dela e abogavam por uma compreensão mais dinâmica e contextual da linguagem. De fato, Bakhtin considerou que a própria linguagem não era um sistema de regras codificadas, mas um fenômeno social e cultural dinâmico. Para ele, a metalinguagem devia ser um espaço do diálogo, não um monólogo de especialistas.

Essa relatividade do postulado de Bakhtin pode ser atribuída à sua crítica do “excesso de sistematização” em outras teorias linguísticas, enfatizando a importância do contexto social e histórico. Desde este ponto de vista, a metalinguagem, longe de ser uma ferramenta técnica, é essencial para compreender a luta social e ideológica por trás da linguagem.

Nesse sentido, a perspectiva de Bakhtin enriqueceu efetivamente o debate

linguístico, tornando-o mais interdisciplinar e contribuindo para a compreensão não só da linguagem em si, mas também mais aprofundada das relações entre a língua e a realidade. Assim, a metalinguagem, de várias formas, não é apenas uma ferramenta técnica, mas uma arena de competição onde as várias ideologias e identidades são incorporadas, manifestando-se na vida social e na complexidade de suas contradições e conflitos

1.3 As duas tendências

A linguística tem sido dividida em duas tendências principais: formalismo e socio- logismo. O formalismo foca na relação entre linguagem e pensamento, buscando o que é universal e constante. O sociologismo estuda a relação entre linguagem e sociedade, buscando o que é diverso e variado. Essas tendências definem os estudos linguísticos.

Ainda seguindo nesta introdução é importante destacarmos aqui o advento do estruturalismo a partir de Ferdinand Saussure. Ferdinand de Saussure⁷ (1857-1913), pai da linguística moderna, é conhecido pelo seu Curso da linguística geral (1916), (PUCCINELLI, 2009, p. 19). No entanto, ele também dedicou muito tempo ao estudo de anagramas.

Saussure acreditava que havia um texto oculto por trás do texto poético, e que o leitor percebia esses sons condutores. No entanto, essa parte de seu trabalho foi rejeitada pela comunidade linguística. O Saussure reconhecido é o do Curso, que estabeleceu a linguística como uma ciência autônoma. A linguística tem quatro disciplinas: fonologia, sintaxe, morfologia e semântica.

Saussure definiu a língua como um sistema de signos, com o signo sendo a associação entre significante e significado (SAUSSURE, 2006). Ele enfatizou que a imagem acústica não se confunde com o som, sendo uma representação

⁷ Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um linguista suíço considerado um dos fundadores da linguística moderna e um dos principais teóricos da semiologia. Sua obra mais influente, "Curso de Linguística Geral", foi publicada postumamente em 1916 por seus alunos, a partir de suas notas de aula. Saussure introduziu conceitos fundamentais que moldaram o estudo da linguagem, como a distinção entre "langue" (a língua como sistema social) e "parole" (a fala individual), além de enfatizar a natureza arbitrária do signo linguístico, que é composto por um "significado" e um "significante". Ele também destacou a importância da estrutura e das relações entre os elementos dentro de um sistema linguístico, o que influenciou não apenas a linguística, mas também áreas como a antropologia, a filosofia e a crítica literária.

psíquica. O laço entre significante e significado é arbitrário e convencional. Saussure também distinguiu entre língua (abstrata e social) e fala (concreta e individual), excluindo esta última do campo da linguística. Além disso, ele separou a sincronia (estado atual da língua) da diacronia (evolução da língua no tempo), considerando esta última incompatível com a noção de sistema. Esses conceitos estabeleceram a base da linguística como ciência (SAUSSURE, 2006). Saussure argumentou que, ao analisar a língua como um sistema formal, a sincronia é mais relevante, pois permite a identificação de padrões e estruturas que podem ser observadas de uma forma estável e coerente. Ele considerou que o estudo diacrônico, que lida com a história e as mudanças da língua, não deveria ser misturado com a análise sincrônica, pois a natureza sistemática da língua requer uma abordagem que examine as relações entre seus elementos em um dado momento, sem as complicações introduzidas por transformações temporais.

Essa distinção entre sincronia e diacronia estabeleceu a base da linguística enquanto ciência, pois permite que os linguistas tratem a língua de uma maneira que enfatize seus aspectos estruturais e funcionais. A construção de um sistema linguístico é assim vista como uma entidade estática em um dado momento, facilitando a compreensão e análise da linguagem como uma estrutura organizada, ao invés de um fenômeno em constante fluxo.

Embora a separação de Saussure tenha sido crucial para o desenvolvimento inicial da linguística como ciência, ela também gerou debates. Pensadores como Bakhtin, por exemplo, criticaram essa visão por ignorar o dinamismo da língua e suas interações sociais. Para Bakhtin, a língua é algo vivo, que deve ser analisado tanto em sua estabilidade sincrônica quanto em seu desenvolvimento diacrônico, sendo sempre influenciado por contextos sociais, históricos e cultural.

A organização interna da língua é chamada de sistema por Saussure. Seus sucessores chamam de estrutura. Cada elemento da língua só tem valor quando relacionado ao todo. Exemplo: uma peça de xadrez tira sua identidade da relação com outras peças e sua posição no jogo. Cada peça (rei, rainha, peões, etc.) não é apenas um objeto em si; seu valor e função no jogo dependem de sua posição e de como se relaciona com as demais peças. Se uma peça for colocada em uma posição diferente ou em um contexto diferente do tabuleiro, seu papel e importância mudam completamente.

Assim, cada unidade linguística se define pela sua posição no sistema da

língua. O método que analisa essa língua é o método estrutural. A linguística é considerada a ciência-piloto das ciências humanas (PUCCINELLI, 2009). A afirmação de que a linguística é considerada a ciência-piloto das ciências humanas destaca seu papel central no entendimento e desenvolvimento do conhecimento nessas áreas. A linguística estuda a linguagem, que é fundamental para a comunicação e a expressão de significados humanos, servindo como base para a análise do comportamento. Além disso, a linguística se conecta com disciplinas como, filosofia, psicologia, sociologia e antropologia, oferecendo compreensões sobre desenvolvimento cognitivo e variação social da linguagem. Seus métodos sistemáticos, como a análise de gramática e sintaxe, são modelos aplicáveis a outros campos das ciências humanas. A linguagem, como veículo para construção de identidades e narrativas, também ajuda a entender dinâmicas de poder e cultura. Assim, a linguística se torna essencial para uma compreensão mais integrada das interações humanas.

O estruturalismo é bem-sucedido e possui várias formas, incluindo o funcionalismo. O funcionalismo considera as funções dos elementos linguísticos em aspectos fônicos, gramaticais e semânticos (PUCCINELLI, 2009). A fonologia estabelece que apenas alguns traços sonoros têm valor distintivo na comunicação. O estruturalismo enfrenta dificuldades ao encontrar traços para distinguir significados e formas, mas utiliza relações de oposição e contraste para descrever as unidades linguísticas. As relações de substituição e combinação sustentam a estrutura da língua.

As diferentes funções da linguagem, como expressiva, conativa, referencial, fática, poética e metalinguística, são descritas pelos estruturalistas. Cada função tem seu foco em diferentes elementos da comunicação (PUCCINELLI, 2009, p. 27). A função expressiva se concentra no emissor, a função conativa no receptor, a função referencial no objeto da comunicação, a função fática no canal de comunicação, a função poética na mensagem e a função metalinguística no código. Cada função pode ser mais saliente em diferentes contextos. A linguagem pode ser usada para expressar sentimentos, comunicar com o destinatário, representar o mundo, estabelecer contato, enfatizar a mensagem ou discutir a própria linguagem.

1.4 O social e o cultural

As variações linguísticas ligadas à localização social e espacial dos

falantes são estudadas na linguística. Existem diferenças entre o idioleto (maneira de se expressar de um indivíduo), o dialeto (modo de comunicação regional) e a língua nacional (estilo de articulação do país). A sociolinguística examina a conexão entre linguagem e sociedade, vendo a linguagem como um espelho das estruturas comunitárias (PUCCINELLI, 2009, p. 48). Por outro lado, a etnolinguística considera a linguagem como a origem das estruturas coletivas. A sociologia da linguagem defende não haver separação entre ações linguísticas e ações sociais. Essas abordagens têm diferentes metodologias e focos de estudo.

As teorias linguísticas estão começando a considerar a relação entre linguagem, pensamento e sociedade. Na linguística, há diferenças entre o idioleto (forma de expressão de um indivíduo), o dialeto (modo de comunicação regional) e a língua nacional (estilo de articulação do país). A sociolinguística investiga a relação entre linguagem e sociedade, percebendo a linguagem como um reflexo das estruturas comunitárias (PUCCINELLI, 2009, p. 48). Em contrapartida, a etnolinguística vê a linguagem como a origem das estruturas coletivas. A sociologia da linguagem sustenta que não existe separação entre ações linguísticas e ações sociais. Esses princípios possuem diferenças. Por fim, a pragmática também está relacionada à teoria da enunciação e à semântica argumentativa, que consideram a linguagem como uma ação e enfatizam o diálogo e a argumentação.

1.5 Teoria da enunciação o eu e o outro

A teoria da enunciação aborda o sujeito da linguagem e sua relação com o destinatário, estudando as marcas de enunciação e a constituição do sujeito na linguagem. A língua não é apenas um instrumento de pensamento ou comunicação; desempenha um papel fundamental na formação da identidade (PUCCINELLI, 2009, p. 57). A enunciação é uma característica social, e a análise da língua deve considerar o contexto social e as características humanas. Historicamente, os conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin são essenciais para a linguística, embora seu desenvolvimento também tenha sido influenciado pela filosofia da linguagem e pelo marxismo. Os principais conceitos do teórico russo geram grande admiração, pois ao priorizarem o diálogo, eles desafiam a visão monológica da linguagem, que tende a ser casual, racional e universal.

A filosofia russa no século XX lutava por uma nova compreensão da linguagem e do sujeito. Bakhtin desafiou a visão monológica da linguagem como uma enunciação privada, livre e isolada, apresentando uma alternativa de diálogo

como base para a teorização da comunicação humana. Para Bakhtin, o dialogismo destaca a natureza interacional e intersubjetiva da linguagem. A fala sempre responde ao que foi dito anteriormente e há diversas vozes em um diálogo, observe ele. Por meio dessa interação, o indivíduo molda sua identidade e inscreve significado em sua experiência de vida. Como uma extensão do conceito de dialogismo, a polifonia refere-se à pluralidade de vozes que podem ser incluídas em um texto ou discurso. De acordo com Bakhtin, um discurso polifônico permite que uma multiplicidade de vozes se expresse, em vez de permitir que uma única perspectiva ou cosmovisão eclipse todas as outras. Essa riqueza sonora acrescenta profundidade à textura da linguagem, parte integrante de seu caráter. A ideia de diálogo e polifonia tem implicações importantes para a compreensão do sujeito. Para Bakhtin, não havia um sujeito bem formado; o sujeito é um ser social e histórico formado na interação com outros sujeitos. Ao abraçar a polifonia e o diálogo, uma pessoa define a si mesma, ao mesmo tempo em que acrescenta um grupo de vozes. Assim, a escrita do sujeito é apenas uma manifestação de seus próprios pensamentos e sentimentos (Bakhtin), e é aceito que a identidade do indivíduo é, a todo momento, afetada por outras interconexões.

1.6 A queda do subjetivismo aos contratos discursivos

A linguagem é uma das ferramentas mais importantes que temos para nos expressar e nos comunicar com os outros na sociedade humana. Através da linguagem, podemos compartilhar nossos pensamentos, emoções e experiências e influenciar o mundo ao nosso redor. No entanto, a linguagem não é apenas uma maneira de transmitir ideias; é também uma forma poderosa de influência.

A abordagem tradicional é o discurso como mera expressão, com os enunciados refletindo apenas as condições subjetivas individuais. No entanto, constata-se que a geração de discursos argumentam contra essa interpretação, expondo a experiência e a perspectiva em uma segunda instância. Portanto, uma abordagem unidimensional se torna insuficiente. Esta dissertação examina o trabalho de Bakhtin (2019) sobre como os sujeitos são formados. Descobriremos como as situações sociais e históricas influenciam a maneira como conversamos. Analisaremos como o discurso e os enunciados exercem poder sobre as pessoas e a sociedade em geral.

Este trabalho também procura contribuir com as pessoas a formar uma visão objetiva sobre os princípios da linguagem e sua função na comunicação em uma

sociedade. Ser capaz de considerar como o discurso é criado e como ele pode alterar a sociedade será benéfico, pois nos permitirá comunicar de forma mais clara e eficaz. Bakhtin (2019) argumenta que ver o discurso como resultado exclusivamente da experiência subjetiva individual é uma visão restrita. Ele afirma que, ao extrair uma expressão evidente, não se considera a percepção de todos os observadores, mas sim reafirma um campo de contradições. Para Bakhtin, a linguagem se torna um destino moldado pelas condições pessoais, e ele ressalta que a luta é uma constante.

Isso também pode sugerir que a interação vai além de simplesmente encontrar uma voz. O discurso precisa transcender o sujeito e considerar um senso de tempo em diferentes contextos históricos e sociais

A língua como um sistema estável de formas normativas idênticas é somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.2) A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação socio discursiva dos falantes.3) As leis da formação da língua não são de modo alguns individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.4) A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística .5) A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado, como tal, existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito da palavra “individual”) é um *contradictio in adjecto*.. (BAKHTIN, 2019, p. 224)

Bakhtin argumenta que a língua é um processo e não um sistema definido. Ele propõe uma perspectiva dialógica na linguagem, que refuta a visão tradicional de que a comunicação deve ser rigorosa e uniforme. Segundo Bakhtin, a língua está sempre se reinventando, e os falantes estão constantemente recriando-a. Esse processo ocorre ao falarem, pois a linguagem é um meio pelo qual expressam e juntam suas ideias, valores e experiências de vida.

As leis que moldam esse desenvolvimento não são individuais ou psicológicas, mas sociológicas. As condições sociais e históricas sob as quais a língua se manifesta determinam as regras que a formam. O desenvolvimento da linguagem não é apenas uma atividade estética ou ideológica; é uma atividade profundamente social, que ocorre quando as pessoas utilizam para se comunicar. Portanto, Bakhtin argumenta que a língua é um processo em andamento, evidente pela mudança constante que ela sofre. Novas palavras são criadas, palavras antigas caem em desuso e as regras gramaticais mudam. Além disso, as pessoas usam uma língua de maneiras diferentes em contextos sociais variados. Por exemplo, a

forma de comunicação em uma sala de aula diferente daquela em um bar. As pessoas também utilizam a língua para expressar diversos valores e ideologias, como pode ser observada na diferença entre o discurso de um político e o de um artista.

É necessário enfatizar que o papel da ideologia e da classe social é crucial, uma vez que a subjetividade de qualquer indivíduo segue a estrutura discursiva de uma ideologia particular. Ao considerar a produção de discursos em situações sociológicas específicas, as pessoas ao redor desempenham um papel significativo. As palavras usadas para descrever essas relações criam uma ponte entre os indivíduos, permitindo a comunicação. Essas palavras e enunciadas estão inseridas em uma ideologia ou cultura específica. Assim, é fundamental lembrar que as diversas palavras utilizadas para descrever diferentes relações são influenciadas pelas individualidades de cada pessoa.

Quando um indivíduo se posiciona em relação a um assunto, uma diversidade de comprometimentos se desenvolve, associada a um contexto social mais amplo do que ele consegue compreender. Uma objeção pode ser feita em relação a essa análise. A expressão “a individualidade é uma evidência” sugere que, no nosso país, a individualidade é vista como um fato inquestionável. Essa objeção implica que, uma vez que todos têm experiências e perspectivas únicas, os discursos gerados por essas pessoas devem ser autônomos e independentes da ideologia.

Entretanto, essa ideia é problemática, pois ignoramos o papel das influências sociais e culturais que moldam até as mesmas vozes mais privadas. Se você entender que a individualidade é uma “evidência”, pode-se pensar erroneamente que se compreende como a subjetividade é formada e expressa. Nesse sentido, a crítica é que essa visão da individualidade pode ser desconsiderada. Bakhtin, ao dialogar com o marxismo e a filosofia da linguagem, argumenta que a autoevidência da individualidade é, na verdade, um sinal externo — um reconhecimento social que estabelece a individualidade como tal. A individualidade não se origina pela própria individuação, mas sim pelas relações significativas que estabelecem os efeitos do sentido.

Por sua vez, a ideia de consciência é uma ficção, embora compartilhada por todos nós. A subjetividade, enquanto restrição, é uma construção social, produzida pela condição coletiva.

Medviédev considera que a criação ideológica se realiza concretamente no espaço da comunicação social, constituindo-se no meio pelo qual “um fenômeno ideológico adquire, pela primeira vez, sua existência e, seu significado ideológico, seu caráter de signo”. Disso decorrem as formas de

comunicação social instituídas e válidas para um grupo social, pois “uma coletividade possuidora de percepção ideológica cria formas específicas de comunicação social (MEDVIÉDEV, 2019, p.53), que correspondem às relações dialógicas estabelecidas entre um locutor (falante, autor, escritor, poeta etc.) e seu auditório visado, que reage ao movimento do locutor.” (STELLA; BRAIT, 2022, p. 9)

Isso demonstra a relação entre subjetividade, ficção e individualidade ao afirmar que “subjetividade é uma ficção” porque ela é a subjetividade da comunicação. Portanto, a subjetividade é, de certa forma, uma construção e não ocorre no descartável, mas no contexto da coletividade.

Medviédev⁸ deixa claro que “aquilo que uma pessoa chama de sua própria ideologia, seus significados e interesses são, em grande parte, movidos e formulados no processo de interação social e não são independentes”. Dado que a individualidade reflete apenas o coletivo, o que alguém conhece, ama, deseja e afins é, em pequena parte, conhecido e aceito por outros membros da sociedade.

Isso significa que a experiência individual não é autocontida e exige valores do coletivo para comparação e, portanto, para comunicação. Dessa forma, a subjetividade não é uma experiência pessoal, mas a experiência e a precisão comunicativas de ser.

1.7 A produção de sentido como individualidade.

A ideia de ser único e individual é basicamente uma invenção da sociedade, influenciada pelos aspectos econômicos e sociais. As ideias que compartilhamos são moldadas pelas diferentes classes sociais, e as ideologias que seguimos são influenciadas pelas forças sociais em constante mudança. Parece que somos indivíduos separados dos outros, mas na realidade somos moldados pelo discurso social das elites que criam as ideologias dominantes.

A primeira característica, a consciência sgnica e individual, refere-se, segundo argumenta Volóchinov (2017, p.116), à impossibilidade de o psiquismo funcionar como algo essencialmente e unicamente subjetivo, porque “não há psiquismo fora do material sgnico”. Em outras palavras,

⁸ Pável Medviédev (1885-1938) foi um intelectual e crítico literário russo, conhecido por seu envolvimento no Círculo de Bakhtin. Ele desempenhou um papel importante nas discussões sobre linguística, semiótica e estética literária durante o início do século XX. Junto com Mikhail Bakhtin e Valentin Volóchinov, Medviédev contribuiu para o desenvolvimento de conceitos teóricos que exploravam a relação entre linguagem, sociedade e cultura. Suas obras muitas vezes abordavam a função da literatura na vida social e a importância do contexto histórico na interpretação dos textos. (Data: 2023)

os signos ideológicos circulantes e válidos na consciência do indivíduo não nascem e circulam dentro de um movimento psíquico somente, isto é, não se restringem apenas à consciência individual. Os signos ideológicos existem no “mundo dos signos”, circulando em todos os campos da criação ideológica, refletindo e refratando a realidade de diferentes modos dependendo do campo de circulação, pois “cada campo possui sua função específica na unidade da vida social” (VOLÓCHINOV, 2017, p.94)

A concepção de individualidade é central na sociedade atual. Somos levados a acreditar que somos seres únicos, com nossos próprios pensamentos, sentimentos e experiências.

A ideia de individualidade, em última instância, é uma construção social. Ela nasce dos princípios socioeconômicos vigentes e é moldada pelas forças sociais que emergem ao nosso redor. Por exemplo, as condições econômicas de uma sociedade podem determinar as oportunidades que temos para desenvolver nossa individualidade. Em uma sociedade desigual, as pessoas de classes sociais mais altas podem desfrutar de mais chances de expressar sua singularidade, enquanto aquelas de classes sociais mais baixas podem ser limitadas nesse aspecto.

Da mesma forma, as forças sociais emergentes, como a cultura popular, também exercem influência sobre nossa concepção de individualidade. A cultura popular nos apresenta imagens idealizadas de individualidade, muitas vezes difíceis de alcançar na vida real. Isso pode criar uma pressão para nos encaixarmos em determinados padrões. Ao fazer isso, os indivíduos podem se distanciar de sua “verdadeira essência”, que se refere a suas identidades, valores e crenças autênticas que os fazem únicos. A conformidade com normas sociais pode levar à supressão da individualidade e à perda de uma conexão genuína com o que realmente são, resultando em um sentimento de alienação ou insatisfação.

Concluimos então que a individualidade é um conceito complexo, influenciado por uma miríade de fatores. Não é uma característica inata do ser humano, mas, sim, uma construção social que está sujeita a variações e distorções. É importante ter consciência dessa influência e buscar uma construção mais autêntica e genuína do que significa ser único em meio a todas as influências externas.

1.8 O auditório social.

É importante compreender que o que existe nas aparentes produções de discursos individuais é, na verdade, o auditório social, ou seja, a reprodução do discurso social na subjetividade do indivíduo. Quanto mais recursos cognitivos ele possui para elaborar conceitos e categorias, mais próximo ele está das camadas

produtoras de sentido e enunciação. Em um sistema social, todo enunciado é social. A experiência da linguagem é um fenômeno do meio social, e é razoável abandonar a perspectiva individualista de formação do discurso e considerar a estrutura linguístico-social.

As fronteiras que constituem o contexto extraverbal podem ser estabelecidas por meio da relação dialógica envolvendo dois participantes presentes na comunicação e definidos como um 'eu' e a "categoria axiológica mediadora de outro" que não é exatamente aquele a quem o locutor direciona seu enunciado. Trataremos primeiramente do 'eu', cujas primeiras pistas encontramos em Volóchinov (2017), quando da discussão do autor acerca da primeira tendência do pensamento filosófico-linguístico no tratamento do problema da vivência centrada no 'eu'. Para o autor, a vivência do eu, sem um auditório social a quem esse 'eu' possa orientar seu enunciado, "perde a sua forma ideológica". (STELLA; BRAIT, 2022, p. 22)

Desta forma, ao invés de rejeitar o unilateralismo monológico, que coloca de lado o relativismo independente e individualista da subjetividade e toma as condições extraorgânicas da produção do discurso, o enunciado pode ser rejeitado como um evento monológico. É claro que a subjetividade é uma construção social e a produção de discursos é afetada por condições coletivas (SEIDEL, 2021). Portanto, a individualidade é uma construção social, que surge em um contexto cultural, histórico e social que determina como pensamos e nos expressamos.

Implica que a formação de identidade não se limite a fatores biologicamente lógicos, uma vez que ocorre em um processo em que nos envolve com nosso ambiente e outros ao nosso redor. Além disso, a produção de discurso é moldada por condições coletivas, que se referem ao ordenamento e aos valores da sociedade em que vivemos. Essas condições coletivas não apenas afetam o que dizemos, mas também como dizemos. Portanto, nossa linguística e expressão não ocorrem em um vácuo; isso ocorre em um contexto social que limita e torna flexível a forma como a individualidade se desenvolve. É prudente aceitar que a linguagem se torne, viva na interação social.

Os processos inumeráveis da criação da vida, as formas inumeráveis e diferenciadas da criação são consequência do Plano, que tem lugar nas interações, nos acontecimentos sociológicos. Para prosseguir mais adiante, é necessário aceitar todos os enunciados. É em tal pluralidade de manifestações sociológicas que se revelam como relações de língua e seu desenvolvimento (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2006). E é precisamente através da mais variada das expressões cotidianas que encontramos os elementos que compõem as manifestações de discurso na sociedade; as expressões de enunciados ilustram e constroem as

ideologias do contexto social exposto e delineiam como essas ideologias influenciam as formações de discurso. Ou evocando a impressão de individualidade, ou interatividade de subjetivações que precedem uma ordem evolutiva ainda maior e a inferência de que a impressão feita na realidade encontra uma qualidade monstruosa. A língua é uma característica sociológica; todas as flores residem dentro de experiências sociológicas. E embora haja incorreções na compreensão e no entendimento dessas ordens, é o campo da sociologia que responde a todas as perguntas. As indústrias das produções de sentidos através das instituições.

O mecanismo humano mais importante do Ocidente – e talvez de todos os tempos – é a capacidade de subjetivar a realidade, revelando-se nos sistemas de signos que criamos: nestes somente se torna visível. Essas são as linguagens em sua manifestação máxima, pois é a mais completa representação dos diferentes mundos de significado e também a mais íntima representação de experiências individuais, apresentadas pelos e nos jogos de representar, recompensar, compartilhar e, em resumo, comemorar coletivamente. Mecanismos de subjetivação da realidade são essenciais mesmo à capacidade de interpretar o mundo ao nosso redor sob essas categorias dadas e com esse sentido suspenso, de fato usando-as.

Com o papel central que a linguagem desempenha na expressão do que percebemos e sentimos, é o sistema linguístico – gramática, vocabulário, formas de dizer – que proporciona a esta visão particular da realidade. Assim, se propaga de modos organizados com adequações diferentes: colabora para a detecção de diferenças de experiências e significados diferentes interpretações e emoções com base em contextos e culturas. Enfim, a linguagem é um sistema rico e multifacetado de diferentes formas de vivenciar a experiência humana. Na verdade, as experiências subjetivas não são formadas em indivíduos próprios – as instituições sociais formam um papel importante na modelagem deste específico, organizando os interesses que definem e categorias de representação.

Portanto, é necessário compreender como as instituições moldam nossas compreensões e interpretações de experiências humanas individuais; em última instância, influenciando nossa compreensão de uma questão, como a categoria de gênero, raça e classe social. Com maior atenção, novas visões e novas experiências de poder político podem ser desenvolvidas.

Bakhtin, afirma que, nesse contexto, a palavra é o elemento primário que deve ser tratado ao estudar como ideologias. A palavra é um signo que significa

alguma coisa, como objetos, conceitos, emoções, entre outros. Para ele a palavra é neutra, isto é, não está ligada a um significado fixo. São as afirmações da palavra que determinam seu significado. Essa abordagem faz da palavra um instrumento eficaz para expressar várias ideologias, incluindo os principais e alternativas.

Bakhtin argumenta que a palavra em todas as variáveis e etapas da formação de consciência está presente. As pessoas usam para descrever a realidade, trocar ideias e construir relacionamentos sociais. Portanto, a palavra é o indicador principal para estudar as variedades de consciência como as ideias que refletem como as ideologias dominantes e as alternativas formam nossa compreensão. Portanto, é precisamente a palavra que deve ser estudada para descobrir o íntimo das ideologias e seu poder de formação.

Somente através da palavra podemos ver como as ideologias são criadas e como influenciam a mente humana e a ação. Por exemplo, a palavra “amor” pode refletir diferentes ideologias. Na ideologia romântica, o amor é descrito como um sentimento puro e desapegado. A ideologia do consumidor vê o amor como um produto, que é comprado e vendido ou substituído. A palavra “liberdade” também pode descrever ideologias. Na ideologia democrática, a liberdade é um direito garantido a todos os seres humanos. No entanto, em uma ideologia totalitária, a liberdade é vista como um privilégio estatal. Estas palavras são universais, mas ao mesmo tempo refletem diferentes aspectos da ideologia que é estudada somente por palavras.

Por sua pureza e neutralidade, isto é, porque consiste unicamente de signo, não tem outro uso que não o semiótico, porque pode exercer qualquer espécie de função ideológica e porque, mesmo para sua projeção, exige tão somente o organismo humano, é assumida a palavra como classe privilegiada dos signos para a análise das relações entre consciência e ideologia, quer ao nível interno à própria consciência – a constituição do discurso interior – quer ao nível de suas manifestações exteriores: “como instrumento da consciência, a palavra funciona como elemento privilegiado que acompanha toda a criação ideológica qualquer que seja a sua orientação” (Bakhtin, 2003, p. 23). Presente em todos os projetos e em todas as dimensões da formação da consciência e profundamente maleável por princípio em sua formação, constitui-se o signo lingüístico no indicador mais adequado das configurações assumidas pela consciência em seu processo de representar: “toda refração ideológica do ser em processo de formação é acompanhada de uma refração verbal”. Assim, pode-se concluir, Bakhtin, ao final do 1º capítulo, *Marxismo e Filosofia da linguagem*, que a “palavra é o objeto fundamental do estudo das ideologias” e é a análise filosófica de seu estatuto e de seu processo de formação que o marxismo poderá elaborar uma crítica da ideologia (Silveira, 1981, p. 19).

Esta é a citação anterior do trabalho de Bakhtin em que ele discute a

linguagem e sua relação com a ideologia, não que se refira ao marxismo. Este discurso prenuncia a hora de quando ele quer entender como a palavra — como signo linguístico — serve não apenas a comunicação, mas também a expressão e a projeção de ideologias em uma sociedade. No caso, ele considera a “palavra” como objeto de estudo mais importante ao discutir ideologias. Isso é relevante já que “palavra” é um conceito neste caso que implica tudo o que rodeia a linguagem, os discursos nos quais os objetos de ideologias são expressos e como. Em outras palavras, ao analisar a palavra das expressões sociais, um pode compreender a estrutura da ideologia e da mentalidade como tal.

A referência ao livro de Silveira em 1981 estabelece uma conexão entre essa leitura e um debate mais amplo sobre o texto e suas conexões com as ideologias, baseado em uma perspectiva crítica. No entanto, a perspectiva desse debate tem suas raízes no marxismo, que busca uma compreensão geral do poder e da autoridade, bem como da consciência. O texto em questão é mais associado à linguagem na literatura e suas conexões com a mentalidade social, o que ilustra a interdependência entre palavra e ideologia através das múltiplas vozes nos discursos culturais e literários.

Assim, a linguagem não é simplesmente reflexiva, mas projetiva, uma postura que reflete o reconhecimento do poder da linguagem. Para citar exemplos comuns, um discurso político polarizado e estereotipado talvez nos torne mais intolerantes, dificultando ao considerar a dignidade de outras perspectivas, ou um discurso sexista e discriminatório talvez perpetue inúmeras injustiças e preconceitos sobre igualdade de gênero. No entanto, tais poderes nem sempre são malévolos. Com certeza, aqueles que mais são investidos no controle da respeitabilidade mantêm perspicácia sobre as potencialidades da linguagem. Tais são responsáveis por serem “combates de palavras”, alguém que atrai decisivamente a interpretação da realidade com eles, e não algo neutro ou inócuo.

Enquanto usamos a linguagem todos os dias, a linguagem também nos usa, projetando nossas ações e carregando-nos para certas concepções de justiça e injustiça. Essa suposição me parece quase irrepreensível, ainda que complexa; nossa responsabilidade, embora curiosa, é outra imposição quando as condições humanas e as chamadas influências geográficas traiçoeiras estão aqui no jogo.

Tudo isso, no entanto, não significa que uma pessoa não tenha poder para realizar mudanças. Vale a pena destacar que, embora muitas palavras e expressões sejam dependentes do contexto social, esse fato não preenche muitos vazios; por exemplo, agência e crítica. Se o uso da língua é compreendido e, o que é mais

importante, um indivíduo está consciente de seu significado, isso cria oportunidades para desenvolver práticas mais inclusivas e justiça social. Portanto, ao invés de assumir que a responsabilidade é uma violação intangível entre o poder e o dever, consideramos como uma tentativa de promoção um convite na direção de reflexão e conscientização para indivíduos que abordam a comunicação de maneira normativa.

Há muito tempo, a luta por poder ideológico, institucionalmente promoveu uma pauta de controle sobre a produção de conhecimento, revelando um desejo de moldar a maneira como a sociedade entende o mundo. Além disso, a luta pela supremacia de um ou outro modelo cognitivo revela que não é uma razão que molda o desejo da sociedade; é seu desejo que se molde à razão. Isso pode ser lido de tal maneira que não é apenas documentação e produção de conhecimento ou que é inspirado pelo espírito do tempo; é nossa escolha e desejo final que moldem essas estruturas.

Portanto, a maneira como nos comunicamos e que o papel atribuído à língua é determinante para cada um de nós. Isso significa que as realidades sociais e culturais também são construídas considerando nossa comunidade social e linguística. Em outras palavras, a ideia de empreendimento individual deve ser modificada de acordo com os conceitos que regulam as discordâncias dessas estruturas. Em vez de dar ao sujeito uma agência total, é crucial ver que as estruturas são agências, limitam e até mesmo determinam. Em outras palavras, é a questão de como o sujeito é uma agência, e é organizado e disciplinado por um sistema social.

1.9 Perspectivas sociológicas

Em primeiro lugar, através de abordagens científicas, podemos usar as contribuições de Marx e Durkheim como modelos antropológicos e sociais, embora tenham posições fundamentalmente opostas sobre esse problema. A distinção entre eles não nega as ideias de Marx e Durkheim sobre a influência das classes sociais nos processos societários. Ambos acentuam que, embora a sociedade esteja exposta a forças naturais, às vezes é controlada pelos meios e sistemas relacionados com o sentido do mundo, que cada classe social usa de acordo com seus interesses.

Em segundo lugar, a linguagem é um dos mecanismos principais de condução e organização dos diversos representantes de entidades e comunidades humanas. Assim, o marxismo afirma que o controle sobre o sistema de

representação depende muito do controle dos meios de produção (MARX, 2007, p. 7-34). Isso acontece porque esses meios fornecem recursos para a aquisição de necessidades básicas de sobrevivência. Assim, aqueles que controlam os meios de produção podem moldar formas culturais privilegiadas para representar o mundo.

Em última análise, a cultura é um artista ao qual muitos agentes têm acesso – alguns dos quais têm interesses pouco claros – e que constroem e destroem, conforme necessário, de acordo com seus próprios interesses. Em essência, trata-se de uma tautologia: aqueles que usam o controle sobre a visão do mundo para seus próprios propósitos podem até mesmo implementar uma visão de mundo que lhes seja conveniente. É assim que as instituições e os interesses que nelas se veem, no âmbito da sociedade, têm usado a propaganda, a educação e a representação para criar e impor visões do mundo e sensibilidades que lhes são apresentadas.

No topo de sua operação é a lei do mais forte; um círculo de políticos e interesses financeiros é criado, e é pela força da instituição que manda neles que a cultura seja feita e desfeita. Já Durkheim considera isso uma especificação de ordem cultural que cumpre a tarefa organizacional de manter um grupo social unido. A ideia é simples: a coisa é mais forte do que o homem; uma organização normal sempre oprimirá um indivíduo. A sociedade deixa de ser uma natureza orgânica em benefício de interpretações e instituições humanas, que são capazes de fazer o mundo e das transformações que operam em nosso tempo uma máquina marionete (DURKHEIM, 1990, p. 183-203).

1.10 O sujeito e a singularidade no ato de pensar

O desafio não reside apenas na conquista da 'autonomia do pensamento' do indivíduo, mas em ampliar o 'casulo da mente' para observá-la e preservá-la em um 'mundo de distância' cada vez mais complexo. A evolução e a transformação da linguagem muitas vezes se confunde com a ideia de 'melhoria' ou com a superficialidade. A autonomia do pensamento parece exigir a criação de 'regras' abstratas que limitam a inteligibilidade no entanto, essa estagnação da linguagem impede sua adaptação às mudanças culturais e sociais; o que nos afeta, e sobre o que precisamos ser capazes de nos expressar.

O desenvolvimento da autonomia do pensamento ocorre por meio da linguagem, que nos oferece as ferramentas permitidas para questionar, refletir e interrogar, permitindo que nossas palavras se ajustem à nova realidade de um mundo em constante transformação e às necessidades comunicativas das comunidades a que pertencemos. Nesse contexto, a reflexão de Bakhtin sobre a

tensão entre a 'validade objetiva' e a singularidade do 'ato de expressão' torna-se especialmente relevante. Uma linguagem uniforme e impessoal não consegue capturar a singularidade da experiência humana. Quando a linguagem é dissociada da experiência, ela se torna um poder 'irresponsável e prejudicial'.

Portanto, a evolução da linguagem deve sempre estar vinculada à singularidade de cada ato de expressão. Promover a autonomia do pensamento não é um objetivo em si, mas um processo contínuo de reflexão crítica sobre as formas de comunicação e as ideologias – sejam elas capitalistas ou diversificadas – que nelas estão implícitas. Assim, a linguagem deve evoluir e aprimorar-se; não deve apenas refletir, mas também contribuir para a criação de um espaço onde cada indivíduo possa expressar suas ideias e valores de maneira autêntica e inclusiva. Isso requer uma compreensão da linguagem como uma característica social complexa e multifacetada. Se nos empenharmos nessa direção, o futuro se mostrará diverso, e nossas ações poderão amplificar as vozes e as vidas que nos cercam.

A ligação entre validade objetiva, abstrata, indiferente e a unicidade irrepitível da tomada de posição, da escolha, não pode ser explicada a partir do interior do conhecimento teórico, e pela ação de um sujeito teórico, abstrato, de uma consciência gnoseológica, precisamente porque tudo isso tem uma validade formal, teórica, indiferente à ação responsável do singular. São particularmente importantes as considerações de Bakhtin sobre as consequências da separação entre validade objetiva, abstrata, indiferente e a unicidade irrepitível da tomada de posição, da escolha; sobre as consequências da autonomia do que tem uma validade técnica, que se desenvolve segundo suas próprias leis imanentes, adquirindo um valor por si e um poder e um domínio sobre a vida do sujeito, uma vez que tenha perdido sua união com a viva unicidade do ato. Tudo o que tem valor formal e técnico, uma vez separado da unidade singular da existência de cada um e abandonado à vontade da lei imanente de seu desenvolvimento, pode tomar-se qualquer coisa de terrível e irromper nesta unidade singular da vida de cada um como força irresponsável e devastadora. (ANDRADE; GUERRA, 2022, p. 22)

Para Bakhtin, essa divisão entre a validade objetiva e a singularidade das tomadas de posição pode ser perigosa. O conhecimento científico, desvinculado da responsabilidade pessoal, pode justificar graves danos. O exemplo clássico é a tecnologia. Possui validade técnica – pode ser independente de todos os efeitos de seu uso. No entanto, quando usado deliberadamente, pode ser extremamente perigoso. Uma arma nuclear é um exemplo claro – pode ser produzida, portanto. Bakhtin argumenta que a validade objetiva e a singularidade das tomadas de posição devem ser mantidas juntas. Ou seja, o conhecimento científico deve ser aplicado de maneira responsável e não justificaria a destruição.

Essa verificação é extremamente atual. Isso requer o bom senso de aplicar essas informações na vida cotidiana. Em política, é necessário que os políticos sejam responsáveis. A medida da validade da evidência e o próprio uso do conhecimento científico são os dois principais. Na educação, os alunos serão ensinados a tomar pelo menos algumas decisões inteligentes. Na vida diária, a consideração das consequências de nossas decisões deve ser observada. Somente dessa forma poderemos aplicar o conhecimento científico de forma ética, ou seja, não daremos provas de ameaças organizadas ou virtualmente destrutivas.

Um dos grandes desafios para o desenvolvimento da minha pessoa é considerar o quanto uma reflexão profunda sobre as condições é capaz de permitir a minha autonomia de pensamento. Ou seja, nessa declaração está a validade da autonomia de pensamento no desenvolvimento da minha pessoa dentro da sociedade. Insistir com reflexões críticas profundas sobre as condições que permitem tal autogoverno.

Conseqüentemente, este último aspecto envolve consciência de si, capacidade de avaliar influências sociais, culturais e históricas que moldam nosso conhecimento. Em última análise, todos os grupos ou indivíduos devem ser livres e capazes de se expressar de acordo com suas próprias visões sobre o mundo, respeitando suas singularidades e umas às outras. A variedade de vozes enriquece a sociedade como um todo, permitindo que várias perspectivas coexistam e criem um ambiente aberto e inclusivo. Assim, a verdadeira autoridade não pode descansar em geral com alguém, mas em particular para todos; justamente porque, embora disciplina e várias ciências estejam todas bem, o conhecimento é único e do interesse de cada um; portanto, cada um constantemente o reivindica. Portanto, o ponto crítico na comparação dos modelos de conhecimento do mundo é o desenvolvimento cultural, a formação de conhecimento, a inovação tecnológica e a expansão de horizontes, com uma verificação cuidadosa das condições para a liberação do pensamento humano de si mesmo. Dado, que pode ser desenvolvido principalmente através da constante evolução e transformação da linguagem.

Em suma, pode-se dizer que, dentro dos pressupostos construtivistas anteriormente apresentados, a autonomia é possibilitada por meio de práticas educativas que enfatizam a reflexão, a discussão e o diálogo; é determinante para a evolução e transformação da própria linguagem nesse contexto, o que pressupõe que a linguagem não é meramente uma ferramenta de comunicação, mas também uma ferramenta que molda a forma como se pensa. Ser, então, prática de linguagem crítica e reflexiva é o que se faz acerca -, desta forma, da

noção de autonomia do pensamento. Ou seja, a autonomia é instanciada quando se cria um ambiente que favorece a curiosidade, a criatividade e a responsabilidade, permitindo que o indivíduo seja ativo no pensamento crítico – se torne pensador crítico e, deste modo, atuante na sociedade. Em outros termos, é necessário analisar criticamente como o pensamento em si é constituído e moldado por seu ambiente físico e linguístico, passando sempre pela autonomização e crítica sobre o modo como se olha o mundo.

1.11 Dialogismo e polifonia na language.

Não obstante, Bakhtin não teria desenvolvido tais conceitos nem criado novas discussões sobre o pensamento da linguagem e da literatura sem a sua abordagem de significância radical. Propomos que qualquer material exploratório que discuta um pouco sobre Bakhtin se refira a seus conceitos principais da dialógica, polifonia e estética da criação verbal.

Uma alternativa e o apartamento exotópico são trazidos à tona quando falamos em identidade e intersubjetividade. Meu eu e outro são as relações identitárias que os seres humanos constroem. Dessa forma, a alteridade leva outro a alimentar a noção de autonomia do indivíduo. O eu reflete o social e a cultura a que a interação é, de fato, vendida.

Por outro lado, exotopia descreve a complexidade ética e estética relacionada à criatividade do personagem de um escritor, que apenas traz o trabalho ao mundo. Além disso, a discussão de tal e tal conceito faz com que a análise das práticas sociais e morais seja profunda. A próxima seção apresenta uma discussão de trechos específicos relevantes apresentados a seguir.

A outredade é o elemento construtivo básico; este nível intersubjetivo implica sempre o eu no acontecimento do ser em sua relação com o outro, e pode ser resumido na máxima “no ser não há alibi”. A exotopia é o conceito que coloca em confronto diretamente a relação autor/herói em função da determinação entre forma e conteúdo, arte e responsabilidade, o movimento em direção ao outro. Ou seja, todo um programa de poética social e de ética responsável firmemente apoiada na alteridade, na exotopia e no discurso, que finalmente o conduzirão a desenvolver o conceito de dialogia. (Beth Brait, 2009, locais do Kindle 1882-1885).

A dialogia é um conceito central no pensamento de Bakhtin. Ele argumenta que a linguagem é inerentemente dialógica, ou seja, sempre ocorre dentro de um contexto social e envolve a interação entre diferentes vozes. A dialogia reconhece que a linguagem não é apenas uma expressão individual, mas sim um fenômeno coletivo, construído em um constante diálogo com outros discursos e perspectivas.

Ao explorarmos a teoria da dialogia de Bakhtin, somos levados a uma reflexão sobre a natureza das relações interpessoais e a formação da identidade. A dialogia não se limita a um simples intercâmbio de ideias, mas ultrapassa essa fronteira ao mostrar como nosso entendimento de nós mesmos é intrinsecamente ligado ao outro. A interação entre o “eu” e o “tu” não apenas define quem somos, mas também revela a importância da comunicação em nossas vidas. No trecho a seguir, que detalha esses conceitos fundamentais, teremos a oportunidade de aprofundar nossa compreensão sobre como a presença do outro molda o eu, ilustrando a concepção bakhtiniana de que somos seres essencialmente sociais, construídos através da constante troca verbal e relacional.

Neste ponto, a dialogia bakhtiniana adquire maior ressonância; poderíamos dizer que o pensar é mais bem entendido em seu lugar, nos limites adequados e, no entanto, o não-pensado pode ser mostrado partindo de outro lugar no pensado como seu. Convém lembrar, agora, o Outro bakhtiniano. É no processo da interação com o outro que nos tornamos sujeitos. O eu só existe relacionado a um tu: “ser significa comunicar-se”, e um “eu” é alguém que, por sua vez, é um “tu” para outro. A onipresença da voz é equiparável à ubiquidade do outro em nossa existência, de tal modo que a construção do eu, mediante o verbal (Beth Brait, 2009, locais do Kindle 1839-1843).

Dado o tema sobre identidade e intersubjetividade, também outras considerações são fundamentais para considerar a alteridade e a exotopia. Na última análise, todos esses conceitos revelam como a relação entre eu e outro molda nossa compreensão de ser a experiência humana.

Portanto, a alteridade, que ressalta a importância do outro no eu, nos força ao desafio de nossa noção de autonomia, infundindo e monitorando que a identidade eu sempre é, até certo ponto, um reflexo das interações sociais e culturais.

E exotopia, que desenha a relação complexa entre autor e herói, destaca a responsabilidade ante as dimensões significativas para a arte e a arte do significado.

Em resumo, tais considerações não somente fornecem, mas aprofundam nosso entendimento sobre a linguagem e a construção da experiência humana, convidando a um equilíbrio crítico de práticas sociais e éticas. Portanto, na citação seguinte, apresentaremos que ilustra essas ideias importantes e interconexões

A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes polivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência una do autor se desenvolve nos seus romances; é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes e seus mundos que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo

a sua imiscibilidade. Dentro do plano artístico de Dostoiévski, suas personagens principais são, em realidade, não apenas objetos do discurso do autor, mas os próprios sujeitos desse discurso diretamente. (Beth Brait, 2009, locais do Kindle 544-547).

Dostoiévski (1821- 1881) se destaca nessa perspectiva, uma vez que, ao contrário da monofonia, onde uma voz tem predominância, ele não efetua uma visão singular, mas forma uma polifonia. Essa polifonia se manifesta por meio de suas múltiplas personagens, que possuem consciências, opiniões e motivações próprias. Cada uma delas contribui para a construção de um vasto campo de ideias, que se entrelaçam em um diálogo rico e complexo.

As interações entre essas vozes criam um espaço dialógico repleto de princípios e conflitos. As várias vozes de Dostoiévski não se restringem a uma única subjetividade. Ao contrário, não há um autor ou uma autoridade que selecione ou homogeneize as ideias apresentadas. Em vez disso, todas as potencialidades estão entrelaçadas e interagentes, permitindo que cada personagem expresse sua individualidade.

Bakhtin observa que essa possibilidade de captar a realidade multissignificativa evita a resolução simplista de todas as questões críticas. A obra de Dostoiévski caracteriza-se por uma abertura inegável à pluralidade de vozes, que reflete a complexidade da condição humana. Essas perspectivas são destacadas por uma presença constante de diálogo, que desafia o leitor a confrontar a multiplicidade de opiniões e experiências presentes nas narrativas.

Assim, a riqueza da obra de Dostoiévski não reside apenas na profundidade de seus personagens, mas também na forma como ele habilmente construiu um espaço onde diferentes vozes podem coexistir, dialogar e, por vezes, conflitar. Essa dinâmica é fundamental para a compreensão das questões existenciais e sociais que permeiam suas histórias, tornando sua literatura atemporal e eternamente relevante.

O ato realmente criador (e todo ato, aliás) evolui nas fronteiras (nas fronteiras dos valores) do mundo estético, da realidade do dado (a realidade do dado é uma realidade estética), nas fronteiras do corpo, nas fronteiras da alma, evolui no espírito; quanto ao espírito, ele ainda não existe; para o espírito, tudo ainda está por-vir e o que já é, para ele, já foi. (BAKHTIN, 1997)

Dessa maneira, a jornada criativa começa no “mundo estético”; a realidade é revelada em sua experiência sensorial rica. É neste ambiente que os valores se cruzam um com o outro, moldando não somente a percepção do artista, mas também o fundamento da expressão de sua visão singular. A criação nesse

contexto é sempre estética em sua essência, cheia de beleza e significado.

A afirmação de perspectiva singular criada pelo artista parece ser contraditória à sem subjetividade e ao não-ideologialismo linguagens. No entanto, é exatamente no “mundo estético” que essa dualidade se revela. A jornada criativa começa nesse espaço; a realidade é experimentada em sua riqueza sensorial, e finalmente, os valores se cruzam.

O que é distorcido nesse espaço não é apenas a capacidade do artista de ver o mundo, mas seus valores subjetividade expressam uma visão, que apesar da subjetividade, é influenciada pelo social e pelo contexto histórico. Com isso em mente, a criação artística não é apenas uma manifestação individual – é um processo que é influenciado pela subjetividade, mas ainda pelo interacionismo da linguagem e pelas ideologias que se manifestam.

Nesse sentido, a beleza e a consequência da encarnação de alguma coisa garantem a interseção do subjetivo e do objetivo. Assim, o artista, encontrando-se nessas variedades, revela algo singular – e ainda, porque influenciou pelos outros, o coletivo.

A ideia de Bakhtin sobre a realidade como estética é fascinante, por dizer o mínimo. O “fato” aqui não é um engajamento factual ou objetivo – ao invés disso, está na multiplicidade da experiência sensorial. Assim, o artista, envolvido no que a realidade é enfrentada, encontra a grandeza da inspiração.

Corpo e alma são descritos por Bakhtin (1997) como vibrantes teatros da criação. O corpo, com suas sensações e mobilidade, fornece material artístico, enquanto a alma, com sentimentos e pensamentos, dá à criação um aprofundamento emocional e sentido. A interação entre corpo e alma é vital para o processo criativo, formando uma tapeçaria complexa e sofisticada, em constante transformação e repleta de emoções.

Falar espiritualmente com Bakhtin é caminhar em direção ao horizonte ilimitado. O espírito é sempre assim; o espírito é potencial. Um homem culto tem tudo a fazer, pois o que foi realizado é apenas um trampolim para novas criações. Sentimo-nos justificados em elevar a arte da beleza humana em todo o seu significado, expressando a arte como se fosse uma trilha oriental que nos leva ao ator que Bakhtin nos apresenta.

Um dos elementos mais significativos da obra de Bakhtin é a ênfase na natureza interconectada e na dinâmica da criação. O autor insinua que os limites e as restrições são ilusórios, e que a realidade é fluida e em constante mutação. Dessa forma, podemos concluir que a criação é um processo tumultuado e

sempre em movimento, com novas possibilidades e interpretações surgindo continuamente.

A visão de Bakhtin, portanto, oferece um vislumbre libertador das mais diversas formas de criação, inspirando uma atitude de abertura e avaliação perpétua para com a arte em todas as suas manifestações. Um conceito-chave conectado à estética da criação verbal é a carnavalização, tema central na obra de Bakhtin. Por meio da carnavalização, ele examina como a língua literária pode desafiar e reverter expectativas sociais e culturais. Bakhtin vê essa prática como uma forma de subversão e questionamento, pois a literatura carnavalesca é intrinsecamente subversiva em relação às estruturas e instituições dominantes.

A carnavalização é, como se disse, a transposição do carnaval para a literatura e as outras artes. A estatuária grotesca constitui-se em oposição à estatuária clássica. Por isso, mostra uma imagem do corpo que é o contrário daquela criada pelo cânone do classicismo. A imagem clássica do corpo é sempre a de um corpo pronto, acabado, bem proporcional, em plena maturidade, depurado de todas as escórias do nascimento e do desenvolvimento, bem-demarcado do mundo. Por isso, o que a estatuária clássica retrata são corpos jovens, em toda a sua beleza, com proporções perfeitas, sem orifícios abertos (olhos, nariz, ânus) e sem protuberâncias muito salientes (nas estátuas femininas, os seios são pequenos e, nas masculinas, a mesma coisa acontece com o pênis). (FIORIN, 2002)

A carnavalização é uma subversão direta das normas e valores estéticos oferecidos, que rivaliza com o ideal clássico da estatuária em abominar a beleza e a perfeição. A estatuária grotesca subverte o ideal clássico do corpo humano classicamente representado. O corpo humano idealizado do classicismo é denominado por Bakhtin como “pronto, acabado, bem fornecido, em plena maturidade”. A imagem ideal do ser humano clássico também “deletira o processo de geração, desenvolvimento, envelhecimento corporal” e é “depurada de todas as escórias: não apresenta aberturas abertas nem protuberâncias”. Para Bakhtin, essa visão é uma abstração acrítica, separada da realidade corpórea concreta: um reflexo da imagem ideal em que o ser humano gostaria de se ver. A estatuária grotesca, por outro lado, é uma celebração da imperfeição contra a purificação e dignificação da corporalidade. Representa um afastamento consciente do ideal clássico, “sagrado”, da verdade corriqueira do corpo humano. Ao fazê-lo, a estatuária grotesca se torna mais inclusiva e diversa: ela celebra a humanidade, retratando corpos de todas as formas juntas.

Para Bakhtin, a carnavalização representa um movimento estético de liberação. A estatuária grotesca desafia a norma e os valores do clássico, qual o corpo naturalista conota espaço para uma visão mais autêntica e humana da

corporalidade. Isso concede à arte uma liberdade para explorar novos temas, técnicas e métodos de expressão, ampliando assim os horizontes da arte e convidando o observador a questionar a ortodoxia remanescente. Portanto, ao criticar a perfeição e as realidades idealistas do classicismo, essa prática artística não ousa questionar a autoridade, mas ajuda a construir uma estética que seja mais honesta e humanizada. Em outras palavras, a arte se torna uma maneira de expressar a realidade e a vulnerabilidade da condição humana, em vez de alcançar a excelência não potencial, o que permite uma conexão mais profunda e sincera com o povo.

Por fim, esta consulta à introdução dos conceitos fundamentais de Bakhtin fornecerá uma verdadeira base conceitual para a compreensão da linguística e da literatura. Primeiramente, os conceitos de dialogia e polifonia são necessários para uma análise da natureza interativa e social da fala. O dialogismo implica que cada declaração seja inserida em um contexto social maior, considerando as preocupações passadas e as consequências futuras. Isso está em forte contraste com a percepção comum de um ato de fala como uma comunicação isolada entre dois indivíduos. A polifonia reflete presença essa simultânea de muitas vozes. Esse método aumenta a análise dos arcos, fornecendo camadas de significado que podem sobrecarregar, hifenizar ou expandir o texto literal. Isso também reflete as complexas interações sociais em que muitos conceitos são construídos e mantidos. Estética da criação verbal pega emprestada a ideia de que a linguagem é um tipo de jogo sem fim, exploração e transgressão dos limites estabelecidos.

Assim, explorando esses conceitos, podemos ter uma visão da diversidade de vozes e interpretações em cada ato de comunicação humana, apresentando uma análise mais detalhada de textos literários e filosóficos. Esta abordagem também lança luz sobre a complexidade da identidade e da experiência humana, fornecendo ferramentas teóricas com as quais podemos abordar questões de poder, resistência e diálogo nas práticas discursivas contemporâneas. O próximo tópico apresentará uma abordagem mais aprofundada dos conceitos bakhtinianos discutidos anteriormente. Faço isso, primeiramente, especificando o conceito de dialogismo, que é fundamental para a compreensão e estruturação do que se deseja alcançar com este trabalho. A especificidade desse conceito permitirá analisar com precisão a interação de elementos e eventos e abordar, de maneira específica, a variedade de vozes em metas discurso. Assim, também será possível uma análise crítica da dinâmica discursiva, uma vez que a relação dialógica dos interlocutores seja considerada, bem como as implicações disso para cada construção de um significado.

1.12 Dialogismo

O Dialogismo é um conceito intimamente relacionado à interação entre diferentes vozes sociais dentro de uma declaração. No entanto, é mais uma contestação de declarações sobre a linguagem e as interações cotidianas, nas quais cada voz procura se provar final e impor seu próprio entendimento do mundo. O Dialogismo é um desafio às declarações normativas sobre a linguagem que foram desafiadas pelas teorias de Mikhail Bakhtin. Nesse aspecto, o autor busca evitar definir a comunicação simplesmente como processos formais e declarações unilaterais. Por meio disso, o Dialogismo não apenas reflete a natureza multi-direcional e poli-semântica da experiência humana, mas também dá uma visão valiosa sobre como o significado é construído e identidades são estabelecidas. O próximo passo é entender como o Dialogismo se manifestará dentro da pesquisa definida. Assim, deve não apenas ser aplicado como um conceito unificador, mas também deve servir como uma chave para entender a diversidade da linguagem e das relações sociais de acordo com Bakhtin.

É dentro do projeto de investigação, que acaba de ser delineado em rápidas pinceladas, que surge o conceito de dialogismo, princípio unificador da obra de Mikhail Bakhtin. O teórico russo enuncia esse princípio e, em sua obra, examina-o em seus diferentes ângulos e estuda detidamente suas diferentes manifestações. Essa noção funda não só a concepção bakhtiniana de linguagem como é constitutiva de sua antropologia filosófica. (FIORIN, 2002)

O dialogismo é um conceito chave no Círculo de Bakhtin, uma teoria da linguística, linguística social e cultural. O dialogismo, definido em uma série de ensaios por Bakhtin, é uma série de relações dialógicas que apresentam qualquer característica enunciada.

Essencialmente, Bakhtin escreve que todos os enunciados dependem de uns dos outros, cada um precisando de uma resposta para fazer sentido. Essa conexão revela a natureza dialógica da comunicação, que é essencial na aplicação do discurso.

Bakhtin, que viveu e trabalhou nos anos 20 do século XX, foi uma figura central no movimento filosófico de Vargem Grande, na Rússia. Ele desempenhou um papel crucial na formulação de várias ideias filosóficas, na teoria da linguagem e na sociologia da literatura.

Bakhtin e seus colegas provocaram um movimento em direção ao que foi chamado de uma abordagem dialógica da comunicação. Isso levou à criação da ideia

de “dialogismo”, que mais tarde se ampliou para uma ideia mais ampla de “polifonia”.

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. (FIORIN, 2002, p. 9)

Para compreender como o dialogismo ocorre na linguagem e nas práticas discursivas, é preciso levar em consideração essa ideia do diálogo. Como explicado, as palavras e enunciadas jamais são singulares porque são imbuídas de enunciados anteriores, con- figurando uma rede de Vozes. Cada enunciado, ao mesmo tempo que fala por si, tem a presença e a influência do enunciado anterior. É somente por meio dessas interações, das Vozes, que o diálogo gera sentidos construídos e negociados.

Portanto, as “entraves” no dialogismo são as contestações entre os sentidos. Diferenças e conflitos entre as vozes sociais produzidas tal contestação porque cada uma das vozes tenta importar sua visão de mundo, valores e interesses. Ou seja, eles criam uma condição de batalha entre as perspectivas. Tais disputas podem ser percebidas em muitas esferas da vida social ou do discurso, como a política, a mídia e até as interações diárias.

O sujeito bakhtiniano não está completamente assujeitado aos discursos sociais. Se assim fosse, negar-se-ia completamente a concepção de heteroglossia e de dialogismo, centrais na obra do filósofo. A utopia bakhtiniana é poder resistir a todo processo centrípeto e centralizador. No dialogismo incessante, o ser humano encontra o espaço de sua liberdade e de seu inacabamento. Nunca ele é subme- tido completamente aos discursos sociais. A singularidade de cada pessoa no “simpósio universal” ocorre na “interação viva das vozes sociais”. Nesse “simpósio universal”, cada ser humano é social e individual. (FIORIN, 2002, p. 26)

Em primeiro lugar, devo apontar que, ao falar de dialogismo, não se trata simplesmente de incluir vozes diversas. De fato, é um compromisso mais profundo e dinâmico com aquelas vozes que falam pelo outro. A capacidade de ouvir, acolher e responder a diferentes vozes é chamada de dialogismo, mas requer que o ouvinte esteja ansioso para ouvir e se envolver. Ouvir não significa concordância; ao

contrário, é o núcleo do verdadeiro diálogo.

O ouvinte é, portanto, obrigado a processar as vozes apresentadas, esteja em concordância ou discordância, criando um espaço para um diálogo construtivo. E, finalmente, essa prática sinaliza um compromisso e um engajamento epistêmico com o outro; um esforço genuíno para ouvir e não simplesmente um meio de comandar a conversa.

O verdadeiro propósito do ouvinte é compreender em quais outros aspectos o falante sente essa verdade particular, em vez de precisar apenas que seus próprios pensamentos sejam verificados.

É a comunalidade de entendimento entre as diferentes partes, e isso é um fórum aberto para debate e compartilhamento de ideias, enriquecendo o diálogo.

Na edição que aqui se apresenta, demos ao texto o título: “Para uma filosofia do ato responsável”. “Ato responsável” é uma expressão recorrente no texto de Bakhtin. Ela indica um conceito central da reflexão bakhtiniana. Responsável também no sentido de “responsivo”. Também em russo *otvestvennyi* (responsável) lembra *otvetnyj*, responsivo. Na obra de Bakhtin se encontra frequentemente o conceito de “compreensão responsiva que salienta a conexão entre compreensão e escuta, escuta que fala, que responde, mesmo que não imediata e diretamente; por meio da compreensão e ‘pensamento participante’ *ucastnoe myslenie*, ‘pensamento participante’”.” (Faraco, 2017, p. 11)

A comunicação, em todos os seus jeitos, pede que damos valor às conversas. Ao escutar, de maneira ativa, todos os sons no lugar da discussão, amiamos nosso jeito de ver e paramos de fazer juízos simples e bizarros. Esta prática ajuda a ficarmos mais sensíveis uns aos outros, mais do que melhorando o entendimento, reforçando a empatia. É um ato de abrir-se onde permitimos ouvir o outro; criamos um lugar seguro onde as ideias podem ser ditas. A diversidade de pensamentos, desejos e experiências faz uma riqueza que faz com que coloquemos em prova nossas próprias ideias e pressupostos. Depois, a multiplicidade das vozes vivas desafiam as histórias dominantes e nos salvam de imagens padrões. Quando são ouvidos e respeitados, as barreiras caem e as pessoas podem falar de um modo genuíno e produtivo. Aqui, damos um passo para uma nova comunidade, onde o diálogo é união. Então, esse comportamento não é uma brincadeira, ele é um dever moral. Quando a gente aceita e abraça a diferença de ideias, ajudamos a criar uma cultura pacífica onde a gente mesmo é festejada.

O princípio geral do agir é que o sujeito age em relação aos outros; o indivíduo constitui-se em relação ao outro. Isso significa que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e o seu princípio de ação. Vamos entender melhor isso. A consciência constrói-se na

comunicação social, ou seja, na sociedade, na História. Por isso, os conteúdos que a formam e a manifestam são semióticos. Isso explica a importância que tem a linguagem no projeto bakhtiniano de construção de uma teoria das superestruturas. A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é constituído de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o outro, o mundo exterior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser. Assim, a mesma classe média que saudou a eleição de Lula como sendo a vitória da esperança sobre o medo, mostra-se agora decepcionada e extremamente crítica em relação ao governo e ao PT. O conteúdo discursivo da consciência vai alterando-se. (FIORIN, 2002)

De acordo com Jay (2005), “o sujeito age em relação aos outros”, significando que todas as ações e decisões que tomamos não são feitas de maneira isolada, mas são baseadas em nossas interações sociais. O indivíduo está em relação com o outro, o que implica que a identidade pessoal é, em grande parte, uma construção social. Para ser mais exato, isso indica que a maneira como nos vemos e como nos comportamos é grandemente afetada pelo meio das relações das pessoas umas com as outras.

A importância do conceito de dialogismo, que encontra suas raízes na abordagem vygotskyana e nas obras de M. Bakhtin, até os dados atuais são cruciais para compreender como a linguagem e a comunicação afetam a identidade. O dialogismo é definido como “cada dicção é uma resposta e cada dicção responde ao outro, e esta é a interpretação de que a comunicação é cheia de voz”. Isso significa que todos os enunciados e discursos são respondidos por outros discursos, criando um diálogo contínuo. Assim, a atividade e o indivíduo estão sempre mediados por essa troca de significados e de voz. É crucial sublinhar que, apesar do diálogo, o discurso e a consciência estarem relacionados de formas diferentes, eles são, no entanto, conceitos distintos. O diálogo refere-se tanto à fala e às palavras verbais quanto aos significados que elas têm para troca desejada entre os participantes. O discurso é a fala e as palavras que são manifestadas por meio desses significados; elas são formadas como resultado de valores e compartilhadas. A consciência também é o resultado dessa interação. No entanto, mesmo por meio dessa consciência, uma pessoa mantém a percepção de si mais do que de forma individual. Assim, embora todos eles sejam formados e influenciados pelo contexto social, ainda mantêm diferenças fundamentais em

seus propósitos e metas. O diálogo é o mecanismo de interação, o discurso é o resultado verbal e a consciência é o resultado interno desse diálogo. Eles não podem ser considerados separados, mas devem ser vistos como entidades diferenciadas. A consciência do próprio indivíduo é mencionada como sendo algo que é formado através da comunicação social, isto é, interações individuais com outras pessoas e com a sociedade em geral. Portanto, o modo como o mundo e o próprio sujeito percebem a si mesmos são determinados por certos aspectos culturais e históricos de sua existência. Por isso, a linguagem é um fator central no processo de criação da consciência, pois é por meio desta ferramenta que as experiências, julgamentos e significados são expressos e compartilhados. A passagem acima diz respeito ao fato de que o conteúdo da consciência é semiótico na natureza e está relacionado à forma como os signos e significados são compartilhados na sociedade. Este ponto mostra que a linguagem e os signos não só refletem a realidade, mas também a estruturam, agiam sobre como as pessoas pensam e agem. Logo, a realidade não só molda, mas também recebe seus significados da linguagem, o que permite uma interação contínua entre o indivíduo e o contexto histórico e cultural em que vive. Dessa forma, o símbolo atua como um agente formador da experiência social e individual porque ajuda as pessoas a se relacionarem com o mundo. A realidade é descrita como heterogênea, o que significa que ela é composta por diversas vozes e perspectivas. Isso significa que o sujeito não absorve uma única “voz social”, mas várias que podem ser coerentes ou não entre si. Essa dinâmica é uma fonte de enriquecimento e conflito para o indivíduo, pois diferentes “vozes” podem competir em sua consciência.

Dessa maneira, as palavras são agentes ativos que moldam a realidade, mas também são continuamente atualizadas e transformadas pelas dinâmicas do uso da linguagem e experiências coletivas. Portanto, conclui-se que a consciência é um processo que está sempre se transformando em resposta ao uso da linguagem empregada. Um exemplo poderoso dessa trajetória pode ser visto no desenvolvimento da linguagem em torno do feminismo, onde palavras como “empoderamento” e “interseccionalidade” entraram no uso comum, sinalizando um entendimento social mais complexo do que a igualdade significa em gênero, raça e sexualidade. Igualmente, a linguagem sobre racismo mudou nos anos recentes, com a distinção entre “racismo estrutural” e “preconceito” evidenciando uma mudança na linguagem que molda percepções e ação libera a respeito da identidade racial. Novas palavras como “sustentabilidade” e “justiça climática” evoluíram em círculos políticos como a linguagem sobre mudança climática, orientadas por

ação ética imediata contra a crise do planeta. A inclusão de pronomes neutros e termos como “não-binário” na linguagem está levando pessoas categorizadas antigamente a novas possibilidades, autorizando novas experiências. Estes exemplos mostram que a consciência é construída pelas palavras e é um processo que está em constante evolução em resposta ao uso da linguagem e experiências coletivas.

É neste contexto que exploraremos a abordagem da polifonia, um conceito que é intrinsecamente parte da teoria bakhtiniana. Para um entendimento completo, é crucial que diferenciemos a polifonia do dialogismo, apesar de ambos lidarem com vozes e perspectivas múltiplas da linguagem. Bakhtin propôs filosoficamente o dialogismo como um princípio baseado no diálogo e interação entre os interlocutores. Ao mesmo tempo, a polifonia conceituada baseia-se em vozes autônomas e heterogêneas que coexistem em um discurso, sem um centro unificado; assim, a polifonia envolve “um acorde de vozes” multidiferentes que cada uma contribui para uma narrativa mais rica e complexa. Portanto, a abordagem do autor não nega a individualidade de uma voz, mas enfatiza a interação entre diferentes vozes. Em geral, essa abordagem nos obriga a considerar a diversidade e a pluralidade da linguagem, habilitando um entendimento mais profundo e crítico de discursos políticos.

1.13 Polifonia

Essa distinção entre polifonia e dialogismo é crucial para entender a natureza da linguagem. O dialogismo foca na interatividade da comunicação, argumentando que toda palavra é uma resposta a outra palavra anterior e, como resultado, o contexto e a voz interferem na troca comunicativa. Polifonia, ao contrário, vem do contrário, focando a pluralidade de vozes que vêm de fora para dentro do discurso. Do ponto de vista da polifonia em vez de sobredeterminadas por ela melhor, o discurso consiste em múltiplas vozes que residem fora do texto. Assim, como sustenta Grinin: “o materialismo do sistema não é, por assim dizer, submetido a restrições as vozes ao texto. .Sim, o dialogismo endereçado às vozes interagem entre si, mas a polifonia diria o resto deles no entanto. A teoria da linguagem bakhtiniana da polifonia oferece uma nova perspectiva da linguagem e, como resultado, a comunicação. Isso ocorre porque, para Bakhtin, a polifonia enfatiza a pluralidade do discurso e destaca a necessidade de dar a todas as vozes espaço no discurso.

Observe-se que polifonia é, então, diferente de dialogismo, heteroglossia e plurivocidade. Dialogismo diz respeito ao modo de funcionamento real da

linguagem, que faz um enunciado constituir-se sempre em relação a outro. Heteroglossia e pluri- vocidade concernem à realidade heterogênea da linguagem e às línguas sociais diversas que circulam numa dada sociedade. A polifonia refere-se à equípólicia das vozes. A plurivocidade não implica a polifonia, embora a polifonia acarrete necessariamente a plurivocidade. Confundir essas duas realidades é deixar de apreender a dimensão política das vozes.” “Feita essa distinção, nota-se que só a prosa pode ser polifônica, pois só ela encena o embate das vozes sociais. A poesia caracteriza-se por mostrar uma voz única. No entanto, atenção. Polifonia e monofonia, assim como monologismo e dialogismo, não estão embebidas em valores ideológicos com que foram marcadas no curso da recepção das obras de Bakhtin. Trata-se de a linguagem encenar ou não o espetáculo plurívoco do mundo. (Fiorin, 2002, p. 51)

Em Bakhtin, a polifonia se refere às múltiplas vozes presentes dentro de um discurso. Em contraposição à monofonia, a polifonia não sugere que uma voz singular é predominante em um discurso, mas ao invés disso a noção de que todo discurso é formado por uma gama de vozes e perspectivas. Cada voz traz consigo uma individualidade e um mundo próprio, resultando em um quadro complexo de vozes diversas. Bakhtin mais uma vez esclarece: “A essência da polifonia reside precisamente no fato de que as vozes, aqui, constantemente e como tais, combinam-se num único. . . esperam -, uma ordem mais alta do que o homófono. . . E , se falamos da vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, a saída de princípio além do horizonte de uma vontade. A afirmação é a seguinte: a vontade artística da polifonia é uma vontade de combinar muitas vontades, uma vontade de ocorrência

Bakhtin, mais uma vez, esclarecer que: “A essência da polifonia consiste justamente no fato de que as vozes, aqui, permanentemente e, como tais, combinam-se numa unidade de ordem superior a da homofonia. E se falarmos de vontade individual, então é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento. (FIORIN, 2011, p. 52)

A presença do diálogo essencial na polifonia é o que torna o discurso humano uma esfera rica, complexa e vibrante. As vozes que se entrelaçam em diálogo constroem a realidade da verdade intersubjetiva, onde os pontos de vista opostos se conjugam e se transformam continuamente. É nessa interação que tudo é expresso e compreendido. O diálogo representa a essência da comunicação humana com o outro.

Polifonia e retórica se entrelaçam. O jornalismo, com seus diversos gêneros, pode ser visto como uma forma de retórica contemporânea. A palavra

retórica e a palavra literária dialogam entre si, assim como a força persuasiva da arte e a capacidade persuasiva da retórica. Há uma discussão retórica sobre temas grandiosos e um discurso que aborda questões importantes, abrangendo tudo, em seu todo.

Vencer ou compreender: essa é a dualidade. Minha palavra se opõe à palavra do outro, e essa tensão é fundamental. O ponto de vista do terceiro emerge, mas as específicas da palavra retórica são limitadas. O discurso retórico é articulado a partir da perspectiva do terceiro, excluindo os estratos mais profundos da individualidade. Na Antiguidade, as fronteiras entre retórica e literatura eram definidas de maneira diferente, não tão rígidas, pois a individualidade profunda da pessoa ainda não havia se manifestada de forma plena. Com o advento da modernidade e o surgimento da individualidade, essa oposição se consolida, e a demarcação entre a palavra pessoal e a palavra do outro se estabelece, especialmente a partir da Idade Média.

Polifonia e retórica. O jornalismo, com seus gêneros, concebido como retórica contemporânea. A palavra da retórica e a palavra do romance. Força persuasiva da arte e força persuasiva da retórica. A discussão retórica e o diálogo acerca das grandes questões (sobre o todo, no todo). Vencer ou compreender-se mutuamente. Minha palavra e a palavra do outro. Caráter primário dessa oposição. O ponto de vista (a posição) do terceiro. Finalidades limitadas da palavra retórica. O discurso retórico argumenta a partir do ponto de vista de um terceiro: os estratos profundos da pessoa não participam dele. Na Antiguidade, as fronteiras entre a retórica e a literatura seguiam outro traçado e não eram tão definidas, pois ainda não havia a individualidade profunda da pessoa, no sentido moderno. A individualidade se origina no limite com a Idade Média (Meditações, de Marco Aurélio, Epicteto, Santo Agostinho e os soliloquia, etc.). E então que se inicia a demarcação entre a palavra pessoal e a palavra do outro. (BAKHTIN, 1997, p. 216)

Num sentido mais fundamental, em termos de suas formações constituintes, a polifonia é imagética em diálogo. A ferramenta mais simples de todos os existentes em tal diálogo é o eco. Sua existência é essencial para a autoengendração de um discurso consequente. Por eco, entende-se primeiramente seu desenvolvimento exterior. Isto é o reconhecimento da voz do outro, ouvida e integrada à sua falaça em transformação.

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. A compreensão passiva das significações do discurso ouvido é apenas o elemento abstrato de um fato real que é o todo constituído pela compreensão responsiva ativa e que se materializa no ato real da resposta fônica subsequente. Uma resposta fônica, claro, não sucede infalivelmente

ao enunciado fônico que a sus cita: a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido (por exemplo, no caso de uma ordem dada) pode realizar-se diretamente como um ato (a execução da ordem compreendida e acatada), pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda (certos gêneros do discurso fundamentam-se apenas nesse tipo de compreensão, como, por exemplo, os gêneros líricos), mas neste caso trata-se, poderíamos dizer, de uma compreensão responsiva de ação retardada: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte. (BAKHTIN, 1997, p. 286).

A citação acima descreve a reflexão sobre a natureza da compreensão e a resposta durante a comunicação verbal e sugere que a compreensão do enunciado não é um ato estático. Em outras palavras, a referência à fala do locutor e o completo da compreensão daquilo que foi dito não é um processo passivo, mas ativo e atitudinal. Isso está alinhado com a teoria Bakhtiniana, que se baseia em palavras de interação e construção conjunta de significados entre o locutor e o ouvinte.

Bakhtin argumenta que a compreensão da fala viva está sempre atrelada a uma atitude responsiva. Isso implica que o ouvinte não é simplesmente um receptor passivo da informação, mas um ouvinte ativo que responde e, portanto, interpreta o que está aqui. É importante trazer uma nova perspectiva à comunicação, que muitas vezes é vista de uma forma enganosa e mecânica. O autor implica que a compreensão passiva é diferente do passivo. Embora seja uma abstração à parte, é algo real e manifesto em ações concretas. Especificamente, no entanto, o autor distingue entre compreensão e implica que a compreensão deve ser um evento que vai além da mera interpretação dos sinais. Portanto, uma “compreensão responsiva alternativa” é fundamental para estabelecer um diálogo produtivo. O autor alega que a resposta fonética é, evidentemente, uma consequência direta da fala do ouvinte, como o anunciado que o preocupado. Isso mostra a complexidade da fala, onde uma resposta ao enunciado pode ser imediata, atrasada ou prejudicada.

A ideia sobre os gêneros de fala, onde a poesia, por exemplo, é baseada em um recuo corporal, faz parte da discussão sobre como diferentes contextos moldam uma resposta. Isso deixa claro que um fato ao anunciado pode ser diferente com base nos fatos que se conectam a esses contextos. Essa discussão fornece uma nova experiência na comunicação e vem de um contexto interativo. Ele, portanto, fornece uma chave para a compreensão e não gira em torno de um único sentido fixo.

Por fim, compreender o texto implica não só pensar no conjunto de palavras que foram transmitidas, mas interpretar esse conteúdo em resposta à mensagem transmitida

As significações lexicográficas das palavras da língua garantem sua utilização comum e a compreensão mútua de todos os usuários da língua, mas a utilização da palavra na comunicação verbal ativa é sempre marcada pela individualidade e pelo contexto. Pode-se colocar que a palavra existe para o locutor sob três aspectos: como palavra neutra da língua e que não pertence a ninguém; como palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade. Sob estes dois últimos aspectos, a palavra é expressiva, mas esta expressividade, repetimos, não pertence à própria palavra: nasce no ponto de contato entre a palavra e a realidade efetiva, nas circunstâncias de uma situação real, que se atualiza através do enunciado individual. Neste caso, a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual (aquele cuja palavra serve de norma: o homem de ação, o escritor, o cientista, o pai, a mãe, o amigo, o mestre, etc.) e apresenta-se como um aglomerado de enunciados. (BAKHTIN, 1997, p. 309).

Assim, por um lado, as palavras são portadoras de significados eficientes que garantem a possibilidade de comunicação entre os falantes de uma língua. Por sua vez, seu uso é sempre único, individual e contextual, evidenciando um certo toque pessoal do falante. Isso leva ao fato de que, na própria palavra, no final, não há nada de expressivo. Porque a palavra retirada de um contexto específico de uso é essencialmente neutra. A expressão e a intenção do falante são adicionadas a ela exatamente quando a palavra é usada em um contexto específico. As palavras que usamos lembram em sua sonoridade os produtos dos discursos que ouvimos ao longo da vida. Além disso, quando um falante usa uma palavra, ele “tinge” com sua subjetividade, com seus próprios valores e visão de mundo. Ou seja, ele se usa como um instrumento para expressar pela palavra seu “eu”. Portanto, a expressividade reside não na própria palavra, mas no contexto de sua implementação; não na relação do sinal a ela mesma, mas nos vários aspectos de sua relação com a realidade. Quando uma palavra é utilizada, é usada em uma variedade de significados inter-relacionados. É importante reconhecer a palavra em suas formas de significado “convencional”, “individual” e “contextual” porque reconhece a complexidade da comunicação. Isso cria significado como convencional e considera significado como personalidade e considera significado como contexto. Expandir a interpretação dos discursos dessa maneira contribui para uma compreensão mais ampla em termos de alcance da compreensão de todas as existências que as palavras podem conter. Isso sublinha profundamente a ideia

de Bakhtin de que a linguagem é um assunto extremamente complexo e fluido com o qual todas as pessoas lidam todos os dias. Na verdade, ele salienta que a fala é claramente uma forma de expressividade. Ele ressalta que a expressividade da fala não é confinada ao sinal em si, mas é a relação do sinal com o contexto.

Compreensão responsiva ativa: a compreensão não é algo passivo. Ao ouvir algo, não apenas recebemos informações, mas também respondemos de forma ativa, mesmo que de maneiras diferentes. A resposta à compreensão pode ser baseada na fala, isto é, em palavras ou sinalizações não-verbais, como ações ou mudanças no comportamento. Mais uma vez, é importante considerar que toda compreensão é respondida e é impossível separar a compreensão da resposta à compreensão. Mesmo que essa resposta não ocorra imediatamente, pela primeira vez, a desta forma, a informação que recebemos afeta nosso entendimento e nos faz agir de formas específicas. O ouvinte se torna o orador: a segunda ativação da compreensão é que o ouvinte se torna um orador potencial. Enquanto em processo de processamento de informações, o cliente está se preparando para responder, em palavras e ações. A resposta à compreensão não ocorre exclusivamente em palavras, ações ou mudança no comportamento, e o silêncio às vezes também fazem parte da resposta. O silêncio é uma forma de resposta, manifestada em certos tipos de texto, por exemplo, na forma de poesia lírica. Em tais casos, a resposta é silenciosa, mas ainda é uma compreensão ativa. E mesmo que a resposta seja dada muito tarde, a resposta ativa, embora silenciosa, ainda afetará o discurso e/ou comportamento. A expressividade da palavra: as palavras não são símbolos estáticos. A palavra, em sua forma bruta, é orientada pelo dicionário, mas por sua experiência viva na comunicação do falante, a palavra é envolta em um novo contexto e percepção. Por um lado, as próprias palavras têm um significado convencional que facilita a comunicação entre os falantes. Por outro lado, permanecendo sempre individual, porque o uso da palavra sempre reflete seu dono. Portanto, a palavra é, em seu núcleo, vazia; no entanto, com a sua utilização num contexto de objectivo ou mensagem que o falante quer transmitir.

A própria palavra que usamos é um eco das vozes alheias, ouvindo-nos ao longo da vida. As palavras só adquirem expressividade em si mesmas no momento em que são ditas; elas adquirem uma qualidade subjetiva de pensamento, emoção e memória humana. O falante, ao usar a palavra, encha-a de sua humanidade, de seus valores subjetivos ou objetivos adquiridos na reflexão da

experiência humana. Portanto, a expressividade da palavra é a relação do falante com a realidade, onde é usada. Quando uma palavra é usada, “é o lado de fora e o lado de dentro” de suas células de significado.

Há três dimensões da palavra que precisam ser compreendidas de acordo com Bakhtin. A primeira é a “palavra neutra”, onde a palavra é considerada como uma unidade da língua, despojada de um dono, mas com um conteúdo significativo pleno. A segunda dimensão é a “palavra de outrem”, que se refere à palavra que já foi para o mundo em um discurso anteriormente aqui. Por fim, temos a “palavra minha”, que é aquela que ressoa com o mundo, é ouvida, reflete a realidade e a expressa.

Essas três dimensões ajudam a compreender que a palavra é complexa e multivalente em suas várias interações e significados. A importância dessas dimensões é complicada pelo problema do significado neutro e pelo culto à palavra em si, que tende a desconsiderar a independência do contexto. Isso pode fazer com que a palavra se torne uma ferramenta sagrada, inalterável, para entender tudo.

Além disso, essas três dimensões da palavra são fundamentais para a questão da expressividade e individualidade na comunicação. A palavra, na verdade, não pode ser distorcida como um símbolo; apenas experiências ou comentários podem ser acrescentados a ela. Contudo, qualquer palavra é, de certa forma, uma experiência momentânea de um ser onisciente e sempre único, integral e final, em um significado incommensurável.

Esse fenômeno é conhecido como “polifonia” ou “heterogeneidade”. Bakhtin apresentou um dispositivo para afastar a linguagem do coração e fazer-la uma expressão de outra percepção.

A lingüística lida com o texto, não com a obra. O que ela diz da obra é reintroduzido à socapa e não decorre de uma análise puramente lingüística. Por certo, a lingüística se apresenta desde o início como um conglomerado e está saturada de elementos extralingüísticos. Pode-se dizer, simplificando, que a abordagem puramente lingüística (ou seja, o objeto lingüístico) encara a relação do signo com o signo e com os signos dentro dos limites do sistema de uma língua ou de um texto (relações com o interior de um sistema ou relações lineares entre os signos). A relação de um enunciado com a realidade existente, com o sujeito falante real e com os outros enunciados reais (relação que faz que um enunciado seja o primeiro a articular o verdadeiro ou o falso, o belo, etc.), esta relação não poderia tornar-se objeto da lingüística. Os signos tomados isoladamente, o sistema de uma língua ou o texto (enquanto unidade de signos) não podem ser verdadeiros, nem falsos, nem belos.” (BAKHTIN, 2019, p. 349)

Assim, a citação de Bakhtin destaca que a principal fraqueza da lingüística é a consideração dos signos em um relacionamento unicamente interno, sem levar em

consideração a relação com a realidade e o falante. A habilidade apresentada por Bakhtin referia-se à polifonia, o que implicaria a existência de várias vozes em uma expressão. Enquanto a linguística convencional normaliza o significado dos eventos, a polifonia assume que cada enunciado é uma voz de várias pessoas e tempos, o que torna a própria linguagem mais rica e complicada. Como resultado, a linguagem mostra uma visão monológica em que uma única entidade determina o significado, enquanto a polifonia representa uma visão mais democrática de processar o significado. Assim, a visão bakhtiniana alega que o significado seja feito de forma mais dialogada e interativa.

A teoria da polifonia em Bakhtin levanta implicações significativas sobre a compreensão da linguagem e da comunicação. Em termos da existência de várias vozes, a polifonia ajuda a superar uma visão monista da linguagem, segundo a qual uma voz é uma autoridade final. Em vez disso, a polifonia sugere que outras pessoas se habituem a fazer com que os seus discursos valham e se reconheçam. A polifonia em Bakhtin explora uma nova maneira de encarar a linguagem em si. Bakhtin apresenta que não há outra maneira de encarar o significado, exceto a maneira como os diferentes enunciados ressoam. Cada um dá vida ao outro, enriquecendo a definição.

Cabem aos monólogos individuais para tornar esse significado apenas relevante, vivo, interativo e significativo, e uma grande gama de vozes coexistem, mesmo quando as informações podem ser religiosas, políticas ou até discordantes.

No entanto, para discutir os conceitos de verdade em Bakhtin, nas afirmações acima, é explícito afirmar que os alvos são opostos e complementares ao encontro monológico entre as pessoas, pois começa por mostrar sua estrutura monológica, permitindo que Bakhtin forneça um estudo geral na verdade. Como a citação apresenta claramente o mesmo personagem, o significado que cada um faz é o mesmo, apenas para complementar toda a Verdade. Pesquisar a questão da verdade em Bakhtin é necessário para a compreensão da polifonia, pois as relações vão além de uma única experiência. A polifonia em que as ideias são espaçadas em vários é necessária para os significados.

2 CAPÍTULO - SINGULARIDADE, AÇÃO E ATO.

A principal ideia de Bakhtin é que a linguagem é uma arena de relações sociais, onde diferentes vozes e perspectivas entram em conflito. No entanto, a linguagem é considerada um processo dinâmico e relativo, que atua mediando e refletindo as lutas sociais e culturalmente instituídas. A relação entre o eu e o outro é crucial para entender como as identidades e significados são articulados na sociedade, onde homens e mulheres estão sempre em conflito. As lutas de classe, gênero e significado emergem desse conflito, evidenciando que a linguagem é um campo de luta onde são articulados desejos e valores. Assim, Bakhtin é fundamental para discutir a questão dialogista ou monologista da linguagem. Para Bakhtin, “A batalha e a discussão sobre a linguagem destacam a relação entre eu e o outro” (BAKHTIN, 1997). A relação social manifesta a diversidade da vida, que constitui as lutas de classes, gênero e significado que permeiam a existência humana (BAKHTIN, 2017).

Um dos pontos centrais dessa discussão é onde a singularidade do outro se manifesta. Bakhtin ressalta que, ao referir-se ao sujeito formado por processos linguísticos, ele não se confunde com a singularidade do sujeito, ou seja, com a subjetividade e o eu pessoal. A singularidade do sujeito “não” se limita ao aspecto monocanal “linguístico”. Por isso, uma de suas obras é intitulada “Para uma filosofia de um ato responsável” (BAKHTIN, 1986)⁹. O ato responsável ocorre exatamente quando o eu assume sua singularidade, sua essência em um evento que, por definição, não pode ser repetido. O indivíduo, segundo Bakhtin, é uma vez; ele é único, e somente ele pode ocupar um determinado lugar no mundo e desempenhar uma função específica na existência. Isso se relaciona com a consciência da vida por meio da linguagem e da responsabilidade – o sujeito, agindo como agente do conflito no espaço social, contribui para a formação ou deformação de um sujeito semelhante.

⁹ Para uma Filosofia do Ato de M. M. Bakhtin é um tratado filosófico incompleto, publicado a partir de manuscritos preservados do autor. O texto aborda a necessidade de superar a separação entre cultura e vida, propondo a ideia de uma “ação responsável” que integra pensamento e ação. Bakhtin critica o “teoreticismo fatal” da filosofia de sua época e introduz conceitos como “pensamento ação-realização” e “pensamento participativo”. Ele destaca a importância da unidade entre o ato realizado e seu autor, enfatizando a responsabilidade e a não-fuga dessa responsabilidade única. O tratado planejado aborda questões que vão além da estética, relacionando-se com a filosofia moral e a ação humana. Bakhtin introduz a categoria de “responsabilidade” e discute a imagem-conceito do “não-álibi no Ser”, enfatizando a singularidade e irrepetibilidade do ato responsável de cada indivíduo. A obra revela a busca do autor por uma filosofia que integre a vida e a cultura, promovendo uma visão mais ampla e crítica da existência humana.

A noção de singularidade pode parecer paradoxal nesse contexto à primeira vista. Entretanto, a intenção é apontar que, embora a linguagem seja um fator determinante na formação da subjetividade e na comunicação humana, a singularidade do sujeito vai muito além da fala. Isso significa que a individualidade de uma pessoa inclui experiências, emoções, contextos e interações sociais que não podem ser reduzidos apenas aos aspectos verbais. Assim, a singularidade de um sujeito é complexa, englobando mais do que apenas como o sujeito que fala e se expressa. Em vez disso, a singularidade abrange a construção do sujeito de várias maneiras; de acordo com essa perspectiva, a linguagem é uma parte importante – mas não exclusiva – da construção do sujeito.

Esse excedente constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias — todos os outros se situam fora de mim. A exotopia concreta que beneficia só a mim, e a de todos os outros a meu respeito, sem exceção, assim como o excedente de minha visão que ela condiciona, em comparação a cada um dos outros (e, correlativamente, uma certa carência — o que vejo do outro é precisamente o que só o outro vê quando se trata de mim, mas isso não é essencial para nosso propósito pois, em minha vida, a inter-relação “eu-o outro” é concretamente irreversível); tudo isso é compensado pelo conhecimento que constrói um mundo de significados comuns, independente dessa posição concreta que um indivíduo é o único a ocupar, e onde a relação “eu e todos os Outros” não é absolutamente não- invertível, pois a relação “eu e o outro” é, no abstrato, relativa e invertível, porque o sujeito cognoscente como tal não ocupa um lugar concreto na existência. Porém esse mundo unificado do conhecimento não poderia ser percebido como o único todo concreto que abarcasse toda a diversidade das propriedades existenciais, do mesmo modo que percebemos o que temos diante dos olhos, pois a percepção efetiva de um todo concreto pressupõe um contemplador único e encarnado, situado num dado lugar; o mundo do conhecimento e cada um de seus elementos só podem ser pensados. Da mesma forma, uma emoção interior e o todo da vida interior podem ser vivenciados concretamente — percebidos internamente — seja na categoria do eu-para-mim, seja na categoria do outropara-mim; em outras palavras, seja como vivência própria, seja como vivência desse outro único e determinado.(Bakhtin,1997,p.49).

Neste contexto verbal, o sujeito estabelecerá o outro em relação a si mesmo. Ou seja, é o sujeito da singularidade que é consciente de si e formula o outro diante de si próprio. O outro, por sua vez, como uma singularidade, completa o que o sujeito em si mesmo não pode realizar. Ambos os processos se relacionam reciprocamente; em outras palavras, a forma como um sujeito formula o outro pode influenciar como ele perceberá a si mesmo. Portanto, se relacionados, esses movimentos constituem diferentes aspectos do eu e do outro em uma relação dinâmica. Isso é abordado por Bakhtin quando afirma que “eu mesmo não sou

pleno; devo encontrar o outro e ser complementado, o outro é apenas a peculiar identificação do que sou” (BAKHTIN, 1997) . Assim, a importância da obra “Para uma filosofia da do ato responsável” se destaca, na medida em que Bakhtin enfatiza o sujeito desperto, aquele que atua em sua singularidade.

2.1 Dialogismo e singularidade.

Portanto, é importante sublinhar a dialogia do singular à luz de Bakhtin (2019). Segundo o autor, a redução da percepção da singularidade leva ao fato de que o sujeito assume uma ficção, uma vez que aparece discursivamente como participante de um enunciado. Essa diminuição da percepção da singularidade implica uma redução da capacidade de reconhecer e valorizar a singularidade do outro e de si mesmo. Tal redução é observada na vida cotidiana, quando as identidades são homogeneizadas por padrões coletivos comuns. Nesse contexto, as pessoas são percebidas como integrantes de padrões comuns e formas de agir, fazendo com que a percepção da individualidade desapareça, resultando em baixa empatia e dificuldade na compreensão da experiência alheia; como consequência, a comunicação social se perde.

Simultaneamente, a percepção da singularidade pode ser direcionada para o indivíduo, predispondo-o a estereótipos, à influência externa e aumentando a alienação no nível social. No entanto, Bakhtin acredita que tal manifestação discursiva não representa uma singularidade genuína. Em contrapartida, a singularidade ativa é condicionada por uma cosmologia mais ampla. Essa cosmologia é a totalidade que possibilita a manifestação da experiência dual na comunicação social como um todo de enunciados, o que implica na existência de uma antinomia comunicativa que permite à pessoa se posicionar como tal.

Adicionalmente, Bakhtin ressalta que, ao contrário da perspectiva cosmológica, a consideração do “outro” o reconhece como não-repetível e único, enfatizando a unicidade de cada ser humano no cosmo, em detrimento de qualquer categorização ou generalização. Este ponto de vista refere-se à particularidade dentro do todo cósmico, estabelecendo uma relação entre o ser individual e a totalidade. Contudo, na perspectiva da linguagem e da interação entre as pessoas, a consideração da singularidade do outro pode ser frequentemente diminuída. Ao interagir, as pessoas tendem a ver umas às outras como membros de um grupo ou categoria, em vez de reconhecer suas individualidades, resultando em uma compreensão empobrecida.

Nesse sentido, podemos afirmar que, ao atuar na prática social diária, a

cosmologia descrita enfraquece: em vez de dar atenção à experiência de um ser humano, o processo de socialização prevalece. O “eu” que se revela contrasta com o cosmologismo; é um “eu” ficcional, pré-dado, um sujeito “emprestado” que emerge da troca de experiências de linguagem, semelhante ao que ocorre na narrativa literária. Em outras palavras, é um “eu” que se torna um elemento repetível, variando apenas em sua identidade própria, enquanto sua experiência é relativizada. Portanto, Bakhtin distingue o objeto à beira da percepção linguística, de onde emerge o cosmologismo, ou seja, uma percepção do todo. Na linguagem, a distinção entre eu e outro é diferente daquela apresentada pela cosmologia – nesta última, o “outro” que aparece não é um “outro” retido, não é um duplo de si mesmo. Isso é impossível, pois ninguém além do único “eu” pode realizar o que somente ele pode fazer. Para Bakhtin, o cosmos se apresenta logicamente como um todo; essa noção se manifesta no único. Cada um é parte do todo, e a dialogia do único é a presença recordatória e responsiva do todo .

Em Bakhtin, a presença na experiência singular não está de forma alguma ligada a algo que possa ser considerado “não discursivo” e visceral que faça o outro existir. A singularidade não envolve a transformação do conflito de classes em um embate discursivo. Portanto, dois pilares essenciais na obra de Bakhtin, que serão abordados nos próximos tópicos, são os conceitos de “*istina*” e “*pravda*”, os quais discutem a verdade. Brait, em “Dialogismo e Polifonia”, de sua coleção de 2009, explora esses conceitos mais detalhadamente.

Verdade [*istina*]: Florensky indica que, na sua proximidade linguística com o verbo ser, “a acepção russa da verdade [*istina*], fixou nela própria a noção de realidade absoluta: *istina* é o que é, o que existe verdadeiramente [. . .] por oposição ao que é ilusório, aparente, não-real, sem permanência. A língua russa marca na palavra ”*istina*“ o aspecto ontológico dessa ideia. *Istina* significa também uma autoidentidade absoluta, uma exatidão, uma autenticidade absoluta”. [. . .] *Istina* se aplica à verdade teórica, matemática, filosófica. O próprio Bakhtin sublinha aqui [e na sequência do texto] a diferença de sentido dos dois termos designando a verdade em russo, com sua implicação filosófica.[. . .] Verdade [*pravda*]: “*pravda*” é um dos dois termos significando verdade em russo. Em russo moderno, ele se emprega notadamente quando se trata de verdade ligada aos fatos ou da verdade própria a cada um. Antes, essa palavra significou “direito”, ‘justiça’. Esse sentido de ‘justiça’, “equidade”, “justo”, permanece vigorando até o início do século xx,notadamente nos textos filosóficos. Ele subsiste em certos empregos particulares e a título de conotação.”(Beth Brait,locais do Kindle 152-154).

Para Bakhtin (2017), o primeiro conceito é uma verdade cristalizada, que é imutável e científica, tratada como alguma espécie de dogma que determina a

vida do indivíduo. Uma *das consequências desta verdade, chamada de “istina”*, é uma verdade que busca fixar uma verdade absoluta, “uma unidade teórica que cristaliza a presença do indivíduo”.

Entretanto, Bakhtin também apresenta a “*pravda*”, uma verdade da experiência distinta da “istina”. A “pravda” é flexível e relativa, uma vez que é transmitida pelo “eu” singular, expressando-se e se apresentando conscientemente para o mundo, sem deixar de ser determinado. Bakhtin sugere esse conceito para enfatizar que o singular emerge em várias relações sociais e culturais.

Tal verdade não é uma verdade absoluta, mas sim relativa e flexível, sob influência de várias experiências. Quando um indivíduo “se lembra de sua origem”, ele traz todos os vestígios de suas experiências e raízes à comunicação. Isso é essencial para quem ele se tornou.

Essa consciência ajudará o indivíduo a compreender como suas próprias experiências afetam a interação com outras pessoas. A dialogia das vozes individuais se encontra, e cada pessoa expressa sua verdade enquanto ouve a dos outros. Ou seja, a singularidade não é uma ideia fixa, mas cresce e se desenvolve com a vida.

A verdade é construída coletivamente – e o conhecimento do mundo é feito por meio de ver através da agência do processo coletivo e nem sempre da boca do outro. A dialogia do singular enfoca a importância da diversidade, uma vez que a singularidade se expressa sobre determinadas práticas sociais.

2.2 A singularidade polifônica.

Considerando as ideias apresentadas, é possível entender o que é polifonia segundo Bakhtin. Para resumir, a polifonia é a coexistência de várias vozes na linguagem que enriquece a comunicação e ajuda a perceber o outro na sua singularidade. Tal noção é claramente manifestada nas obras de Dostoiévski.

De acordo com Bakhtin (1983), no círculo contínuo, Dostoiévski foi o primeiro a usar a voz simultânea da polifonia – diferente das vozes que se manifestaram em contextos diferentes. Desta maneira, tal abordagem torna não só os romances mais interessantes, mas também reflete a diversidade de experiências humanas.

O principal é que, segundo Bakhtin (1983), haviam vozes equipolentes, o que significa que todas as vozes são igualmente responsáveis por formar o conteúdo da obra. O conceito abrangia não só o discurso direto do autor e do protagonista, mas também as vozes dos personagens, do leitor e as vozes do contexto de dissidência

no qual a obra foi escrita.

De tal forma, a polifonia torna-se uma característica não só da estética da criação verbal, mas também do espaço social. Em consonância com Bakhtin (1983), a singularidade é polifônica, ou seja, se o todo deve ser singular e uma de suas partes é única, então todas as partes devem ser contadas para a singularidade. Assim, este tópico foi chamado “A Singularidade Polifônica”.

Após Bakhtin, alguns autores propuseram suas teorias e análises, algumas das quais foram influenciadas por Bakhtin, enquanto outras o contestavam. Julia Kristeva, por exemplo, em suas obras sobre intertextualidade, especialmente em 1980, discutiu a noção do diálogo dos textos, propondo que a literatura é uma prática na qual múltiplas vozes e significados se entrelaçam e formam uma polifonia mais extensa.

2.3 Monologia do sujeito

Assim, pensar no sentido monológico é retornar à experiência discursiva em que a narrativa deve ter um herói. A centralidade da representatividade na experiência do existir é homologada a um indivíduo. O sujeito é o exclusivo responsável pelos sentidos que nos são atribuídos; ele medeia nossas relações sociais e determina o que experimentamos. Essa temática é recorrente em várias obras literárias pensadas por Bakhtin.

Contudo, é importante ressaltar que o sujeito ficcional representa a singularidade de um indivíduo consciente que se apresenta como protagonista, mas não é apenas um sujeito que repete a monologia discursiva. Essa experiência monológica é uma das impressões que emergem da práxis social, na qual a fala de um indivíduo importa como representação de uma instituição, como personagem de um romance ou em figuras de sacerdotes, além de discursos sociopolíticos. Com base nesse tipo de manifestação, o “outro” enquanto sujeito não é percebido nem escutado.

Nesse sentido, o sujeito se faz presente na monologia do discurso como uma peça linguística que obedece ao monólogo. O sujeito é sempre uma predicação do discurso ao social. Compreender o sujeito monológico implica entender que a autoimagem que ele tem de si mesmo é uma repetição discursiva daquilo que o antecede.

Assim, vivemos em um mundo que modela a representação das condições de vontade da classe dominante em seu discurso. Dessa maneira, é possível viver uma vida inteiramente alheia à própria condição, sendo manuseado por uma

ideologia que o utiliza como marionete, constantemente à mercê de quem pratica a monologia do discurso.

2.4 O determinante negativo no discurso e a disputa da linguagem.

O termo “determinante negativo” no discurso, como concebido por Bakhtin, discute as maneiras pelas quais estruturas linguísticas e dinâmicas de poder impactam a comunicação e o sentido posto. Esta seção da dissertação é particularmente complicada, uma vez que identifica várias camadas da linguagem e suas inter-relações em contextos sociais diversos. Para uma compreensão abrangente dessas questões, é vital explorar a riqueza de línguas e discurso. Nesse sentido, um conceito útil é o de semiologia cultural, que analisa os signos e símbolos de uma cultura específica. No caso do Brasil, a semiologia cultural pode referir-se a expressões linguísticas, como gíria e jargões regionais, bem como ao lado artístico a música e a dança, como o samba e a bossa nova, porque são influências culturais de como um povo fala e se expressa. Esses aspectos capturam a diversidade étnica, social e histórica de um país, mostrando a riqueza de falar sobre a experiência brasileira em várias vozes. Essas manifestações não existem por si mesmas, elas vão comunicar-se como semiologia cultural dentro de uma rede de significação, que significa a maneira de uma pessoa entender e compartilhar experiências com outras pessoas, desempenhando um papel importante. Essa rede permite que as emanações do discurso não sejam compreendidas isoladamente, mas como um todo maior para onde as vozes se esbarram e se misturam. Portanto, por meio do discurso determinante negativo, pode-se chegar a um entendimento sobre como o poder e as inter-relações sociais influenciam as pessoas sobre a linguagem, o que desenvolve a luta por significados.

Quanto ao determinante negativo, precisa mencionar o que não é explicitado diretamente no momento em que o enunciado é emitido ou quando o texto é lido. O que não é apresentado se organiza e relaciona com outros determinantes que possibilitam o surgimento do enunciado ou a aparição do texto : O determinante negativo do discurso está ligado à pressuposição por Bakhtin. Por exemplo, “João não gosta de café” pressupõe um cenário em que o café é servido e algo mais precisa estar presente porque João não gosta dele. “João não gosta mais do café” pressupõe que João gosta do café. Outro aspecto é a subintenção do texto: todo texto tem uma pretensão ou supõe o que o interlocutor pensará sobre o que vem a seguir, isto é, adianta o efeito que o discurso terá sobre o outro, coloca o sujeito no próprio texto antes de adquirir qualquer conhecimento sobre “texto a

ser lido”. Como estrutura, é possível entender o determinante negativo do discurso em EXPRESSÕES que afirmam “ler nas entrelinhas”. Nesse caso, o texto ou o enunciado que se apresenta é o produto de um pretexto, subtexto ou contexto texto. O discurso que chega ao sujeito no cotidiano, seja em um jornal, em uma aula universitária, na pregação religiosa, na narrativa mitológica, na taberna entre desconhecidos ou nas ruas, com intenções sociais explícitas, oculta essa manifestação cultural linguística subjacente, que expõe o sujeito ao efeito de sentido no discurso.

No entanto, aquilo que não se combina ou se oculta por trás das cortinas determina, de maneira engenhosa, o aparecimento do elemento que de fato traz o significado para tal sujeito. É fundamental indicar que, para Bakhtin, tudo o que constitui uma textualidade ou, em outros termos, contexto é também harmonicamente orientado pelo que podemos chamar de pre-texto, sub-texto, juxta-texto, intertexto, etc. Com relação a isso, tudo se resume em torno de re-concordância e re-determinação. A linguagem, como já identificamos, é central e fundamental em relação à questão de Bakhtin. No entanto, em uma cascata de arquetônica, ela engloba relações complicadas, expondo o sujeito ao objeto e vice-versa. Assim, é mais apropriado indicar que, de acordo com Bakhtin, o que é abordado a seguir, ou seja, dialogismo, a polifonia, a singularidade e os graus negativos do discurso, são constituintes essenciais da arquetônica: Para Bakhtin, de acordo com Faraco: A ação e o ato diferem assim, desde o princípio, pela sua relação com o contexto; nela e através dela são mutuamente determinadas a existência do contexto e os limites na ação.. A ação é reconhecida por Bakhtin como processo, enquanto o ato é o seu produto. A ação é contínua, escapando ao domínio do sujeito distinto – o falante, agente do sujeito. A ação é um processo, moldado social e intera-socio-culturalmente. A ação é continuada na interação com os actos passados, ao deitar-se na sociedade que é o seu continuador. Pelo contrário, o ato é uma manifestação única⁴⁸⁰, coerente, individual. Cada ação é formada por uma série de atos, mas cada um tem a sua própria consequência, que não será repetida. No entanto, a relação ação-ato está ligada. Contribuição desse conceito de Bakhtin: os extremos, os conceitos, a dualidade e a transição. A relação entre Bakhtin, em certa extensão, e as tradições filosóficas. Dado o precedente, devemos avançar para o próximo capítulo e abordar neste qual sistema de ação e ato será examinado com relação aos elementos arquetônicos da linguagem.

Assim, os objetivos desta pesquisa estão traçados com a finalidade de

colocar um ênfase na fator humano relacional. Para Bakhtin, a materialização dos conceitos através das ações, formando o próprio homem junto com a a sociedade por ele construída, é concluída significante quanto os conceitos em si, o que sutaliza a compreensão do quadro teórico bakhtiniano. Portanto, esta pesquisa procura analisar o processo de constituição do sujeito e da linguagem enquanto tal e sua funcionamento nas relações sociais, com base nas palavras-chave propostas por Bakhtin.

3 CAPÍTULO : *ISTINA E PRAVDA*

Como área de estudo, a filosofia vem investigando questões fundamentais a respeito da vida humana e do convívio social. Dessa maneira, a filosofia desempenha um papel crítico, ao possibilitar a compreensão de ideias complexas e dos mais variados conceitos que influenciam o modo como os seres humanos pensam e as sociedades se estruturam. A capacidade de lidar com tópicos variados permite que a filosofia estabeleça relação entre várias disciplinas, como a ética, a política, a estética e a epistemologia.

Um exemplo notável é a distinção entre dois tipos de verdade: “*istina*” e “*pravda*”. Esses conceitos, popularizados por Mikhail Bakhtin, referem-se a diferentes maneiras de compreender a verdade e como ela se manifesta, em termos de aplicação e implicações éticas. A “*istina*” é comumente considerada verdade em um sentido absoluto e universal, representando uma verdade incontestável. Em contraste, “*pravda*” significa verdade individual e é baseada em experiências e contexto.

Algumas pessoas acham que um tipo de verdade é mais verdadeiro do que o outro, e podem até argumentar sobre isso. Quando alguém diz: “*pravda*”, pode alguém dizer: “*istina*”. Portanto, a distinção entre os dois conceitos nos ajuda a compreender o funcionamento da mente humana e suas maneiras de operar, ao enfatizar a importância de concordar com a verdade absoluta e aceitar as diferenças que formam nossas crenças e ações morais. Assim, a interpretação da filosofia ajuda o debate sobre a ética e a moralidade da sociedade contemporânea.

Em *Para Uma Filosofia do Ato Responsável*, Bakhtin refuta a concepção aceita da verdade composta por momentos gerais, reiterativos e constantes, por um lado, e singulares e subjetivos, por outro lado, separados e contrastados do primeiro. Além disso, ele nos fala sobre , “*istina*”, que é um valor ideal, e a veracidade, ou fidelidade, que se refere à verdade enquanto o aceitável pelo verdadeiro, para ser expresso no acontecer real.

Por outro lado, “*pravda*” é a entonação e afirmação da ação, ou seja, o músico em sua direção e no acolhedor do desejo e de que será avaliado e justificado (FARACO, 2017, p. 17).

Em “Para uma filosofia do ato responsável”, Bakhtin refuta a concepção amplamente aceita da verdade como algo constituído por momentos gerais e universais, que é repetível e constante, separando-se e contrapondo-se ao singular e ao subjetivo. Ele diferencia entre a verdade, “*istina*”, que é um valor abstrato, e a veracidade, que se refere ao verdadeiro como um ideal universalmente incontestável, mas que não

implica um reconhecimento efetivo no ato. Por outro lado, ele introduz o conceito de “pravda”, que representa a entonação do ato e a sua afirmação, ou seja, aquilo para o que o ato se orienta e pelo que é avaliado e validado (Faraco, 2017, p. 17).

Em suas obras, Bakhtin observa de perto o significado da troca de mensagens, com foco na confusão do papo como algo onde vários sons formam o tecido da vida em sociedade. Na verdade, suas ideias também falam sobre a interação suave entre fala e pensamento, enquanto o ligame desta com a realidade é quase impossível de entender. A verdade, para Bakhtin é um conceito complicado que deve ser tratado do ponto de vista de várias partes e estudado por diferentes ângulos, sobrealçando sua natureza em movimento e ligada aos outros. Assim, a diferença entre *istina* e *pravda* é importante, pois mostra a natureza variável e pessoal da verdade, que frequentemente muda com o ambiente onde o conceito está fixado. A visão de Bakhtin sobre a verdade enriquece o debate sobre a linguagem e também leva a novas ideias sobre a validade de várias vivências humanas e como elas devem ser vistas; o sentido é um evento dependente das interações humanas e do discurso. Não importa o quê, a separação entre percepção e verdade é chave uma vez que ela mostra a natureza instável e pessoal da verdade que muitas vezes responde ao ambiente no qual o conceito está fixo. A ideia de Bakhtin sobre a verdade aprofunda o discurso sobre a língua e também provocar observações mais amplas sobre a validade de diferentes vivências humanas, e como elas devem ser levadas em consideração - o sentido é um evento que depende das interações humanas e do diálogo. Um primeiro tipo de verdade, *istina*, é como uma ideia de verdade totalmente correta que não dá para negar em nenhuma situação. Também, a *istina* é clara, objetiva e completa, interessada em ouvir todos os pontos de vista possíveis. É esse tipo de verdade que muitas vezes é ligado a uma autoridade divina ou a uma história muito famosa que nada pode parar. Essa verdade é frequentemente usada por crenças que oprimem as pessoas e por religiões extremas, já que pede obediência total. Mas, mesmo a *istina* não deve negar a *pravda*; ao contrário, o primeiro é parte de um algo e tem que ser igual a realidade da *pravda* como um todo. Se a *istina* é verdade real que faz uma base, a *pravda* é tipo de verdade pessoal que se liga ao indivíduo e às suas vivências. Então, estes dois modos de ver a verdade precisam ser vistos por sua ligação que se ajuda. Deve-se achar que a *istina* é uma verdade básica enquanto *pravda* é ideal que dá lugar à variação pessoal.

Observe-se então que a distinção entre os dois termos não é, em Bakhtin, de natureza opositiva. Segundo a indicação anterior, o que se opõe a *istina* é

a ilusão, o que não é real. Ora, para Bakhtin, *pravda* é exatamente aquilo que confere realidade a um pensamento. *Pravda* e *istina*, portanto, não se opõem, mas se completam, pois o conhecimento abstrato, dotado apenas de *istina*, é um conhecimento parcial. O conhecimento teórico é o aspecto técnico do conhecimento último. Sua inclusão responsável na singularidade é o que constitui a verdade da situação e que dota o conhecimento daquilo que é absolutamente novo e que nunca irá se repetir. (Beth Brait, locais do Kindle 158-161).

Um outro tipo de verdade, chamado *pravda*, é mais livre e adaptável. Ao contrário de uma verdade fixa, a verdade é uma verdade que aparece através do diálogo, da troca entre várias visões. Esse conceito é muitas vezes ligado a situações sociais e políticas onde diversas opiniões podem ajudar a entender melhor o que se passa.

A busca pela verdade é um procedimento interativo e ativo que inclui várias vozes e muitas vezes negociações exigem e acordos rígidos. Em vez de procurar uma resposta certa, a verdade dá valor ao debate e a trabalho em junto, permitindo que as pessoas envolvidas cheguem a um entendimento mais complexo e amplo. A verdade é um método dinâmico que envolve muitas vozes e geralmente pede negociações e acordos fortes. Antes de achar uma resposta certa, a verdade preza o falar de ideias e a ajuda, deixando as pessoas que fazem parte chegarem a um entendimento mais profundo e amplo. Além disso, a *pravda* é a verdade que gosta da mistura do mundo de verdadeiro e as diferentes noções. Ela vê que cada modo de olhar traz consigo um grupo único de situações e vivências que são importantes para fazer uma história mais completa e justa. Esse tipo de verdade é muito essencial em sociedades várias onde a união tranquila e o respeito mútuo é chave para a harmonia social.

A palavra russa *pravda* traz em sua espessura semântica a ideia de validade e de justiça. Ou seja, o conhecimento pleno é aquele que, além de verdadeiro, é válido porque é justo. Válido e justo em relação a quê? Em relação ao contexto do sujeito que pensa, à posição a partir da qual ele pensa. Beth Brait. (Beth Brait, locais do Kindle 117-118).

Agora, a diferença entre '*istina*' e '*pravda*' tem profundas implicações ético-morais. Suas raízes vêm da verdade metafísica ou 'verdade estética', onde a beleza é combinada com ética e moralidade e, portanto, se considerarmos essa a ideia de verdade, recomendamos buscar '*pravda*' em nossas interações éticas e morais. Isso significa considerar que 'o outro lado', mesmo em sua forma mais reducionista, não é potencialmente mais verdadeiro do que '*pravda*'. Além disso, a moralidade deve ser percebida não como uma corrente de regras, mas como uma construção social, uma estrutura variável a um conjunto de valores comuns.

E a essa forma de verdade, Bakhtin atribui o termo russo *istina*. Já a ética de uma teoria ou de um pensamento teórico (filosofia ou ciência) diz respeito ao ato de pensar essa mesma teoria. (Pensá-la enquanto seu autor ou criador e também enquanto leitor que a adota e que a ela adere.) O ato de pensar é sempre singular e diz respeito a um sujeito único. Somente o ato de pensar pode ser ético, pois é nele que o sujeito é convocado. Enquanto abstração, o único dever da teoria é ser verdadeira. Mas o próprio dever de buscar a verdade, de, aquilo que me obriga a pensar veridicamente enquanto estou pensando, não decorre do conteúdo do pensamento, mas do ato de pensar. Uma teoria verdadeira, ao virar ato, isto é, ao ser pensada por alguém singular e único, vira ética. E pode, assim, completar sua verdade universal com a verdade singular a que Bakhtin chama de *pravda*. Somente assim completada, a palavra da teoria se torna plena. O conhecimento sem ato é um dado abstrato e parcial. Para que um conhecimento seja pleno é necessário que alguém o pense. O ato é o movimento do pensamento, é o seu vir-a-ser. A palavra russa *pravda* traz em sua espessura semântica a ideia de validade e de justiça. (Beth Brait, locais do Kindle 110-117).

Quando olhamos mais perto da verdade, como *pravda*, colocamos espaço para o pensamento crítico e a meditação. A *pravda* nos pede para duvidar de suposições e olhar de novo para dúvida. Ela nos convida a manter uma mente aberta e considerar pontos de vista diferentes. Assim, nos afastamos da firmeza do pensamento tradicional e ficamos mais próximo uma moral que se baseia em conversa e entendimento. Além disso, a diferença entre *istina* e *pravda* mostra a importância do lugar e do acaso. A verdade não pode ser separada do lugar onde é feita. Ela está ligada às confusões da vida diária nas ligações sociais e nas visões culturais várias. Perceber isso nos tira da armadilha de uma única verdade e impede de cair na simplicidade, sem sutilezas da moral.

A unidade da consciência real, que age de maneira responsável“, diz Bakhtin, “não deve ser concebida como permanência conteudística de um princípio, do direito, da lei e menos ainda do ser“: uma arma tomada de posição contra qualquer forma de absolutização dogmática, aí incluída a ontológica. _nenhum princípio ou valor subsiste como idêntico e autônomo, como constante, separado do ato vivo do seu reconhecimento como princípio válido ou valor. (FARACO, 2017, p. 17)

A linha que separa a *istina* da *pravda* é importante para reavivar a verdade pura. No mundo de hoje, vimos o conceito de *istina*. Por outro lado, notamos que a *pravda* aparece quando algo existe de qualquer jeito no universo de ideias. Essa forma de ver a verdade nos leva para perto de perigo em relação à ética e moral; mas também nos traz mais perto do pensamento crítico e aberto.

3.1 Análise da relação entre verdade, linguagem e interação dialógica.

As contribuições de Mikhail Bakhtin foram importantes para entender o que faz um humano em sua ligação com as palavras e a comunidade. Uma das suas

principais preocupações foi a divisão entre a validade que é real, geral e fria e a especificidade única da posição tomada e da escolha feita. Vamos falar sobre os resultados desta separação e as ligações para a compreensão da verdade, da diferença, do ato, da ação e da originalidade. Uma ideia válida que é objetiva, abstrata ou indiferente é uma imagem da verdade que se preocupa apenas com regras e normas já feitas. É uma verdade que se impõe e busca uma uniformidade não natural em vez da individualidade humana. Bakhtin criticou esse conceito, dizendo que a validade objetiva não precisa estar separada da unicidade da posição assumida. Ele acreditava que isso podia resumir a experiência humana. Um conceito válido que é objetivo, livre de emoção ou frio é uma visão da verdade que leva em conta só regras e normas que já existem. É uma verdade que se força a ser e busca uma uniformidade não natural ao invés da originalidade humana. Bakhtin criticou esse conceito dizendo que a validade objetiva não deve ficar separada da unidade da postura empregada; ele acreditava que isso podia aumentar a vivência humana.

A ligação entre validade objetiva, abstrata, indiferente e a unicidade irrepitível da tomada de posição, da escolha, não pode ser explicada a partir do interior do conhecimento teórico, e pela ação de um sujeito teórico, abstrato, de uma consciência gnoseológica, precisamente porque tudo isso tem uma validade formal, teórica, indiferente à ação responsável do singular. São particularmente importantes as considerações de Bakhtin sobre as consequências da separação entre validade objetiva, abstrata, indiferente e a unicidade irrepitível da tomada de posição, da escolha; sobre as consequências da autonomia do que tem uma validade técnica, que se desenvolve segundo suas próprias leis imanentes, adquirindo um valor por si e um poder e um domínio sobre a vida do sujeito, uma vez que tenha perdido sua união com a viva unicidade do ato. (FARACO, 2017, p. 22)

Para Bakhtin, a verdade não é uma coisa separada, mas um feito ligado as vivências de cada um e à mistura de enquadramentos. Ela aparece por meio do discurso entre vozes diferentes onde cada pessoa traz sua própria perspectiva. Nesse caso, a pergunta sobre se há uma verdade “istina” e se ela vale passa a ser importante: “A verdade ‘istina’ não existe? Ela não é válida? Ela não é verdade?” e mais objetiva, não abarca toda a realidade da vivência humana. Bakhtin destaca que a intersubjetividade e a alteridade são chaves para uma compreensão completa da verdade. Quando encontramos o outro e suas visões, confrontamos nossas próprias limitações, o que não tira valor da “istina”, mas a complementa. Assim, a “istina” é um parte grande no entendimento sobre verdades mas é a “pravda” com sua mudança e ligação com as experiências que faz melhor essa abordagem. Assim, a “istina” não deve ser desacreditada; mas ao contrário, é reconhecida como uma parte importante do processo de achar a verdade, que se move com uma conversa. A

verdadeira riqueza pra entender a verdade é nossa habilidade de misturar, tanto o lado prático da “istina” quanto o lado pessoal da “pravda”, ajudando-nos a crescer nossos limites e abrir-nos a novas leituras do mundo. A divisão entre a validade real e a especificidade também tem grandes efeitos para entender o ato e a ação. Aqui, o ato é visto como uma mostra única e situada, enquanto a ação se torna uma ideia geral do ato. Quando se separa a validade real da especificidade da posição, corremos o risco de ignorar o ato, mudando-o para uma ação sem sentido ou vigor. Então, perceber a ligação entre “istina” e “pravda” é importante não só para saber a verdade, mas também para dar valor à especificidade dos atos humanos. Logo, ao juntar a impessoalidade de “istina” e a pessoalidade da “pravda”, podemos ver uma riqueza da vida humana, onde cada ação é uma forma diferente de dignidade e veracidade. Essa forma nos faz ampliar nossos limites e abrir-se a novass ideias do mundo e dos laços que nele existem.

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singularresponsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. Tal pensamento, enquanto ato, forma um todo integral: tanto o seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença em minha consciência real de um ser humano singular, precisamente determinado e em condições determinadas - ou seja, toda a historicidade concreta de sua realização -estes dois momentos, portanto, seja o do sentido, seja o históricoindividual (factual), são dois momentos unitários e inseparáveis na valoração deste pensamento como meu ato responsável. Mas se pode retirar dele, por abstração, o momento de conteúdo-sentido, isto é, o pensamento como juízo de validade universal.” (BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich, 2017, p. 44)

Bakhtin nos ajuda a ver o ato como uma forma de mostrar o que é único em cada ser humano, onde cada pessoa tem suas próprias características e escolhas. A ação, em contrapartida, é uma ideia geral que faz o parecer muito comum. Ver conforme ções é uma abstração do sensível, novamente, é uma ideia geral que foca no comum de todo ato. Então, uma dicotomia entre validade objetiva e a especificidade de decisões e escolhas afetando nossa leitura da verdade, do outro, do fazer, da ação e do indivíduo. Bakhtin nos convida a olhar novamente para nossa noção de verdade, notando o valor da diferença e das vivências pessoais na criação de saber. É vital apreciar o ato como um signo da humanidade e se preocupar com a uniformidade das ações.

A temporalidade da ttemporalidade real do existir não é mais que um momento da lústoricidade conhecida de maneira abstrata. O momento abstrato da validade extratemporal da verdade pode também ser

contraposto ao momento abstrato da temporalidade do objeto da cognição lústórica: mas toda a contraposição não sai dos confins do mundo teórico, e só neste tem sentido e validade. A validade extratemporal de todo o mundo teórico da verdade, por sua vez, entra por completo na lústoricidade real do existir-evento. Evidentemente, não entra aí temporalmente ou espacialmente (todos estes são momentos abstratos), mas como momento que enriquece o existir-evento. Somente aquilo que da cognição pertence a categorias científico-abstratas é, por princípio, teoricamente alheio ao sentido conhecido abstratamente. O ato real de cognição - não do interior de seu produto teórico-abstrato (isto é, desde o interior de um juízo universalmente válido) mas como ato responsável - incorpora cada significado extratemporal no existir-evento singular. Todavia, a contraposição habitual entre a verdade eterna e a nossa temporalidade imperfeita possui um sentido não teórico; tal asserção inclui em si certo sabor axiológico e assume um caráter emotivo-volitivo: eis aqui a verdade eterna (e isso é bom), e eis aqui a nossa imperfeita vida temporal, transitória, efêmera (e isso é mau). Mas temos aqui o caso de um pensamento participativo, sustentado em um tom penitente, que busca superar o próprio caráter dado, em favor do que se coloca como algo que está para ser alcançado; mas tal pensamento participativo se desenvolve propriamente dentro da arquitetônica do existirevento do qual estamos falando. Tal é também a concepção de Platão. (Faraco, 2017, p. 56)

Em suma, Bakhtin nos faz pensar sobre as consequências da separação entre a validade objetiva e abstrata e a singularidade da posição tomada. Essa diferença é importante para um entendimento maior da verdade, pois, ao considerar a individualidade e o outro, cria um espaço bom para um diálogo mais profundo. Essa maneira ajuda na compreensão mútua e é chave para trazer inclusão e respeito por diferentes pontos de vista e vivências. Assim, podemos deixar de lado generalizações e padrões, chegando mais perto de uma verdade que olha para várias partes da vida humana.

3.2 A filosofia entre validade objetiva e a singularidade das decisões .

Para Bakhtin, a distinção entre validade objetiva e a singularidade das experiências individuais traduz-se em transações profundas para a nossa compreensão da verdade e da individualidade. O que está em discussão aqui, é se a validade objetiva é uma medida de conhecimento neutra e abstrata. A eticidade subjacente a essa visão de mundo é aquela que busca unir as experiências humanas no todo e, ao fazer isso, categorizá-las. Por categorização, entende-se a generalização; é tratar todas as vantagens ou desvantagens pessoais como meros dados no banco – a uniformização das experiências pela lente geral. Contrariamente, a singularidade é a unicidade de cada ato ou escolha feita. Todos os atos – falando em atos de fala ou escolha – de um indivíduo são únicos devido a fatores contextuais, relações interpessoais, e a comparação com a alteridade. Portanto, retirar um dos

outros de vista seria perder as nuances que formam a verdadeira essência do ato humano. Porque a verdade não é “apenas” validade objetiva, mas é também uma construção dialógica, uma

compreensão unificada de fatos a partir de várias perspectivas, por suas próprias interações dialógicas.

Não se deve, de fato, temer que uma filosofia do ato recaia no psicologismo e no subjetivismo. O subjetivismo e o psicologismo são correlativos precisos do objetivismo (lógico) e aparecem somente quando o ato é abstratamente dividido, de um lado, em sentido objetivo, e, de outro, em processo subjetivo da sua realização. Do interior do ato mesmo, tomado em sua integridade, não existe nada de subjetivo e de psicológico; na sua responsabilidade, o ato coloca diante de si sua própria verdade como verdade que une ambos os seus aspectos, assim como une o aspecto do universal (a validade universal) e do individual (o real). Esta verdade unitária e singular do ato é posta como tarefa enquanto verdade sintética¹⁰. (FARACO, 2017, p. 81)

A singularidade não repetível da tomada de posição e da escolha é outra característica de tudo o que é humano. Uma pessoa é singular pelo que valoriza e pela sua visão do mundo, e assim a posição que uma pessoa toma a partir da situação não é geralmente válida ou abstrata. A verdade baseia-se na singularidade do ato ou da ação, Bakhtin acredita que é importante lembrar a diversidade inerente à vida humana e aceitá-la como é. A singularidade da verdade é uma maneira de não negar o que não podemos negar e de admitir a nossa dualidade inerente. E algumas pessoas podem achar que essa visão é restritiva. Mas olha mais de perto; veremos que as multiplicidades de Verdades se manifestam em diferentes expressões humanas e em diferentes situações.

Para uma consciência participante e exigente, é claro que o mundo da filosofia contemporânea, o mundo teórico e teorizado da cultura, é, em certo sentido, real e tem validade, mas é igualmente claro que tal mundo não é aquele mundo no qual ela vive de fato e no qual o seu ato, responsabilmente, se realiza. Estes dois mundos não se comunicam entre si, e não existe um princípio que sirva para incluir e envolver o mundo válido da teoria e da cultura teorizada no existir- evento singular da vida. O ser humano contemporâneo se sente seguro, com inteira liberdade e conhecedor de si, precisamente lá onde ele, por princípio, não está, isto é, no mundo autônomo de um domínio cultural e da sua lei imanente de criação; mas se sente inseguro, privado de recursos e desanimado quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro da origem do ato, na vida real e única. Ou seja, agimos com segurança quando o fazemos não partindo de nós mesmos, mas como alguém possuído da necessidade imanente do

¹⁰ O termo “sintética” refere-se a algo que é formado pela combinação ou junção de partes distintas para criar um todo coerente. No contexto filosófico, a verdade sintética é aquela que não é apenas uma repetição de dados ou princípios já existentes, mas que resulta da integração de diferentes elementos, trazendo novas informações ou compreensões. Em outras palavras, uma proposição é sintética quando seu valor de verdade não pode ser determinado apenas pela análise dos significados de suas palavras; ela exige a consideração de fatos ou experiências externas.

sentido deste ou de outro domínio da cultura.” (FARACO, 2017, p.69)

A diferença entre a validade objetiva de algo e seu ser um ato único e irrepetível de coragem é potencialmente muito consequente. A validade objetiva pode afirmar uma visão unilateral e normativa devido à definição restrita de simplicidade e aos falsos cognatos associados a ela; isso limita sua relevância, uma vez que considere apenas alguns casos. Na ausência de diversidade, na ausência de ver algo do outro e da singularidade, essa visão de mundo desmorona, torna-se insuficiente e não consegue expressar a verdade com toda sua riqueza em sua plenitude.

Abraçar a diversidade da perspectiva e da experiência de uma pessoa é, segundo Bakhtin, um julgamento de necessidade. Responder a cada ato e cada ação como um ato singular permite espaço para um diálogo e compreensão mútua. Isso amplia nossas perspectivas de verdade e nos orienta a formular uma atitude melhor e mais acolhedora em relação aos outros.

A compreensão de nossa existência e sua multiplicidade molda-se à forma como encontramos o mundo ao nosso redor. A diversidade e o amor devem ser celebrados para que seja possível viver no mundo. Em um mundo de pluralidade, Bakhtin enfatiza que a humanidade não pode ser confinada às coberturas externas, mas, na verdade, é o envolvimento do conhecimento do outro que acrescenta sentido à nossa existência.

Então, Bakhtin nos apresenta um grande horizonte do verdadeiro respeito e amor pela polifonia da vida humana, e o amor se cristaliza em uma contemplação que não apenas permite, mas exalta a visão do distinto de cada ser.

A diversidade de valor do existir enquanto humano (isto é, correlato com um ser humano) pode apresentar-se somente à contemplação amorosa; somente o amor está em condição de afirmar e consolidar, sem perder e sem desperdiçar, esta diversidade e multiplicidade, sem deixar atrás apenas um esqueleto nu de linhas e momentos de sentido fundamentais. Somente um amor desinteressado segundo o princípio “não o amo porque é bonito, mas é bonito porque o amo”, somente uma atenção amorosamente interessada, pode desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo. Uma reação indiferente ou hostil é sempre uma reação que empobrece e desintegra o objeto: passa longe do objeto em toda a sua diversidade, o ignora e o supera. A própria função biológica da indiferença 12” (BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich, 2017, p.)“consiste em liberar-nos da diversidade do existir, em nos fazer prescindir disso que é não-essencial para nós na prática: é uma espécie de economia, de proteção frente à dispersão da diversidade. É esta também a função do esquecimento total. (BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich, 2017, p. 129)

A citação ressalta que o amor do humano e sua diversidade envolvem um

tratamento amoroso. Com isso, podemos entender outra afirmação de Bakhtin, que menciona o amor como a principal fonte de força para identificar singularidades e conectá-las sem simplificações. O amor incondicional que não depende de ideias estéticas ou utilitárias proporciona uma conexão mais profunda com a multiplicidade do ser. Esta analogia está conectada e aprofunda a compreensão de que o homem não significa indiferença e desafio de opor-se à alteridade submissa; tal mudança gera a possibilidade de um ambiente mais inclusivo e respeitoso. Como evidenciamos esta nova rede, ao cultivar um ambiente amoroso em direção à diversidade humana, conseguimos um entendimento mais íntimo do ser e das relações sociais. Este conhecimento melhora nossa comunicação com as pessoas e cria um ambiente para discussões significativas entre perspectivas e histórias únicas. Esse insight é essencial, pois nos levará a um debate mais profundo no próximo capítulo que resolverá a discussão da construção do conhecimento em relação à sua aplicação em interação social e cultura.

4 CAPÍTULO - SUJEITO ORDINÁRIO E SUJEITO EXTRAORDINÁRIO

A vida e o trabalho de Mikhail Bakhtin tiveram um grande impacto nas percepções de intelectuais, filósofos, sociólogos e outros pensadores sobre a complexidade das relações humanas. Por meio de sua vida intelectual, ele tentou fazer uma distinção clara entre as razões por que as culturas se manifestam e os motivos pelos quais os grupos têm dificuldades em se comunicar. O autor também distingue entre as formas de sujeito. Trata-se do sujeito ordinário e do sujeito extraordinário. O primeiro pode ser visto como alguém que segue sua cultura e prática normalmente. Em sua vida cotidiana, ele opera em conformidade com as normas e valores apresentadas pela sociedade, o que o leva a ser influenciado por sua experiência e tradição coletiva. Por outro lado, o sujeito extraordinário geralmente apresenta sua personalidade, muitas vezes contradizendo as limitações colocadas pela cultura dominante. Como tal, ele tem uma perspectiva especial, inovadora, e essa alternativa permite a ele questionar e reavaliar as normas sociais. No entanto, ambos fazem parte da mesma equipe, com exceção de suas diferenças de cultura e prática. Enquanto o sujeito ordinário é uma continuidade cultural e conformidade social, o sujeito extraordinário é uma criatividade na transformação. Esta dialética é a mais importante para o entendimento entre a relação social e cultural; daí surge a evidência da riqueza da experiência. Esta é uma das razões que podem ser usadas para entender Bakhtin: sua “vida e trabalho dolorosos” sintetizam um grande número de abordagens.

4.1 *Lebensphilosophie* e sua Relação com a Linguagem e a Comunicação em Bakhtin

Lebensphilosophie [filosofia da vida] é uma crítica da ideologia alemã do racionalismo e positivismo ocidental do século XIX. Alguns filósofos (Henri Bergson, Wilhelm Dilthey) focaram na experiência real e na subjetividade na análise e compreensão da vida humana. Com base nisso, a dinâmica das relações interpessoais e o papel da linguagem são meios de expressão e comunicação.

Bakhtin fala sobre a linguagem não apenas como um sistema de signos em sua obra, mas como um evento de ato vital que se insere nas relações sociais. A linguagem, para Bakhtin, é um fenômeno social que reflete a complexidade da própria vida. Segundo ele, “a linguagem é um sistema de signos que se torna um meio de comunicação e interação social.” Isso complementa a noção de linguagem como uma dimensão da vida donde a vida pode existir e ser compartilhada.

A produção verbal é crucial como um primeiro passo de tudo, uma vez que essa é a forma básica de existência. Isso significa estudar tudo, desde trocas cotidianas fins elaboradas obras-primas literárias e tratados científicos. As produções verbais são intertextuais em vários contextos, como literatura, discussões científicas e conflitos ideológicos. Duas afirmações se opõem uma à outra, estabelecendo uma relação de significado, que narra a forma das afirmações que nos referimos como dialógicas. Essa dinâmica é importante para como a comunicação e a expressão estão interconectadas.

Partir do problema da produção verbal por ela ser a realização primária da existência verbal. Partir da réplica tirada da vida cotidiana e ir até o romance volumoso e o tratado científico. Interação das produções verbais nas diferentes esferas do processo verbal. A “vida literária”, o enfrentamento das opiniões nas ciências, o enfrentamento das ideologias, etc. Dois tipos de produções verbais, dois enunciados confrontados um com o outro entabulam uma relação específica de sentido a que chamamos dialógica. Sua natureza específica[LC1]. Os elementos da língua dentro do sistema da língua ou do “texto” (numa acepção rigorosamente lingüística) não podem encetar uma relação dialógica. Tal relação pode estabelecer-se entre as línguas, os dialetos (dialetos territoriais, sociais, jargões), os estilos (funcionais) da língua (limitando-nos à língua falada e à linguagem científica), em outras palavras: podem estes elementos falar um com o outro? Isto é possível, mas somente mediante uma abordagem não lingüística, ou seja, somente mediante uma transformação que os torne uma “visão do mundo” (ou um tipo de percepção do mundo, realizada pela língua ou pela fala), um “ponto de vista”, uma “voz social”, etc.(Bakhtin,2003,pag.194)

Talvez o autor queira que pensemos mais profundamente sobre como a linguagem e a comunicação informam nossa compreensão de ‘visão de mundo’ e ‘modo de vida’. Em todas as nossas interações, a partir de nossos relacionamentos dialógicos, podemos ver que a produção verbal não pode ser considerada secundária em relação às realidades cotidianas, mas sim como um fundamento da própria realidade social.

Embora essas interações possam parecer interações simples, e em ambos os extremos como um poema completo ou uma passagem, a maneira como interpretamos e percebemos o ambiente para fornecer significado se traduz na interação humana.

Dito isso, a relação dialógica não deve ser entendida meramente como uma esfera imaginária, mas sim como sempre conectada à nossa experiência vivida e percepção do mundo.

Para Bakhtin, não há diálogo sem isso. Construimos significados que transcendem palavras isoladas ao confrontar ideias, realmente em debates, em produções literárias, em trabalhos científicos. Tal constelação dialógica pode

acontecer entre idiomas, dialetos, estilos e outras ideologias linguísticas ou visões de mundo.

Para investigar a complexidade das relações dialógicas, é essencial ir além da abordagem linguística tradicional e analisar o impacto das forças sociais, culturais e ideológicas tanto na produção de significado quanto em sua recepção.

Bakhtin (1981, p. 273) enfatiza a natureza social da linguagem, pois está inerentemente associada à interação humana nas múltiplas realidades da vida social. Ele sustenta que o significado das declarações é contextual, pois uma palavra ganha significado através de seu momento de enunciação e das forças sociais e históricas que a cercam.

Essa percepção nos ajuda a apreciar a linguagem com base em realidades sociais em evolução; a cada enunciação vem sua história. Exemplos adicionais de *Análise Dialógica nas Humanidades*: Nas humanidades, a análise dialógica pode revelar não apenas como ideologias são construídas e desconstruídas, mas também como relações de poder são negociadas através da linguagem e como identidades são formadas.

Essa primeira abordagem exige um conjunto de estruturas específicas, que equilibrem linguística, sociologia, filosofia e comportamento, e que definem uma ampla referência para os debates estabelecidos.

A hipertextualidade das relações dialógicas, em particular a intertextualidade, o impacto que a influência das tecnologias digitais tem na construção dessa relação e como tais questões de poder afetam esse processo.

A linguagem é vista como um processo social ativo, determinado pela dinâmica de poder, a negociação de significado e a construção de identidades. Essas são relações dialógicas, que formam a base para descobrir os mecanismos da comunicação humana e da construção de significado na linguagem para estruturar nossas próprias experiências de realidade.

Os conceitos de dialógica da linguagem de Bakhtin estão fundamentalmente conectados à sua filosofia de vida. O diálogo é um processo vivo para ele, uma produção de vozes e perspectivas que evocam umas às outras e se chocam. O significado surge dessa interação, na tensão entre os interlocutores (Bakhtin, 2003).

Isso é exemplificado através da *Lebensphilosophie*, que foca na experiência compartilhada e na construção de significado como um esforço coletivo que dá propósito à vida.

Bakhtin oferece observações essenciais e profundas sobre o

funcionamento da linguagem que servem como testemunho de nossa experiência humana e conhecimento da linguagem.

Ele nos convida a reconhecer a palavra como um fenômeno vivo, cuja raiz pode ser ao mesmo tempo genérica e contingente, mostrando a perplexidade da expressão e comunicação.

E, ainda assim — como falamos extensivamente em nossa contínua (mas em crescimento!) série sobre Mikhail Bakhtin — precisamos ver seu trabalho como um farol para aqueles de nós que atravessam a importância da fala midiática em nossas vidas.

Ele nos encoraja a construir uma análise mais crítica e abrangente para permitir que a palavra se torne uma ferramenta que vincula e constrói significados que vão além dos limites da comunicação convencional.

É suscetível a crítica e afeição em igual medida, e fornece uma sugestão para novas atividades de espaço artístico através de sua ênfase em workshop ou viagem.

Quando permitimos que isso se desenrole, muitas vezes sentimos prazer e apreciação (pelos outros e por nós mesmos) por todas as coisas que nos trouxeram até onde estamos hoje. Essa experiência do passado é de extrema importância, pois cada passo, por mais lento que seja, traz significações importantes.

O que vivenciamos e nossa relação com esta experiência é baseado no contexto criativo que estamos vivendo e nas escalas temporais que moldam nossa narrativa.

A experiência, como ele observa, não é apenas dado a ser processado, mas o próprio processo, que acontece na interação social. Um princípio central da consciência a consciência é a experiência da vida.

Porque é através do compartilhamento dessas experiências, mediadas pela linguagem, que somos capazes de colocar em palavras as coisas que experimentamos com os outros e construir relacionamentos significativos com os outros.

Segundo Bakhtin, “a comunicação é sempre criativa, sempre renegociando significado” (Bakhtin, 2003), e ele acredita que a comunicação em si é uma interação dialética entre o eu e o outro. Nessa visão, a linguagem nunca é fixa e o contexto molda ativamente a constituição do significado.

Essa percepção se alinha com a Lebensphilosophie, que, através de sua

ênfase na experiência e subjetividade, busca colocar a comunicação como uma expressão das relações sociais e culturais.

Assim, somos convidados a pensar sobre as maneiras pelas quais a linguagem e as marcas de interação influenciam como estratificamos e nos conectamos uns com os outros e com o mundo.

Para Bakhtin e Cassirer, as configurações (Gestaltung) dos domínios de cultura são produtivas; as formas culturais para Cassirer são o *energeia* e não o *ergon*. A Gestalt é a figura (ideia) e presença (estética) do ser das coisas; o processo de Gestaltung é a relação da forma ao qual traz forma - em outras palavras, é performativo. A natureza criada (Natura naturata) tornou-se a forma que forma (Gestalt Gestaltung). A Gestalt ou a gravidez simbólica (symbolische Prägnanz), para empregar o conceito de Cassirer, é o processo transcendental de constituição de significado. A symbolische Prägnanz é “o modo (die Art) no qual uma percepção, como uma experiência sensorial, contém um significado que ela apresenta imediata e concretamente”. É interessante notar que para ambos, Bakhtin e Cassirer, a linguagem e a imaginação estética são os dois modos primordiais de constituição de significado. Enquanto a linguagem pode fornecer uma configuração conceitual de mundo, esta continua a ser um arcabouço puramente lógico de estruturas relacionais. Para que esse sistema de classificações conceituais se manifeste, ele requer a imaginação estética que fornece a lógica diferencial-relacional da linguagem com a sua presença (Darstellung) estética [αισθητικός (aisthetikos)]. A experiência, seja a experiência do self, de um objeto ou uma palavra, é assim o produto sintético do trabalho da linguagem e da imaginação estéticas. (Bakhtin e Cassirer, 2016)

Bakhtin e Cassirer representam uma conversa em campos profundamente semelhantes de estética, o papel da linguagem e como o significado cultural é produzido.

Juntos, eles contribuem para uma compreensão dinâmica, não apenas formal, de “Gestaltung”, como um trabalho e uma formação cultural contínua sempre em fluxo. Essa evolução depende da linguagem e da imaginação estética, que são essenciais na formação de estruturas conceituais que animam formas de civilização.

Em Cassirer, a relação entre a melodia falada e a imagem estética é única (uma vez que é uma relação ternária) e permeada por significado simbólico, permitindo que se rompa a experiência concreta mais imediata e íntegra.

Popova, Elena P. (2011) “Lucian, Bakhtin e Cassirer: Ou, ”Estados de Gestalt“, Significado e a Imaginação”, International Journal of Comic Art: Vol. 13: Iss. 1, Artigo 5.

Os dois escritores trabalham em campos separados, mas sobrepostos, escrevendo sobre estética fora da filosofia, a filosofia da linguagem, antropologia e estudos culturais.

Situar Bakhtin e Cassirer na estilística nos processos de “Gestaltung” - moldados por novas tecnologias e redes sociais de maneira mais geral - torna-se uma maneira produtiva e frutífera de investigar as dinâmicas culturais contemporâneas, a medida que esses campos continuam a se misturar.

Isso significa árvores crescendo na relação entre a linguagem e a imaginação estética que moldam identidades e práticas sociais.

Presta atenção particular a como a linguagem ajuda a negociar a resistência aos novos tipos de expressão e representação que brotam na cultura contemporânea.

Esse endereçamento crítico de Bakhtin, então, reflete a complexidade das relações sociais e das lutas pelo poder, através e no contexto desses processos.

Esse diálogo é frequentemente poupado de críticas por seu interesse no diálogo e na subjetividade. Embora uma pluralidade de vozes e interpretações seja valorizada por muitos, outros argumentam que esses conceitos bakhtinianos podem causar a relativização de significados.

Bakhtin, por sua parte, propõe que a “multi-tonalidade” não prejudica a perspectiva de um significado singular, mas sim a aumenta, facilitando a comunicação.

A abordagem bakhtiniana de busca pelo significado essencial reconciliando pluralidades permanece no reino da crítica da Lebensphilosophie, se assumirmos que a região da pluralidade é uma área sensível. Reconhecendo a necessidade do neokantismo, ele ainda apela a uma filosofia que acomode as abstrações da vida humana, sem nunca perder de vista a profundidade irreduzível da vida além das abstrações.

Essa tensão é ecoada nas conversas sobre Lebensphilosophie, que elogia a profundidade da experiência humana, mas observa que essas experiências complicam os esforços para encontrar consenso em meio a vozes concorrentes.

A interação entre diversidade e compreensão comum é ainda iluminada por como “o discurso dos outros” — tão crucial para a formação do sujeito bakhtiniano — se figura neste cenário. Embora eles [vozes externas / outras pessoas] reflitam relações sociais complexas, também mostram as nuances da comunicação e da identidade.

Assim, a busca por um significado comum nesta pluralidade não deve desconsiderar a complexidade da linguagem, pois essa proliferação é uma parte inerente do processo agonístico de negociação.

Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2012) reconhece a importância do método neokantiano para o desenvolvimento de uma filosofia verdadeiramente científica, mas alerta que 'tal filosofia científica só pode ser mais que uma filosofia especializada, isto é, uma filosofia dos mergulhadores nos domínios da cultura e de seus domínios de unidade, solucionar uma forma de uma transcrição teórica desde o interior dos objetos em si da criação cultural e da lei imanente de seu desenvolvimento' (BAKHTIN, 2012, p. 68). Isso, com certeza, é precisamente o que Cassirer propõe fazer em sua obra *Filosofia das formas simbólicas*. No entanto, Bakhtin aponta imediatamente para os limites desse projeto e a necessidade de algo como uma Filosofia *Leben*. Essa filosofia teórica da cultura não pode fornecer uma base suficiente antropológica, ela não pode ser uma 'filosofia afeto-inteiro', ou seja, 'uma doutrina não sobre um criar cultural unitário, mas sobre o existir-evento unitário e singular. Tal filosofia primeiro', insistiu Bakhtin, 'não existe e aparentemente estar esquecido os caminhos de sua criação' (BAKHTIN, 2012, p. 68).

O texto de Bakhtin de "Por uma Filosofia do Ato Responsável" constitui uma crítica incisiva à filosofia neo-kantiana de Cassirer. Embora Bakhtin reconheça sua relevância para uma filosofia científica, ele insiste que limite nossa investigação a formas simbólicas e a análise cultural deixa de fora algo de uma noção rica e complexa do nosso ser humano. Essa crítica é especialmente pertinente ao considerar as relações entre vida e cultura, nas quais Bakhtin insiste que são tão convenientes para o desenvolvimento das formas de práticas sociais.

De maneira semelhante, Bakhtin argumenta que a filosofia não deve extrair seu material apenas de abstrações teóricas, mas que deve considerar de forma especial a singularidade dos atos e as contextualizações históricas das ações. Essa visão crítica enfatiza a necessidade de uma ética que considere as singularidades de cada caso e conteste a redução da moralidade aos princípios universais. A perspectiva do autor destaca a importância de descrever e unir diferentes experiências e relatos para formar uma compreensão mais completa das realidades sociais e culturais, uma oportunidade muitas vezes negligenciada para enriquecer nossa abordagem filosófica com uma crítica responsável e coerente.

O autor defende urgentemente uma "Filosofia da Vida", que vai além da análise teórica da cultura, incorporando toda a experiência humana, incluindo suas dimensões afetivas e existenciais. Bakhtin, ao criticar a filosofia neo-kantiana abstrata, alerta que essa abordagem pode alienar a realidade viva do diálogo e da experiência subjetiva. Ele enfatiza a singularidade e a historicidade da experiência individual, buscando uma filosofia que prioriza questões concretas, em vez de se limitar à análise de estruturas e sistemas abstratos.

Comparando Bakhtin e Cassirer, observamos semelhanças e diferenças na

construção da perspectiva sobre conhecimento, cultura e experiência. A ênfase de Bakhtin na experiência vívida destaca sua oposição à filosofia neokantiana, buscando uma forma de reflexão que enfrente desafios concretos da existência humana. Sua ideia de “Filosofia da Vida” propõe uma crítica abrangente à filosofia neo-kantiana, oferecendo uma alternativa mais totalizadora.

Para Bakhtin, a linguagem transcende símbolos; ela é um meio de gerar significados por meio do diálogo e da interação. Essa visão considera a comunicação como um processo dinâmico, onde o significado é constantemente reconstruído.

Bakhtin, um linguista, foca no aspecto social da linguagem; como isso cria e controla identidades e captura a ideia de que a linguagem é um espaço para a construção social. Os tipos de linguagem que as pessoas usam não apenas descrevem ideias, mas também refletem os arranjos sociais da sociedade em que as pessoas podem estar inseridas.

Antes das obrigações para a segunda seção, é melhor definir o que faz o “sujeito ordinário” e o que faz o “sujeito extraordinário” de acordo com a teoria de Bakhtin. O sujeito normal alinha-se às convenções sociais e à vida mundana, atuando como uma âncora na sociedade. Em contraste, o sujeito extraordinário da segunda parte do estudo são aquelas forças e sistemas que resistem às normas esperadas e desafiam a inovação. Esse conceito é crucial para entender as diferentes formas qualitativas de subjetividade interagem e formam um relacionamento entre si no mundo social, que será discutido mais adiante.

4.2 Distinção entre o Sujeito Ordinário e o Sujeito Extraordinário

Nós nos basearemos aqui nas distinções de Bakhtin entre o sujeito ordinário e o “extraordinário” à medida que se desdobram nas relações que discutiremos aqui. Você mostrará como todos esses três tópicos estão conectados à linguagem e por que essa relação é importante para nossa compreensão da personalidade humana.

O sujeito mundano está associado à conformidade social e às manifestações cotidianas, imaginado como um ser social, na maior parte, integrado e passivo, sempre desempenhando a cena social. Em forte contraste com (os limites do) sujeito extraordinário, que rompe, por meio de sua originalidade e poder criativo, com a norma e assim é a força propulsora da mudança.

Esta distinção é crucial para reconhecer, a fim de descrever os diferentes modos de ser e de incorporação que podem ser experienciados quando nossos diferentes eus se encontram também, na vida social e nas dinâmicas das

construções intersubjetivas, que podem gerar novas visões, compreensões e significados.

O potencial do sujeito extraordinário, que perturba práticas habituais, apresenta uma tensão produtiva que promove o crescimento cultural e estético.

Esta relação se baseia na própria tensão entre a tecnologia ordinária e a extraordinária, forças díspares e conflitantes em desempenhar a dialética da história e da experiência humana, centrando-se na luta contínua por espaço dentro do discurso público e da comunicação.

Isso confunde a rede de mais um passo em todos os níveis em Bizâncio. Nesta seção, tentarei mostrar como a linguagem e a comunicação se tornam os gladiadores ou instrumentos para que essas identidades se consolidem. A linguagem, e como a consciência se reflete nela, são essenciais para as afirmações feitas sobre o sujeito ordinário em comparação com o extraordinário. Na visão de Bakhtin, o sujeito ordinário é subserviente aos livros de registro das normas sociais dominantes, expressando-se por meio de uma linguagem que regurgita toda a gama de tradições e ideologias dominantes.

Em contraste, o sujeito extraordinário perturba essas convenções usando a linguagem como uma ferramenta tanto de resistência quanto de invenção. Bakhtin (1982: 270) busca abordar questões sobre a socialidade do signo e a socialidade da enunciação: qual é a relação entre os dois, qual é a natureza da socialidade do signo, fins a que ponto a linguagem determina a consciência, e até que ponto a ideologia constitui a linguagem.

Esta reflexão está intimamente ligada a distinção entre as duas formas de sujeito, donde o sujeito ordinário é geralmente construído em interações sociais e ideológicas, enquanto o sujeito extraordinário surge como uma energia que desarticula e refaz essas estruturas.

Essas questões ilustram como, nas tensões entre forma e criatividade que Bakhtin abordou na “Imaginação Dialógica”, o que está em jogo é sempre a liminaridade, ou seja, nas dinâmicas culturais e no processo de individuação (ou construção de identidade). Assim, Bakhtin nos lembra que a tensão entre forças opostas pode também ser um catalisador para a criatividade e a defesa.

A personalidade, do ponto de vista do seu conteúdo subjetivo interior, é um tema da língua, e esse tema se desenvolve e se diversifica na direção das construções linguísticas mais estáveis. Por conseguinte, não é a palavra que expressa a personalidade interior, mas a personalidade interior que é uma palavra externalizada ou internalizada. A palavra, por sua vez, é uma expressão da comunicação social, da interação de personalidades materiais e dos produtores. As condições dessa comunicação inteira-

mente material determinam e condicionam a definição temática e construtiva que a personalidade interior receberá em uma dada época e em um dado ambiente, como ela conceberá a si mesma, quão rica e segura será essa autoconsciência, como ela motivará e avaliará os seus atos. A formação da consciência individual dependerá da formação da língua, no sentido, é claro, de sua estrutura gramatical e concreto-ideológica. A personalidade interior se forma juntamente com a língua (esta compreendida de modo concreto e sob todos os seus aspectos) como um dos seus temas mais importantes e profundos. A formação da língua, por sua vez, é um aspecto da formação da comunicação, sendo inseparável dessa comunicação e de sua base material. A base material determina a diferenciação da sociedade, sua organização social e política, posiciona e situa hierarquicamente as pessoas que nela interagem, determinando o lugar, o tempo, as condições, as formas, os meios da comunicação discursiva que, por sua vez, determinam os destinos do enunciado individual em uma época de desenvolvimento da língua, o grau da sua impenetrabilidade, o grau de diferenciação de percepção dos seus diferentes aspectos, o caráter da sua individualização semântica e discursiva. Antes de mais nada, isso é expresso nas construções estáveis da língua, em seus modelos e nas modificações destes. Aqui, a personalidade falante não é dada como um tema instável, mas como uma construção mais estável (que, no entanto, no plano concreto é inseparavelmente ligada a um determinado conteúdo temático correspondente). Aqui, nas formas de transmissão do discurso alheio, a própria língua reage à personalidade como portadora da palavra. (Valentin Volóchinov, 2021, pag 311)

Bakhtin viu qualquer discurso em contenda não simplesmente como contestação, mas como trocas, uma criação de signos e tempo, e ele viu isso como fundamental para a personalidade, destacada em um comentário passageiro que V. Volóchinov relaciona depois que os Anos Formativos foram devidamente digeridos, como a personalidade foi formada através do vis-à-vis, através da linguagem.

Se formos engajar o significado do sujeito ordinário em comparação ao sujeito extraordinário, poderíamos conceber o sujeito ordinário como aquele cujas identidades e expressões são formadas e mantidas através de uma ontologia naturalista e sociolinguística (ou seja, por meios comuns ou compartilhados).

Esse sujeito viveu experiências cotidianas, tendo a linguagem como seu meio de comunicação e seus sentimentos de afirmação com sua própria identidade.

Por outro lado, o sujeito ordinário é um indivíduo desconectado que resiste a essas estruturas linguísticas e sociais. Isso tem menos a ver com o clichê e mais com as demandas de novos tipos de linguagem que poderiam interromper as convenções de sentido e endereço. Portanto, eles podem impactar o coletivo, alterando perspectivas e mudando as maneiras como linguagem e identidade são

interpretadas.

Esses dois tipos de sujeitos nos oferecem uma dinâmica do social, um sujeito ordinário que fala junto, com base em suas ideias sociais de senso comum, e um sujeito extraordinário que se ergue, reflete e abriga as mudanças na linguagem cotidiana que se usa para expressar, mas também para construir e reformar aqueles indivíduos que violam o discurso da sociedade.

Isso delimita o papel da dialética da linguagem em fenômenos que levam a mudanças, tanto pessoais quanto sociais.

Através do prisma da solidariedade, a conscientização ideológica pode se tornar uma abundância imensurável, um nó em nossos microcosmos não-antropocentros e contribuir para um tipo viral de consciência social. Como fenômeno social, a linguagem não apenas molda a consciência e a atividade mental, mas também é moldada pela ideologia predominante que domina a época histórica em que uma língua é falada.

Isso significa que a linguagem não é neutra, mas sim locais de luta onde ideologias e grupos sociais estão em conflito uns com os outros.

Inspirado por Marx, Bakhtin aplica uma consideração marxista à linguagem, desafiando a categorização superestrutural da linguagem, e em vez disso, enfatiza sua contestação e relevância em relação ao poder e às lutas sociais. Ele avança a noção de que a linguagem não só descreve as condições materiais da sociedade, mas mediatiza ativamente processos sociais também.

4.3 Relações de Poder na Linguagem: Uma Visão Geral.

A linguagem é um veículo através do qual relações de poder são criadas, mantidas e resistentes; uma lente através da qual entender discurso e linguagem como constitutivos

e constitucionais de um regime de poder; o constitutivo inclui estrutura de dominação e a subjetividade dos próprios indivíduos - de fato, os dois estão relacionados.

A análise de Bakhtin critica periféricamente o estruturalismo também, embora a visão de Bakhtin sobre o 'sociolinguístico' não seja tão rigidamente definida - Bakhtin observou que o estruturalismo se baseava em sistemas abstratos e homogêneos, que reduziam a pluralidade das práticas linguísticas reais a uma única prática linguística monolítica que também era, segundo Bakhtin, homogênea.

Ele propõe uma análise da linguagem que leve em conta a historicidade e especificidade das condições sociais, o que significa engajar-se com as implicações mais amplas da linguagem em diferentes contextos sociais, culturais e históricos.

Assim, Bakhtin (1986, p. 57) sugere que o conceito de linguagem não deve ser apenas uma imagem estática, mas também uma imagem de atividade, produzida em interações sociais particulares e que afeta o resultado do significado nas negociações em andamento de múltiplas vozes e discursos.

Isso torna a análise do discurso consistente com a investigação da linguagem e adiciona profundidade à análise das conexões entre linguagem, poder e ideologia na sociedade.

Assim, ao colocar o projeto de Bakhtin nos contextos dos debates teóricos da linguística soviética em torno de sua interpretação pós-estrutural da linguagem como superestrutura, é necessário considerar as especificidades de sua articulação teórica.

Justapondo suas ideias com as de outros, como Saussure, cuja interessante inversão é a generosidade sobre a linguagem, onde a estrutura da linguagem importa, ou a visão mais formalista de Chomsky sobre a linguagem, pode trazer novas compreensões do pensamento bakhtiniano.

Por exemplo, a teoria de Bakhtin é relevante para a sociolinguística, onde você tem as relações sociais alimentando e moldando o uso da linguagem e as identidades sendo construídas (e a informação refletindo quem disse e quem foi o receptor da ação linguística) ou você tem a análise do discurso que explora como a linguagem é usada no contexto da política do poder.

Investigar a polifonia da literatura de Dostoiévski, por exemplo, poderia aprimorar nossa compreensão das vozes conflitantes envolvidas na formação do significado humano.

E assim, ao explorar as maneiras como a escrita de Bakhtin toca e se envolve com essas disciplinas, podemos avançar nossas próprias dissertações e críticas sobre a interconexão de linguagem, cultura e poder. Assim, o sujeito ordinário se torna um reflexo das tradições e normas sociais com as quais está imbuído, tornando a crítica de Bakhtin sobre a comunicação pertinente hoje com o advento do discurso sobre identidade e sociedade.

Seu sujeito ordinário também é um produto das tradições e normas sociais que passaram a moldá-los. Eles usam uma linguagem que é, na maior parte, convencional e reflexiva dos desejos da sociedade. Bakhtin afirma que “a linguagem do sujeito ordinário é saturada de valores sociais e culturais, agindo como um espelho dos equilíbrios de poder e das dinâmicas sociais”.

Portanto, essas subjetividades ordinárias são moldadas não apenas por experiências individuais, mas pelas estruturas sociais nas quais se encontram.

Bakhtin cita e comenta longamente uma frase de Dostoiévski, em que este se define não como “psicólogo” e sim como “realista em sentido superior”. Isso quer dizer que não se contenta em expressar uma verdade interior, mas que descreve homens que existem fora dele e não se reduzem a uma consciência única: os homens são diferentes, o que implica que são necessariamente vários: a multiplicidade dos homens é a verdade do próprio ser do homem. Esta é a razão profunda que atrai Bakhtin a Dostoiévski, pois se tentarmos agora apreender com um único olhar a totalidade de sua trajetória intelectual, perceberemos que sua unidade se realiza nessa convicção, presente nele desde antes do livro sobre Dostoiévski e até seus derradeiros fragmentos, segundo a qual o inter-humano é constitutivo do humano. Tal seria, com efeito, a expressão mais geral de um pensamento que não se reduz em absoluto à ideologia individualista e para o qual Bakhtin não cessou de procurar o que pode nos parecer agora diferentes linguagens destinadas a afirmar um único e mesmo pensamento. Poderíamos, desse ponto de vista, distinguir quatro grandes períodos (quatro linguagens), conforme a natureza do campo em que ele observa a ação desse pensamento: fenomenológico; sociológico; lingüístico; histórico-literário. No decorrer de um quinto período (os últimos anos), Bakhtin tenta a síntese dessas quatro linguagens diferentes. (Bakhtin, 2003, pag 12).

Aqui, o vínculo é forjado entre Bakhtin e Dostoiévski, complementando a gratificação de Bakhtin com o realismo “superior” de Dostoiévski.

Dostoiévski atribui a si mesmo as qualidades de um “realista no sentido superior”, afastando-se da simples representação psicológica em direção a uma conversa sobre as intrincadas relações humanas e a multiplicidade de vozes dentro do indivíduo.

Esse elo pode ser relacionado ao conceito de “inter-humanidade”, que é fundamental para a natureza humana. Tanto Dostoiévski quanto Bakhtin sabem que uma pessoa não pode ser compreendida isoladamente dos outros. A

diversidade de vozes e perspectivas dentro de cada sujeito é o que os torna humanos.

No entanto, e ao contrário do sujeito individualista e isolado da tradição filosófica, essa abordagem afirma um sujeito dialógico, sempre voltado para o outro e formado pelas relações sociais e linguísticas da sociedade. Isso acrescenta uma camada de interconexão que Bakhtin, de uma maneira ou de outra, sempre foca ao compor uma nova lente analítica.

Entendo que esse conceito do sujeito extraordinário tem profundas implicações para as normas sociais, exemplo, que tanto Dostoiévski quanto Bakhtin implicitamente enquadram o sujeito extraordinário como um catalisador para a mudança social, desafiando a ordem existente e buscando uma autenticidade radical, expondo as contradições e conflitos da sociedade, proporcionando novos espaços para diálogo e transformação.

Neste texto, Bakhtin desenvolve as implicações dos romances de Dostoiévski para uma teoria da subjetividade, clamando por intersubjetividade, dialogismo e uma apreciação da pluralidade de vozes, com implicações importantes para o conhecimento e a formação do conhecimento.

Assim, o sujeito excepcional é aquele que é diferente da norma, alguém que é especial. Esse tema tem uma relação tradicional com artistas, pensadores e revolucionários que são frequentemente descritos como perturbadores das normas sociais e provedores de elementos de nova compreensão.

Bakhtin caracteriza o sujeito sublime como aquele que “se afasta da tradição e libera novas vozes e novos significados”. Essa ruptura será essencial para a inovação cultural e para o desenvolvimento da linguagem.

O período fenomenológico é ilustrado pelo primeiro livro de Bakhtin, consagrado à relação entre autor e herói. Ele a considera como um caso particular da relação entre dois seres humanos e volta-se portanto para a análise desta. Mas apercebe-se então de que tal relação não pode ser considerada como contingente (podendo não existir); ela é indispensável, pelo contrário, para que o ser humano se constitua num todo, pois o acabamento só pode vir do exterior, através do olhar do outro (é também um tema familiar aos leitores de Sartre). A demonstração de Bakhtin segue dois planos da pessoa humana. O primeiro, espacial, é o do corpo: ora, meu corpo só se torna um todo se é visto de fora, ou num espelho (ao passo que vejo, sem o menor problema, o corpo dos outros como um todo acabado). O segundo é temporal e relaciona-se à “alma”: apenas meu nascimento e minha morte me constituem em um todo; ora, por definição, minha consciência não pode conhecê-los por dentro. Logo, o outro é ao mesmo tempo constitutivo do ser e fundamentalmente assimétrico em relação a ele: a pluralidade dos homens encontra seu sentido não numa multiplicação. (BAKHTIN, 2003, pag 12).

A abordagem de Bakhtin sobre a natureza do sujeito é ampla, enfatizando notavelmente a construção da identidade através da intersubjetividade, ou seja, através da construção mútua da identidade em relação aos outros.

A relação autor-herói não é simplesmente literária, ele sugere, mas um modelo de relações humanas de forma mais ampla. É por isso que Bakhtin afirma que o “outro” é instrumental na constituição do sujeito. O outro fornece uma lente dimórfica para tanto a expansão quanto a transformação do nosso sentido de eu.

Essa dinâmica sugere que a identidade não é estática, mas sim uma construção social e histórica criada através de uma negociação contínua de diálogo, troca e validação. Compreender como as pessoas constroem suas identidades, seja se opondo ou se relacionando umas com as outras, exige estar em diálogo com uma diversidade de vozes e perspectivas.

Outra coisa que Bakhtin observa é que esse tipo de interação caótica entre inúmeras vozes se reflete em nossos relacionamentos cotidianos, nos quais cada marca é uma polifonia, de modo que nenhum sujeito é simplesmente a soma de todas as suas partes, pois cada sujeito está entrelaçado na rede social de significados, que sempre ultrapassará os limites de um sujeito solitário.

Assim, permite subverter a imagem clássica liberal de um sujeito desencarnado, autonomamente racional, e tratar a identidade como contingente e relacional, um fenômeno intersubjetivamente fundamentado onde as relações sociais e culturais estão envolvidas na constituição da experiência humana. Essa perspectiva é importante em uma conversa sobre a tensão entre individualidade e coletividade ao longo da vida.

Todos nós somos Bakhtins trabalhando com mente e corpo, primeiramente em uma dor torturada cada vez que tentamos nos observar com um inventário popularizado apenas por quem não nos conhece. Isso porque o olhar do “outro” é fundamental para como fazemos sentido de uma imagem mais coletiva de quem somos — para uma percepção nua de nós mesmos, diz ele. Não é apenas uma transação, é um engajamento em diálogo que enriquece a subjetividade.

Além disso, Bakhtin também enfatiza a importância da história e da memória coletiva, que nos localizam em um contexto temporal maior e conferem uma historicidade a toda a humanidade. Isso também tem significância histórica, pois os atributos culturais e sociais que herdamos ajudam a constituir nossas subjetividades. A memória coletiva não apenas nos conecta a um passado compartilhado, mas molda a maneira como percebemos e nunca realmente

experimentamos o presente.

Assim, a alteridade, a experiência do “outro”, desempenha um papel vital na subjetividade, onde a identidade é constantemente formada (ou performada) pelo nosso ser-um-campo-social e ser-em-discursos; e dentro de um campo cultural mais amplo. A ilicitude da perspectiva de Bakhtin revela que a criação da consciência é um processo intrincado; o ser humano é inerentemente relacional e histórico, e a única base para compreender a si mesmo e os objetos da consciência é através de relacionamentos.

De acordo com Bakhtin, a heteroglossia do outro não é um fato contingente, é uma condição de possibilidade para a constituição do sujeito, uma que é descoberta em uma transação interminável e assimétrica com o outro. Essa interação é o coração de nosso constructo de identidade, mas é o sujeito extraordinário onde essa pluralidade é o verdadeiro poder. Como definido em seu texto, essa nova pessoa é marcada por pensamento original, criatividade ou desafio às expectativas sociais. Essa figura protagoreana reage não apenas à situação social, mas, mais importante, ao teor linguístico heteroglossico do diálogo que faz dele um modo de questionar ou renovar a tradição.

E assim, o sujeito extraordinário habita um reino em que a própria linguagem se torna um campo de batalha vivo, preservando as condições para a emergência de novos e inquietantes significados.

Em particular, Bakhtin indica como esse extraordinário é muitas vezes pouco mais do que o resultado de uma prática citacional de alteridade, na qual a apropriação indevida de sentido está inextricavelmente ligada ao diagnóstico da cultura através da agência do outro. Nesta abordagem, o sujeito não é uma voz singular, mas sim uma conversa com a qualidade desconhecida dos seres humanos; sua diversidade de várias vozes interrompe a ruptura de, e contra, discursos dominantes em novas e únicas posições de diferença que exigem que o status quo mude.

É uma catalisação não apenas de nossa cultura, mas da linguagem e da arte, talvez os temas mais mundanos ou o tema memorável, o sujeito extraordinário, um agente de revoluções sociais e estéticas. Portanto, extraordinário não é simplesmente um atributo ou mesmo um grafite performático de subversão de ordens tradicionais arraigadas, mas sim um ato contínuo de receber e traduzir as normas do fundo para o meio, deslizando por sintaxes sociais-históricas estruturadas.

Bakhtin elabora uma compreensão do sujeito como sempre social e

historicamente situado, com significado e valor derivados de relações com outros sujeitos dessa natureza. Essa categoria oversized é boa em encontrar alteridade, em vincular aquelas perspectivas que são impossíveis, que se abrem para seu oposto como se mostrassem a simples complexidade e labirinto das relações entre a determinação biológica e social da identidade. Não apenas o sujeito é belo, mas também promove a mudança social. Bakhtin diz:

O sujeito notável é uma força espacial que interrompe as funções e tecidos estabelecidos e gera novas formas de expressão e pensamento.” A capacidade de interrogá-las, sabedoria aceita, coloca o sujeito excepcional no centro da história cultural e literária.(BAKHTIN,2003,15).

Dialética são as relações entre o sujeito ordinário e o sujeito extraordinário. Ele e o sujeito surpreendente se apresentam diante de nós não apenas como o sujeito surpreendente, mas também como uma resposta ao panorama social e cultural no qual opera. Bakhtin nota que “o ato de criação pelo sujeito extraordinário é, afinal, a resposta ao diálogo com o sujeito ordinário.” Cultura e linguagem são, portanto, o resultado da interação entre os dois tipos de sujeitos. A tradição brota em inovação fresca.

Além disso, Bakhtin argumenta que a confrontação do sujeito ordinário com o sujeito extraordinário é a força motriz para o desenvolvimento da literatura e da arte. Esta conversa entre duas vozes ocupa um espaço para a emergência de novas ideias, e para cada voz resistir à outra, exemplificando a complexidade inerente à experiência humana. “É por isso que a literatura é um espaço em que o um e o milhão contestam — e um local em que novos significados podem surgir.”

Aquilo de que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. Um exemplo de um tema que é apenas um tema seria, por exemplo, “a natureza”, o “homem”, “a oração subordinada” (um dos temas da sintaxe). Mas o discurso de outrem constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, “em pessoa”, como uma unidade integral da construção. Assim, o discurso citado conserva sua autonomia estrutural e semântica sem nem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou.[..]Ainda mais, a enunciação citada tratada apenas como um tema do discurso, só pode ser caracterizada superficialmente. Para penetrar completamente no seu conteúdo, é indispensável integrá-lo na construção do discurso. Se nos limitarmos ao tratamento do discurso citado em termos temáticos, poderemos responder às questões “Como” e “De que falava Fulano?”, mas “O que dizia ele?” só pode ser descoberto através da transmissão das suas palavras, mesmo que só sob a forma de discurso indireto.(Marxismo e Filosofia da Língua,1982,pag 9).

A diferença entre os sujeitos surge principalmente da linguagem; isso porque, de acordo com Bakhtin, a linguagem é um campo de batalha onde vozes

e perspectivas díspares se chocam. O sujeito comum usa a linguagem para se comunicar e integrar; o sujeito extraordinário a usa para desafiar e transformar.

Para Bakhtin, o que o ordinário e o extraordinário fornecem sobre novas aberturas de significado é o conflito que fundamenta o desenvolvimento cultural e discursivo, uma vez que a linguagem vai além de ser simplesmente um veículo para comunicação, mas também é um espaço para criação e conflito. Refletindo sobre isso, Bakhtin propõe que a linguagem é um fenômeno social correlacionado às lutas e relações de poder existentes no mundo, apresentando assim uma avenida para o discurso crítico sobre trocas sociais e culturais, afirmando a linguagem como um sintoma do conflito.

O sujeito extraordinário deve, portanto, estar relacionado à ruptura de diálogos e monólogos comuns e à mudança e transformação de estruturas normativas na sociedade; deve, portanto, estar relacionado ao discurso e à aceitação de convenções pela sociedade em geral como dados e o sujeito miraculoso que se torna transformador e disruptivo de regras na sociedade, falando novos mundos por meio da linguagem e, portanto, experimentando. Esse conflito que emerge dos diálogos intermináveis que são travados entre narrar e contestar, poder e renegociação de identidade revela que a linguagem não apenas narra, mas contesta e renegocia identidades e poderes.

A linguagem se torna um local de relações de poder e resistência, um conceito que Bakhtin capturou no que ele chamou de polifonia - a existência de muitas vozes ao mesmo tempo. A experiência humana é, portanto, inerentemente intertextual, com vozes concorrentes negociando significado no cerne da prática discursiva. A linguagem, portanto, se torna uma articulação de relações sociais conflitantes, em vez de uma forma de renegociação constante dessas relações.

Bakhtin também fornece um tratamento amplo e profundo de Dostoiévski em “Problemas da Poética de Dostoiévski” e “A Estética da Criação Verbal”. Da análise de Bakhtin, pode-se entender que os personagens criados por Dostoiévski não são meros veículos; são vozes autônomas que falam entre si representando a luta e as dificuldades da vida humana. Em “Problemas da Poética de Dostoiévski”, Bakhtin explica a maneira como Ivan e Alyosha de “Os Irmãos Karamazov” incorporam visões de mundo opostas. Tal interação de vozes cria uma trama de diálogos sobre moralidade, fé e dúvida, sintetizando a polifonia de Dostoiévski: a coexistência de vozes e a criação de um diálogo multidimensional.

Em “A Estética da Criação Verbal”, Bakhtin aponta que essa polifonia reflete a realidade social de forma mais verdadeira porque com cada voz vem sua própria história, cenário e perspectiva. Esta peça complementa a visão de Dostoiévski sobre a literatura como um modo de lidar com as preocupações e oposições do ser humano, onde a profundidade do significado literário é mantida pelo vaivém ativo de vozes. Bakhtin descreve duas categorias primárias de sujeito: o sujeito mundano e o sujeito antimundano. O sujeito mundano entra em relação com o extraordinário, mas é principalmente um artefato social que surge de padrões da sociedade e constitui tradições e costumes. Um sujeito comum, no entanto, é uma força geradora que interroga as perturbações da tradição e da norma. Essa relação é fundamental para entender a literatura e sua construção de identidade, com o sujeito servindo como um agente de mudança criador de identidade — destacando de repente como a resistência e a criatividade estão interligadas na formação da identidade. É dentro desse choque que uma identidade flexível e sempre maleável passa a ser negociada — uma que finalmente aprende a responder de forma abrangente a todas as tensões e engajamentos de um mundo emergente.

4.4 Exploração das diferentes formas de subjetividade e identidade na interação social e linguística.

Movido, na obra de Mikhail Bakhtin, por uma perspectiva dialógica sobre a linguagem e o ser humano, a população em múltiplas subjetividades e identidades, negociadas na interação social e linguística, torna-se um tema central a ser explorado.

De acordo com Bakhtin, a linguagem não é simplesmente um veículo de comunicação; é também um local onde relações intrincadas de poder estão entrelaçadas, representativas das tensões sociais que dão origem a uma sociedade. Assim, a subjetividade não é simplesmente subjetiva e conhecível, mas participativa e contínua.

Bakhtin argumenta contra a visão reducionista da linguagem que a linguística estrutural constrói, tratando-a como um sistema intercambiável e abstrato. Em oposição a isso está o significado da enunciação em sua abordagem – falar – que está sempre situado e socialmente determinado. Como ele coloca, “a fala está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação que estão sempre, por sua vez, ligadas à estrutura social.” Esta perspectiva torna possível compreender que a identidade de uma pessoa é formada tanto pela experiência

quanto pelas vozes e forças que a cercam.

Com Bakhtin, primeiramente, se coloca a questão dos dados reais da linguística, a verdadeira natureza dos fatos da linguagem. A linguagem é um fato social, como para Saussure, cuja existência é orientada para as necessidades de comunicação. Mas em oposição à linguística unificadora de Saussure e seus herdeiros que fazem da linguagem um objeto abstrato ideal, dedicando-se a ela como um sistema sincrônico homogêneo e rejeitando as manifestações individuais da linguagem (fala), Bakhtin valoriza a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, e não individual: a fala é indissolúvelmente feita com as condições de comunicação que estão sempre ligadas às estruturas sociais.

Bakhtin coloca, em primeiro lugar, a questão dos dados reais da linguística, da natureza real dos fatos da língua. A língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da comunicação. Mas, ao contrário da linguística unificadora de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.[. . .] Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema: comunidade semiótica e classe social não se recobrem. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. Na medida em que às diferenças de classe correspondem diferenças de registro ou mesmo de sistema (assim, a língua sagrada dos padres, o “terrorismo verbal” da classe culta etc.), esta relação fica ainda mais evidente; mas Bakhtin se interessa, primeiramente, pelos conflitos no interior de um mesmo sistema. (Marxismo e Filosofia da Língua,1982,pag 9)

Através de uma análise da obra de Mikhail Bakhtin, encontramos uma crítica fundamental ao estruturalismo de Ferdinand de Saussure, particularmente no que diz respeito às possíveis concepções do sujeito, bem como da língua.

A partir da concepção de língua, Bakhtin desafia a noção de um sujeito isolado e atemporal, propondo que a língua é inerentemente social e histórica em sua formação. Bakhtin compartilha da compreensão de Saussure da língua como um fenômeno social, mas enfatiza a heteronormatividade e a natureza dinâmica e mutável da linguagem.

Para Saussure, a língua deve ser uma estrutura homogênea, enquanto para Bakhtin a língua é determinada por conflitos e mudanças sociais, dialéticas e cronotopos. Isso também abre a possibilidade de uma visão bastante rica da língua

como uma indicação das relações sociais em contínua mudança.

Bakhtin vê a fala como o motor das mudanças linguísticas. Ele sustenta que “a fala é parte de um processo social” e não deve ser vista apenas como a expressão pessoal de um sistema abstrato. Em vez disso, ele mantém que sua história “sugere uma história maior, mais amplamente relevante do que qualquer língua específica ou indivíduo com a língua presa” (P229).

Esse foco na palavra falada ressalta o papel do trabalho linguístico cotidiano e como ele pode ser simultaneamente afetado por e moldar forças sociais. Bakhtin aborda a linguagem como um campo de contestação, onde valores e interesses sociais em competição se chocam.

A língua revela conflitos de classe, por exemplo, através de registros e estilos, indicando que a própria linguagem é um espaço para a articulação de poder e resistência. Assim, pode-se dizer: Esta é minha língua e não a trocaria por nada neste mundo.

A extraordinária condição do sujeito de Bakhtin está intimamente relacionada ao fato de que somos moldados pelas nossas relações sociais, nossa história. O sujeito não é uma entidade intemporal; é o produto das condições sociais e históricas de sua vida. Sendo um fenômeno social, a linguagem ensina a ver o mundo de uma certa maneira e também determina como nos comportamos.

De acordo com Bakhtin, a linguagem nunca é neutra; é um meio de poder que pode ser utilizado para controlar, marginalizar e excluir. O sujeito desafiador é aquele que se desprende dos discursos dominantes, construindo uma voz que luta contra narrativas hegemônicas. Essa capacidade de resistência é fundamental para a mudança social. A heteroglossia, ou a presença de várias vozes dentro de um único discurso, é chave para entender a complexidade da experiência humana.

O sujeito extraordinário é aquele que interage com diferentes vozes, entrelaçando uma identidade híbrida que leva em conta a pluralidade da experiência social. A capacidade de engajar-se na heteroglossia aprimora a compreensão da identidade e da subjetividade.

Resumindo, a análise da obra de vida de Bakhtin mostra que, em sua concepção, a língua é um fenômeno social e histórico que determina a identidade e as perspectivas de vida. A noção mais conhecida em seu pensamento é que o sujeito é formado pelas relações sociais e pela história. Nesse sentido, o sujeito extraordinário que emerge é aquele que se desprende dos discursos dominantes na verdade cria/prototipa uma voz que, ao final, transformaria a realidade e

questionaria a estrutura de poder.

A partir de uma perspectiva bakhtiniana, podemos entender as interações sociais como um fenômeno multidimensional em diferentes tempos e espaços. Isso abre as noções bakhtinianas de “heterologia” que atravessam a singularidade-global-objetificação do mundo e a multiplicidade irreduzível de vozes que surgem no evento de se tornar humano.

O trabalho literário, para ele, é menos uma construção arquitetônica do que um “cruzamento e ponto de encontro” de diferentes discursos, um lugar onde as tensões entre as vozes do passado e as vozes do futuro se tornam evidentes. A noção de que literatura e cultura são “unidades diferenciadas” dos discursos de uma era demonstra como a identidade é um fenômeno processual, sempre negociado e reinterpretado.

Podemos voltar agora ao ponto de partida e reexaminar a posição de Bakhtin no que diz respeito à história da estética - não mais tal como ele próprio fórmula essa posição aqui e ali, mas tal como ela decorre de suas escolhas filosóficas mais originais. Que vem a ser a literatura? Que vem a ser a crítica? No que tange à primeira pergunta, cumpre primeiro constatar que, em sua prática, Bakhtin não se ateve à crítica da definição formalista da literatura (para substituí-la por outra); não, ele simplesmente renunciou a procurar a especificidade literária. Não que essa tarefa perca todo o sentido a seus olhos; mas esse sentido só existe em relação a uma história particular (da literatura ou da crítica) e não merece a posição central que lhe atribuíram. O que lhe parece agora muito mais importante são todos os laços que se tecem entre a literatura e a cultura, enquanto “unidade diferenciada” dos discursos de uma época (cf. *Estetika*, pp. 329-330). Daí seu interesse pelos “gêneros primários”, isto é, as formas de conversação, de discurso público, de trocas mais ou menos regulamentadas. Mais do que “construção” ou “arquitetônica”, a obra é acima de tudo heterologia, pluralidade de vozes, reminiscência e antecipação dos discursos passados e futuros; cruzamento e ponto de encontros; ela perde de repente sua posição privilegiada. Portanto, Bakhtin reencontra a transtextualidade, não mais no sentido dos “métodos” formalistas, mas no sentido de um pertencer à história da cultura. (Bakhtin, 2003, pag 14).

Em contraste com os formalistas, Bakhtin não busca estritamente uma definição formal da literatura, mas se preocupa com as relações entre literatura e cultura de maneira ampla. Ele destaca a relação entre os textos literários e o momento cultural contemporâneo, sempre saturado em inúmeros discursos e influências. Bakhtin está preocupado com gêneros primários como comunicação mútua e discurso público, mostrando que a literatura não é fortuita, mas parte de uma formação multifacetada de comunicação. Para ele, a obra literária é heterogênea, composta de muitas vozes e influências, e está sempre dialogando com outras obras e com a cultura de uma forma ampla.

A concepção de literatura de Bakhtin reflete sua visão do sujeito como social e histórico, formado pela linguagem e pelas relações sociais. Em última análise, Bakhtin amplia nossa compreensão da literatura como uma constelação de produção cultural e social que ressoa com múltiplos domínios da vida. Além disso, Bakhtin observa o papel do “discurso dos outros” na construção da subjetividade. Apesar da natureza individual da obra, ele acredita que as maneiras pelas quais incorporamos outras vozes em nossas próprias histórias revelam as tendências sociais de diálogo em uma situação. É uma parte importante da construção da identidade, onde todos são uma espécie de palimpsesto de todas as vozes, de todos os discursos que os precederam. Assim, a subjetividade é uma construção social, e a individualidade é expressa por meio das relações entre as pessoas.

A noção de crítica dialógica de Bakhtin é útil à luz dessa complexidade. Ele propõe que a crítica literária escape dos prismas formalistas e unidimensionais e, em vez disso, busque uma compreensão das relações sociais e culturais que moldam a produção e recepção dos textos. Essa abordagem dialógica não só enriquece a análise literária, mas, por meio de uma estrutura pequena, podemos examinar a prática social de desenvolver graus. Sabemos sobre os fatores de políticas internas (a questão sobre as línguas nacionais na U.R.S.S.) sobre os quais seu argumento foi baseado. Bakhtin lamenta a ameaça que qualquer sistematização ou formalização excessiva de novas teorias representa: que um sistema que vacila perde sua plenitude, seu dinamismo dialético. Marr (e Stalin) poderiam ser legitimamente acusados disso. Bakhtin considera a linguagem uma manifestação das relações sociais e das lutas, suportando e sofrendo as consequências dessa luta, servindo simultaneamente como instrumento e material. Com sua própria obra desconhecida tanto pelo público soviético quanto pelo ocidental, apenas o confronto de posições extremas permanece no radar.

Sabemos sobre que motivações de política interna (a questão das línguas nacionais na U.R.S.S.) repousava sua argumentação. Bakhtin denuncia o perigo de toda sistematização ou formalização exagerada das novas teorias: um sistema que estanca, perde sua vitalidade, seu dinamismo dialético. A acusação poderia se dirigir tanto a Marr como a Stálin. Bakhtin define a língua como expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo, ao mesmo tempo, de instrumento e de material. Como sua obra permaneceu desconhecida tanto do público soviético como do público ocidental, só o confronto de posições extremas reteve a atenção. (Marxismo e Filosofia da Língua, 1981, pag 14)

Entre as linhas, Bakhtin ataca o linguismo da União Soviética, de Marr a Stalin. Ele teme que a sistematização excessiva das teorias linguísticas faça com

que a linguagem se torne estática e incapaz de participar da resolução social, porque o uso da linguagem não mencionará a transformação da sociedade. A linguagem, para Bakhtin, é uma articulação das relações sociais e das lutas de poder, um local de construção de identidades e ideologias. O contexto político obscureceu seu trabalho a princípio, mas ele ganhou proeminência com os conflitos entre Marr e Stalin. A visão de Bakhtin da linguagem como reflexo de uma diversidade de culturas e grupos sociais, assim, confrontou diretamente a política linguística de Stalin, que trabalhava para forjar uma única língua em um contexto histórico soviético. Suas ideias nos encorajam a estudar a linguagem no contexto social em que ocorre, reconhecendo sua diversidade e vendo-a como um local de contestação. Para resumir, Bakhtin nos desafia a imaginar a linguagem como um fenômeno social e histórico em permanente evolução, pertinente para a compreensão do conhecimento em nossa vida social.

Bakhtin também explora a relação entre autor e herói, vendo-a como uma instância de uma relação entre dois seres humanos. Essa relação é vital para a formação do ser humano, afirma ele, porque “somente os toques finais podem vir de fora, através do olhar do outro.” Isso se conecta com a ideia de que a identidade é sempre relacional; quem alguém é, através da maneira como foi percebido e interagido por outros.

Todos aqueles que tinham escrúpulos em considerar a língua como uma superestrutura suspiraram aliviados em 1950, e procuraram esquecer a relação da língua com as estruturas sociais até uma época muito recente, com a emergência da sociolinguística como linguística e não como variante periférica ou meramente anedótica. Na terceira parte do livro, consagrada ao estudo da transmissão do “discurso de outrem”, Bakhtin fez uma aplicação prática das teses desenvolvidas nas duas primeiras. Dessa forma, busca demonstrar a natureza social e não individual das variações estilísticas. Com efeito, a maneira de integrar “o discurso de outrem” no contexto narrativo reflete as tendências sociais da interação verbal numa época e num grupo social dado. Apóia-se, para firmar sua tese, em citações extraídas de Púchkin, Dostoievski, Zola, Thomas Mann, isto é, de obras individuais que ele insere no contexto da época e, portanto, da orientação social que aí se manifesta. (Bakhtin, 1981, pag 14).

Tratando a linguagem como um objeto social e histórico, Bakhtin antecipou muito do que viria a ser as bases da sociolinguística. Seu modelo enfatiza a base social da linguagem e como diferenças estilísticas traçam as relações de poder e as modas sociais que permeiam um momento específico e um grupo social. Como os interesses de Bakhtin eram tão diversos em temas, variando de arte a ciência a ética, tornou-se fácil apropriá-lo para modelos sociolinguísticos, uma vez que qualquer um que já tenha pensado na língua social como algo por si só

deve, em algum momento, recorrer a Bakhtin ao desenvolver alguns modelos para isso.

Teorias construídas a partir de seu trabalho nos levam a perceber que nunca são as meras palavras que conferem influência sobre a sociedade; ao contrário, a linguagem é um instrumento social que estabelece e reflete relações de poder, e sua variedade coloriza as diferenças nas identidades culturais e sociais.

Em resumo, Bakhtin é importante para o desenvolvimento da sociolinguística porque seu trabalho facilita o movimento em direção a interpretação da linguagem sob uma perspectiva social e histórica, e esclarece a relação entre linguagem e sociedade.

Bakhtin conclui com um forte argumento contra a oversistematização das teorias linguísticas/sociais e o reducionismo da linguagem/identidade. Ele negou que a linguagem seja um sistema fechado e autossuficiente, mostrando, ao contrário, que a linguagem como

prática social é um reflexo das relações e lutas sociais, e quando esse sistema se torna mal concebido, tudo fica congelado, nada acontece, até que seja reanimado pela disputa de batalhas virulentas. Podemos então entender a linguagem como um campo de guerra onde valores sociais em conflito se encontram, e a luta pela identidade em um mundo desviado ganha voz.

4.5 Análise do papel do sujeito na construção de significados e na negociação de vozes.

Uma das contribuições mais importantes do trabalho teórico del Bakhtin é a análise do papel do sujeito na construção de significados e na negociação de vozes.

Para ele A teoria do sujeito sustenta que o sujeito não é um ser solitário, mas sim uma criatura social cuja identidade é constantemente negociada e reconstruída em relação aos outros.

Aqui, entendido em termos de linguagem, é um espaço de evento para relações sociais, onde as tensões e contradições ativas na sociedade são expressas. Bakhtin reprova a mera abordagem autônoma ou racionalizada da subjetividade, propondo, em vez disso, uma concepção dialógica do ser humano. Ele diz que isso se deve ao fato de que “o interhumano é constitutivo do humano”; ou seja, nossa identidade e subjetividade não são simplesmente moldadas por nossas vidas interiores, mas sim geradas na interação social e pelos discursos que circulam no contexto em que nos encontramos.

O ponto de vista que este argumento representa minará a noção de que o significado é um produto final — o produto de uma negociação entre vozes que, por si só, está em andamento.

Bakhtin cita e comenta longamente uma frase de Dostoiévski, em que este se define não como “psicólogo” e sim como “realista em sentido superior”. Isso quer dizer que não se contenta em expressar uma verdade interior, mas que descreve homens que existem fora dele e não se reduzem a uma consciência única: os homens são diferentes, o que implica que são necessariamente vários: a multiplicidade dos homens é a verdade do próprio ser do homem. Esta é a razão profunda que atrai Bakhtin a Dostoiévski, pois se tentarmos agora apreender com um único olhar a totalidade de sua trajetória intelectual, perceberemos que sua unidade se realiza nessa convicção, presente nele desde antes do livro sobre Dostoiévski e até seus derradeiros fragmentos, segundo a qual o interhumano é constitutivo do humano. Tal seria, com efeito, a expressão mais geral de um pensamento que não se reduz em absoluto à ideologia individualista e para o qual Bakhtin não cessou de procurar o que pode nos parecer agora diferentes linguagens destinadas a afirmar um único e mesmo pensamento. Poderíamos, desse ponto de vista, distinguir quatro

grandes períodos (quatro linguagens), conforme a natureza do campo em que ele observa a ação desse pensamento: fenomenológico; sociológico; lingüístico; histórico-literário. No decorrer de um quinto período (os últimos anos), Bakhtin tenta a síntese dessas quatro linguagens diferentes. (Bakhtin, 2003, pag 12).

O impacto dessa conexão foi essencial para a formação das ideias de Bakhtin. Um realista de ordem superior em sua visão, Dostoiévski, tornou-se cúmplice na busca para compreender a natureza humana. Os dois pensadores enfatizaram a intersubjetividade e a pluralidade de vozes, afirmando que a subjetividade é definida pelas relações feitas com o outro. Apesar de abordarem seus temas utilizando métodos diferentes, o pensamento de Bakhtin é unificado pela crença de que o inter-humano é uma necessidade para o ser humano.

Ao longo de quatro grandes períodos de seu pensamento, Bakhtin lutou para incorporar várias voltas do pensamento em uma síntese mais ampla. Dostoiévski, além de ser um escritor empático em algumas de suas obras mais longas, Dostoiévski representa a capacidade de transmitir a complexidade das relações intersubjetivas de uma maneira tão inevitável da experiência humana.

Essa compreensão explica a dimensão intersubjetiva no trabalho de Bakhtin, a importância da linguagem na criação de nossa realidade e por que há uma unidade subjacente na multiplicidade de seus discursos. Essa relação entre Bakhtin e Dostoiévski é essencial para contextualizar seu impacto um sobre o outro e mostra a importância de uma colaboração entre filosofia e literatura.

A ideia de “vozes” é fundamental para a escrita de Bakhtin. Segundo ele, cada ato de fala é uma enunciação na qual muitas vozes se tocam e se misturam, englobando os efeitos de várias condições sociais, históricas e culturais. Todos os sinais são, ele postula, orientados ideologicamente; a ideologia, uma representação das relações sociais e suas lutas.

As condições sociais devem ser levadas em conta na produção de significados. O sujeito não é simplesmente um recipiente de significados, mas o sujeito é um criador desses significados; o sujeito é um agente na criação e na definição dos significados.

Na terceira parte do livro, consagrada ao estudo da transmissão do “discurso de outrem”, Bakhtin fez uma aplicação prática das teses desenvolvidas nas duas primeiras. Dessa forma, busca demonstrar a natureza social e não individual das variações estilísticas. Com efeito, a maneira de integrar “o discurso de outrem” no contexto narrativo reflete as tendências sociais da interação verbal numa época e num grupo social dado. Apóia-se, para firmar sua tese, em citações extraídas de Púchkin, Dostoiévski, Zola, Thomas Mann, isto é, de obras individuais que ele insere no contexto da época e, portanto, da orientação social que aí se

manifesta. Aborda, igualmente, o papel do “narrador”, que toma o lugar do autor da narrativa, com as interferências que isso implica. Esta é, certamente, uma de suas contribuições mais originais. Não há para ele fronteira clara entre gramática e estilística. O discurso indireto constitui um discurso encaixado no interior do qual se manifesta uma interação dinâmica. A passagem do estilo direto ao estilo indireto não se faz de maneira mecânica (isto lhe dá a oportunidade de criticar os exercícios escolares “estruturais”, crítica que permanece totalmente pertinente hoje em dia). Essa passagem implica análise e reformulação completa, acompanhadas de um deslocamento e/ou de um entrecruzamento dos “acentos apreciativos”. (Bakhtin, 1981, pag 12).

Em sua opinião, a natureza social das variações estilísticas demonstra que as incorporações do discurso dos outros incorporam, nos essenciais sociais e linguísticos, o tempo e o grupo social ao qual pertencem. Lidas sob essa luz, as narrativas realmente funcionam para a construção de significados textuais que, subsequentemente, abrem posições ideológicas e relações de poder. Dessa forma, Bakhtin estabelece uma conexão entre gramática e estética, pois as mudanças linguísticas são feitas pelo falante para expressar uma postura avaliativa que é, por natureza, estética.

Para ele, o discurso indireto é um espaço de interação dinâmica entre inúmeras vozes. Bakhtin resiste aos métodos escolares de variedade “estrutural”, uma vez que se tornam incapazes de reconhecer a “compreensão” social e histórica da linguagem.

Suas ideias, então, são muito relevantes para a análise literária: heteroglossia; efeito narrativo; dinâmicas de poder; e contexto histórico e social entram em jogo. Pois Bakhtin nos desafia a ver as implicações sociais e históricas da linguagem e da literatura como mediadas por vozes polifônicas e pontos de vista díspares. Uma de suas inovações mais importantes foi sugerir que a linguagem é um campo de batalha onde valores sociais conflitantes vão se confrontar.

Bakhtin sustenta que a linguagem não é apenas um veículo para transferir informações, mas também para reproduzir relações sociais onde a contestação ocorre através da dominação e resistência. O tema da vida cotidiana, e portanto uma questão de poder, se torna uma contestação em torno da linguagem.

Para Bakhtin, “a palavra é a arena na qual não apenas um valor social, mas um valor social que se opõe a outro valor social se confronta”, assim ressaltando aquele ato complexo de mediação que precisa ocorrer na interação social, seja entre vozes competidoras ou significações conflitantes.

Bakhtin coloca, em primeiro lugar, a questão dos dados reais da lingüística, da natureza real dos fatos da língua. A língua é, como para Saussure, um fato social, cuja existência se funda nas necessidades da

comunicação. Mas, ao contrário da lingüística unificante de Saussure e de seus herdeiros, que faz da língua um objeto abstrato ideal, que se consagra a ela como sistema sincrônico homogêneo e rejeita suas manifestações (a fala) individuais, Bakhtin, por sua vez, valoriza justamente a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolivelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (Bakhtin,2003,pag 9).

Uma diferença notável entre as abordagens de Mikhail Bakhtin e Ferdinand de Saussure em relação à linguagem e à comunicação. Bakhtin (1981) foca na heteroglossia da linguagem, Saussure a concebe como um sistema sincrônico e homogêneo de estrutura e regras em sua totalidade. Bakhtin desaprova a perspectiva saussureana por considerar a linguagem um objeto abstrato, que falha em levar em conta como ela se manifesta na prática e com quais nuances. Para ele, a fala não é meramente a manifestação singular de um indivíduo isento de ideologias, mas sim um elemento integrante de atos sociais moldados pelas dinâmicas sociais que os cercam. Essa perspectiva ressalta que a linguagem é um fenômeno de interação que absorve e constrói estruturas sociais, culturais e históricas.

O foco na enunciação na visão de Bakhtin implica que o diálogo comunicativo não é apenas um conjunto de palavras, mas sim um processo dinâmico, tanto na troca transcendente quanto na imersão representativa entre os interlocutores. O que contrasta com a visão estática de Saussure sobre a linguagem, que tende a ver um sistema fechado de significantes e significados. Para ele, a linguagem não é simplesmente um meio pelo qual ideias são comunicadas, mas um ponto de interseção entre o eu e a sociedade.

Além disso, a interação entre a fala e as condições sociais, argumentada por Bakhtin, indica que a linguagem não é algo isolado, mas dependente de condições sociais como classe, raça, gênero e história. Antigos editores e colaboradores de um jornal podem se lembrar dos vibrantes debates sobre esses assuntos e pode ser que alguns deles releguem essa premissa ao lixo, desconsiderando-a como um trivial nonsense. Isso destaca como a perspectiva bakhtiniana enfatiza a necessidade de ver a linguagem como um fenômeno socialmente criado e ativo, que transcende formalidades e não pode ser separado das construções sociais nas quais existe, ajudando a entender melhor a condição de ser humano em ação.

A noção de Bakhtin sobre “o discurso do outro” — e como outras vozes entram na fala de um indivíduo — é também relevante. A maneira como alguém brinca com essas vozes e as integra em sua própria narrativa revela as tendências

sociais de fala que se desenrolam no tempo e no lugar. A necessidade dessas formações discursivas se sobreporem é central para a construção dos significados, pois todo sujeito é um palimpsesto, composto pelas vozes e discursos que vieram antes. Assim, a subjetividade é uma construção social, e a singularidade se forma em relação ao outro.

É essa complexidade que Bakhtin oferece à crítica dialógica como meio de entendimento. Ele promove uma compreensão mais diversa da crítica literária e da análise social, defendendo modos que não são nem formais nem unidimensionais, buscando compreender as relações sociais e culturais que produzem e condicionam a recepção de textos. Ao estarmos envolvidos nas histórias e fragmentos de experiência uns dos outros, nos tornamos mais do que observadores ou transeuntes; nos tornamos participantes, e esse paradigma dialógico enriquece a análise literária ao fornecer um modelo para o estudo das interações sociais e da formação da identidade.

O plano narrativo, sobre o que Bakhtin reflete, descreve a coexistência e o conflito de múltiplas vozes, às vezes conflitantes, caracterizando uma abordagem polifônica. Ele se apresenta como um lugar de risco mútuo, situado entre passado e futuro, com posições retóricas em uma conversa em andamento, formando um campo aberto de tensão que pode ser entendido como um espaço próprio de tensão, o que podemos chamar de obra de literatura. Essa polifonia cria uma percepção de vozes contraditórias que, embora possa quase perturbar os olhos, também testemunha a multiplicidade da experiência humana, na qual o sujeito está sempre (co)envolvido em uma experiência marcada por uma batalha entre vozes e significados heterogêneos.

Podemos voltar agora ao ponto de partida e reexaminar a posição de Bakhtin no que diz respeito à história da estética - não mais tal como ele próprio formula essa posição aqui e ali, mas tal como ela decorre de suas escolhas filosóficas mais originais. Que vem a ser a literatura? Que vem a ser a crítica? No que tange à primeira pergunta, cumpre primeiro constatar que, em sua prática, Bakhtin não se ateu à crítica da definição formalista da literatura (para substituí-la por outra); não, ele simplesmente renunciou a procurar a especificidade literária. Não que essa tarefa perca todo o sentido a seus olhos; mas esse sentido só existe em relação a uma história particular (da literatura ou da crítica) e não merece a posição central que lhe atribuíram. O que lhe parece agora muito mais importante são todos os laços que se tecem entre a literatura e a cultura, enquanto “unidade diferenciada” dos discursos de uma época (cf. *Estetika*, pp. 329-330). Daí seu interesse pelos “gêneros primários”, isto é, as formas de conversação, de discurso público, de trocas mais ou menos regulamentadas. Mais do que “construção” ou “arquitetônica”, a obra é acima de tudo heterologia, pluralidade de vozes, reminiscência e antecipação dos discursos passados e futuros; cruzamento e ponto de encontros; ela perde de repente sua

posição privilegiada. Portanto, Bakhtin reencontra a transtextualidade, não mais no sentido dos “métodos” formalistas, mas no sentido de um pertencer à história da cultura. (Bakhtin, 2003, pag 18).

Mikhail Bakhtin revoluciona a literatura ao reintegrá-la com a história da estética e o próprio trabalho literário. Em vez do formalismo que ansiava por definições restritivas, Bakhtin avança uma visão expansiva e multifacetada, segundo a qual a literatura reflete sua era, imersa em discursos e influências concorrentes.

Isso demonstra que o trabalho literário é o ponto de encontro harmonioso de várias vozes e vogais e é significativo para a cultura, como Bakhtin aponta ao questionar a especificidade literária cortada da cultura. Ele está investido em gêneros primários como a conversa e o discurso público, servindo como espécime das outras habilidades dentro de uma hierarquia.

O trabalho literário, para Bakhtin, é heterogêneo, composto por múltiplas vozes e influências, sempre em diálogo com outras obras — e com a cultura, de modo geral. Tal visão tem consequências importantes para a compreensão da literatura, pois promove a análise do contexto histórico e cultural, encoraja a conscientização da diversidade da obra, percebe relações intertextuais e aprecia a dimensão social da literatura. Bakhtin quer que imaginemos a literatura não como algo separado ou estático, mas como um fenômeno interativo vibrante que reflete e molda o mundo em mudança das interações humanas sempre em andamento no mundo social.

Em conclusão, a crítica de Bakhtin à excessiva sistematização de teorias sobre linguagem e sociedade também atua como um aviso contra uma visão reducionista de linguagem e identidade. Ele insiste que um sistema em estagnação não é nem vital nem dinâmico, e que a linguagem deve ser vista como uma manifestação das relações e lutas sociais. Sob esse ponto de vista, a linguagem é um campo de batalha entre valores sociais concorrentes, ao longo de uma noção cada vez mais complexa e fluida de identidade.

Tudo isso nos leva à análise milenar e consumada de Bakhtin sobre a voz humana; à medida que o sujeito negocia espaço, o eu fragmentado ressoa dentro da heterogeneidade dos outros. Sua ênfase na enunciação, intertextualidade e polifonia nos equipa para entender a subjetividade como um fenômeno dinâmico que é social e culturalmente moldado. Através da linguagem, em vez de apenas existir como um meio de comunicação, surge um espaço para a negociação e construção da identidade com base no passado e no presente, formando, em última análise, diálogo. Claro, isso também torna esse modelo não apenas um estudo da linguagem e da literatura,

mas também uma reflexão sobre a experiência de ser humano de maneira mais geral.

5 CAPÍTULO : ARQUITETÔNICA DA LINGUAGEM

A arquitetura da linguagem — um conceito fundamental na teoria estética, especialmente para o teórico russo Mikhail Bakhtin — será o foco do próximo capítulo deste ensaio acadêmico.

A arquitetura da linguagem é um conceito que lida com as estruturas específicas das respostas ao estímulo, compreendendo que a linguagem adquire novos significados e formatos através da interface com o corpo e seu conteúdo.

Bakhtin insiste que o edifício da linguagem está no coração da construção de significados e do sujeito e do objeto da percepção. Para ele, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas uma arena de jogo e diálogo entre diferentes vozes que se entrelaçam e colidem umas com as outras.

É a arquitetura da linguagem que delinea as necessidades e o volume da polifonia e heterogeneidade do mundo estético, que forma um espaço para que os meios de expressão adquiram seu significado e valor em relação à experiência humana que os vivencia e interpreta.

De acordo com Bakhtin, uma distinção fundamental a arquitetura da linguagem é aquela entre o sujeito comum e o sujeito extraordinário. O sujeito usual, que aparece como o escritor ou narrador tradicional, fala linear e unidimensionalmente, reduzindo-se a enunciados simples e previsíveis. Em contraste, um sujeito extraordinário transcende essas convenções narrativas e históricas em favor de uma proliferação de vozes e pontos de vista que resistem à interpretação unívoca.

Essa binariedade é crucial para a compreensão da interatividade linguística, pois mostra que a linguagem não é uma transação simples, como colocar a comunicação em uma cápsula e enviá-la; ela demonstra a complexidade da relação do que eu e você somos, trazendo o outro e a coautoria do significado para o jogo.

A complexa interação desses sujeitos torna o texto mais rico na medida em que há uma rede de significados lá fora, que se torna mais interessante e reverbera em sua experiência como leitor com cada voz encarnada.

Ao fazer isso, a obra artística torna-se um domínio em que a singularidade e a irsubstituibilidade do ser humano são proclamadas, de tal forma que a divergência de pontos de vista pode tanto dialogar quanto aprofundar a plenitude da experiência humana vivida. No final, a literatura torna-se uma instalação dessa arquitetura onde a identidade de cada sujeito é construída e revelada em termos

do outro, como se compartilhassem o mesmo espaço, a mesma responsabilidade e o mesmo significado dentro de um contexto literário.

Como visto acima, a arquitetônica da linguagem está diretamente relacionada a ideia de dialogismo, um conceito-chave da obra de Bakhtin que já foi introduzido. Assim como no caso da polifonia, o dialogismo refere-se a interdependência e interação das diferentes vozes que coexistem em um texto para criar um espaço de diálogo.

Nesta seção, vamos cada vez mais focar em como a arquitetônica da linguagem organiza e estrutura essas vozes, e como a arquitetônica da linguagem também torna possível a construção de significados ricos e coerentes. O objetivo será enfatizar como a interação e a troca entre perspectivas diferentes destacam a inter-relação dialógica e dinâmica de sujeitos comuns e sublimes e a produção cultural que cerca essa relação dentro do quadro do texto. E assim, a arquitetônica da linguagem e o dialogismo tornam-se uma das ferramentas principais para ler e entender profundamente a literatura.

A sintaxe da linguagem é intrínseca à construção de significados e à interação entre autor e leitor. Essa arquitetônica não apenas possibilita a comunicação, mas organiza a linguagem e cria um espaço para seu diálogo e interação, uma ambivalência das vozes narrativas. Novamente, essa polifonia, que já foi relacionada ao dialogismo acima, permite ao texto funcionar como um local de negociação entre significados, espelhando a complexa interação das influências sociais e culturais que Bakhtin descreveu de maneira tão hábil.

Nos escritos de Bakhtin, como por exemplo em seu tratamento sobre o riso e a beleza de um texto, podemos ver como os diferentes pensamentos se entrelaçam e enriquecem a experiência da palavra escrita. É na interação de múltiplas vozes, o sujeito comum e o grande sujeito, que criamos uma conversa, um diálogo, que é veicular, que vivifica a narrativa e fornece novas potencialidades para uma leitura. Além disso, a interação entre autor e leitor vira uma verdadeira parceria, transformando o leitor em mais do que só alguém que recebe a mensagem, mas em um co-criador de significado. Dessa forma, ao darmos uma olhada na estrutura da linguagem, estamos percebendo não só como ela molda o texto, mas também conectando com outras ideias do Bakhtin que mostram como linguagem, cultura e sociedade estão todas ligadas. Isso nos leva à temática da próxima seção do livro, onde iremos elaborar ainda mais essa abordagem, considerando a dialogicidade em vários gêneros textuais e formas de interações linguísticas que constroem maneiras de perceber a realidade.

Analisando a interação das práticas com sua rotina social preferida, podemos estudar como o discurso molda e é moldado pelo ambiente social em que vivemos, destacando como as ideias de Bakhtin reverberam na sociedade de hoje.

5.1 Estudo da arquitetônica da linguagem em Bakhtin e sua influência na compreensão da estrutura e organização discursiva

Para uma filosofia do ato responsável“ (1986), Bakhtin apresenta profundas ideias sobre a essência e o papel da linguagem na construção de significados, em fatizando a importância da criação de enunciados e comunidades. Essa visão marca uma ruptura com as orientações formalistas e estruturalistas que consideram a linguagem como nada mais que um código, imaginando, portanto, que as condições sociais da própria linguagem não existem.

Baseando-se em Bakhtin, o autor considerará não apenas como a linguagem funciona para ressaltar que as palavras não estão disponíveis para a comunicação, mas sim como a arena de interação na qual laços sociais complexos se entrelaçam. Ele insiste, em vez disso, que todo ato de fala está salpicado de vozes do passado e aberto a vozes futuras, uma manifestação da qualidade dialógica da fala e o ônus ético que isso implica. A postura monológica na qual a linguística é geralmente apresentada é desafiada por meio da exploração da interação entre linguagem e cultura, a partir da perspectiva da sociedade como um todo, mostrando como a interação verbal se torna uma parte integrante da vida como uma comunidade multilíngue.

A controvérsia teórica da década de 1920, na qual Mikhail Bakhtin (1986) se envolveu, foi marcada por acaloradas discussões sobre linguagem e sociedade. De um lado estava o formalismo, com críticos como Viktor Shklovsky e Roman Jakobson em fatizando uma compreensão da literatura e da linguagem que destacava seus aspectos formais e estéticos, enquanto relegava o contexto social (Shklovsky, 1917; Jakobson, 1960). O outro extremo era o sociologismo vulgar: Nikolai Marr defendia o postulado da linguagem como uma superestrutura determinada diretamente pela estrutura social e econômica, de modo que a revolução na linguagem deveria ser concomitante à revolução social (Marr, 1929).

Bakhtin contesta o monismo dialético de Marr, que reduzia a linguagem a algum nível superestrutural que levaria a linguagens e gramáticas de classes independentes. Para Marr, o desenvolvimento da linguagem deveria corresponder diretamente às revoluções sociais nesse aspecto. Mas Bakhtin insiste que “a base e as superestruturas stão sempre em interação”. A palavra, argumenta, não é

simplesmente um veículo de ideologia, mas também um “indicador” de mudança social, incorporando as tensões e relações sociais que a compõem. Essa visão dialética da linguagem é central para entendê-la como algo vivo e sempre em mudança.

Também não se pode tratar esquematicamente a questão da língua como supe- estrutura. Nos anos 20, no momento em que Bakhtin compõe sua obra, duas tendências se confrontam em lingüística, o formalismo e o sociologismo dito “vul- gar”, o marrismo. Nicolau Marr leva a suas últimas conseqüências a assimilação da língua a uma superestrutura: existência de línguas de classe e de gramáticas de classe independentes e teoria da evolução “por saltos”; é difícil confirmar essa teoria nos fatos: a toda revolução na base deveria corresponder uma tão pronta evolução da língua. Tal é, em todo caso, a imagem, sem dúvida parcialmente deformada, que se pode fazer da teoria de Marr a partir da controvérsia de 1950. Bakhtin, por sua vez, insiste sobre a noção de processo ininterrupto. Para ele, a palavra veicula, de maneira privilegiada, a ideologia; a ideologia é uma superestru- tura, as transformações sociais da base refletem-se na ideologia e, portanto, na língua que as veicula. A palavra serve como “indicador” das mudanças. Bakhtin não afirma jamais que a língua é uma superestrutura no sentido estrito definido por Marr, o qual acarretará, em 1950, a inapelável condenação stalinista: a base e as superestruturas estão sempre em interação. Em compensação, ele afirma cla- ramente que a língua não é assimilável a um instrumento de produção.(Marxismo e Filosofia da Língua,2003,pag 11).

Bakhtin se diferencia da perspectiva determinista de Marr ao afirmar que a linguagem funciona não meramente como um reflexo de mudanças sociais, mas como uma força ativa na formação dessas mudanças. Enquanto Marr sustentava que a linguagem se desenvolvia de forma linear junto com as mudanças na fundação social, Bakhtin (1981) defendia uma interação dialética entre linguagem e sociedade, postulando que a linguagem tanto se espelhasse quanto a molda atuante na realidade social, impactando assim a consciência e as práticas sociais. A complexidade da proposta de Bakhtin é aumentada por seu foco na heterogeneidade da linguagem, que abrange diversas vozes e discursos que são significativos em qualquer ato comunicativo (Bakhtin, 1986). Ao perceber a linguagem como um sistema uniforme e imutável, ele ressalta a importância do contexto e da interação social, examinando como vários grupos e classes sociais podem moldar e redefinir a expressão linguística. Além disso, Bakhtin introduz o conceito de polifonia, ilustrando como múltiplas vozes e significados se entrelaçam nas trocas linguísticas, refletindo assim a riqueza das experiências humanas e dos conflitos sociais inerentes a elas (Bakhtin, 1984).

Essa perspectiva facilita uma exploração mais matizada e dinâmica da linguagem e sua relação intrincada com as complexidades sociais e culturais. A

noção de Bakhtin de “translinguística” ou “pragmática” centra-se na enunciação, enfatizando as interações verbais entre indivíduos. Ele critica a simplificação da linguagem em um sistema fechado, afirmando que “o discurso é acima de tudo uma ponte lançada entre duas pessoas, que são elas próprias socialmente determinadas”. Essa perspectiva acentua a importância do contexto social e histórico na formação do discurso, confirmando o entrelaçamento da voz do sujeito com os outros durante a enunciação. Bakhtin, conseqüentemente, defende uma análise linguística que considera a dinâmica social e os fatores culturais que influenciam a comunicação. Em sua obra “Para a uma Filosofia do Ato Responsável”, ele critica o “teorismo fatal” predominante na filosofia de sua época, indicando uma “unidade responsável” entre pensamento e ação. Ele apresenta ideias como “pensamento de ação-realização” e “pensamento participativo”, ressaltando a noção de que um indivíduo que se envolve em “pensamento participativo” não dissocia seu ato executado de seu resultado.

Encontra-se aqui a mesma problemática exposta naquele que é o primeiro escrito publicado de Bakhtin, em 1919, intitulado “Arte e responsabilidade”, onde a questão examinada é a da relação entre arte e vida, e onde a solução é apresentada nos mesmos termos. A ciência, a arte e a vida adquirem unidade somente na pessoa que as incorpora na sua unidade. Mas esta ligação, como acontece muitas vezes, pode se tornar mecânica, externa, já que falta a unidade de uma dupla responsabilidade: a “responsabilidade especial”, isto é, a responsabilidade que decorre da pertença a um todo, relativa a um determinado setor da cultura, a um determinado conteúdo, e a um certo papel e função, e, portanto, uma responsabilidade delimitada, definida, referida à identidade reiterável do indivíduo objetivo e intercambiável; e, de outra parte, a “responsabilidade moral”, uma “responsabilidade absoluta”, sem limite, sem alibi, sem desculpa, que por si só toma único, irrepitível o ato, enquanto responsabilidade não transferível do indivíduo. O ato é por isso, diz Bakhtin, “Um fano bifronte”, orientado em duas direções diferentes: a singularidade irrepitível, e a unidade objetiva, abstrata. (Faraco, 2017, pag 18).

Em sua obra inaugural publicada, Bakhtin explorou uma interação entre responsabilidade, arte e vida, argumentando em 1919 que a convergência de ciência, arte e vida é alcançada apenas na medida em que esses domínios são sintetizados dentro da expressão artística de um indivíduo. Para Bakhtin, esta síntese é realizada por meio de indivíduos que amalgamam esses elementos em um todo coeso. No entanto, ele alerta contra o potencial dessa conexão ser meramente superficial ou mecânica, a menos que seja fundamentada em um duplo senso de responsabilidade. Essa dupla responsabilidade compreende duas dimensões: Responsabilidade Especial, que diz respeito às obrigações de um indivíduo dentro de uma estrutura cultural ou social específica, e Responsabilidade Moral,

que significa uma obrigação mais profunda e definitiva. A Responsabilidade Especial está associada ao papel específico que um indivíduo ocupa dentro de um grupo ou comunidade, descrito por sua natureza intercambiável e objetiva. Em contrapartida, a Responsabilidade Moral é ilimitada, irrefutável e única para cada ação, implicando que o ato executado por esse indivíduo em um determinado contexto não pode ser replicado por outro.

Bakhtin se refere a essa natureza dupla de responsabilidade como “fano bifronte”, estabelecendo um ato que olha em duas possibilidades: um aspecto respeito diz à singularidade e irreparabilidade do indivíduo, enquanto o outro diz respeito à coesão objetiva e abstrata da cultura. Consequentemente, Bakhtin ressalta a relação inseparável entre literatura e cultura. Ele postula que a literatura não é autônoma; em vez disso, ela faz parte de uma “unidade diferenciada” de discursos característicos de uma época particular. Esse ponto de vista facilita um exame mais profundo de obras literárias, confirmando-as como produtos moldados por um contexto social e cultural específico. Bakhtin foca no que ele chama de “gêneros primários”, referindo-se às várias formas de conversação e discurso público. Ele afirma que uma obra literária é fundamentalmente uma “heterologia”, caracterizada por uma multidão de vozes que se envolve no diálogo umas com as outras. Além disso, ele enfatiza a significância do “discurso do outro”, ilustrando como variações estilísticas dentro de um texto refletem a dinâmica social e as trocas verbais de um grupo específico ao longo da história.

Bakhtin ilustrou que os elementos dialógicos da narrativa se estendem além da mera autocompreensão, representando um relacionamento complexo e contínuo com estruturas sociais e culturais. Em “Problemas da Poética de Dostoiévski”, ele examina vários autores, como Zola e Pushkin, aprofundando-se na dinâmica de poder latente presente na sociedade. Essa metodologia facilita uma compreensão mais profunda da literatura, não a vendo como uma entidade isolada ou abstrata, mas sempre em conexão com a realidade social. Consequentemente, as teorias de Bakhtin desafiam noções convencionais de linguagem, propondo uma nova estrutura para análise literária que depende da interação entre autor, texto e contexto social. Esse ponto de vista contrasta com a desconstrução, revelando como a criação literária é contingente às interações entre moradores e forasteiros, ao mesmo tempo em que promove o engajamento mútuo.

O conceito de “arquitetura da linguagem” de Bakhtin fornece uma visão

mais aprofundada de como a estrutura do discurso está ligada à linguagem, à cultura e à sociedade, ressaltando que a linguagem serve não apenas como um meio para transmitir informações, mas também como um reino de interação onde as vozes convergem e os significados são perpetuamente negociados. Entender a experiência humana depende dessa dinâmica, o que requer uma investigação mais profunda sobre os componentes específicos dessa estrutura linguística, incluindo estilo, gênero e vozes narrativas — elementos que serão examinados em discussões posteriores. Nossa análise nos permitirá explorar como esses fatores sugeridos para a construção de significados e identidades em vários contextos sociais.

5.2 Análise dos elementos arquitetônicos da linguagem, como estilo, gênero e vozes narrativas.

Para a filosofia do ato, o texto mais importante que trabalhamos anteriormente é “Para uma Filosofia do Ato”, de M. M. a. Nesta obra, Bakhtin destranscendentaliza a ética de Kant, trazendo extensões para o ato e as relações entre ato, moralidade e subjetividade. Ele argumenta que a ação humana deve ser compreendida em seu contexto social e histórico, confrontando a visão tradicional da ética como normas estáticas. Isso enfatiza as interações e experiências individuais que contribuem para os significados e valores subjacentes à ação. Ou melhor, Bakhtin defende que a ação humana precisa ser analisada como um fenômeno social e histórico. Esse esquema é primordial para a discussão sobre uma arquitetura linguística, abrangendo questões como estilo, gênero e vozes narrativas que operam em conjunto para produzir significado.

Bakhtin argumenta que o ato é único e irrepetível, pois ressoa através do tempo e do espaço. O terapeuta que vejo me diz que “a possível camada de subjetividade que o ato constituiu é justificada pela ressonância que possui em um tempo diferente e em um lugar diferente”. Este ponto, que a ação é sempre contextual, é importante para entender como a linguagem funciona em diferentes gêneros e estilos. Segundo Bakhtin, a linguagem não se refere a um mecanismo de transporte, mas a um campo de atividade no qual as vozes das pessoas interagem.

Para uma filosofia do ato é em si um exemplo do que Bakhtin está procurando compreender. Sua ação tinha um significado para ele como um ser único da segunda década deste século sombrio; mas a possível camada de subjetividade que o ato constituía se justifica através da ressonância que ele tem em um tempo diferente e em um lugar diferente. Argumentativamente, o caso de que as diferenças entre Itália e Rússia, Amalia Riznich e Alexander Pushkin, analisadas na leitura de Bakhtin do poema de Pushkin de 1830, são nada, comparadas às diferenças entre o lugar único de Vitebsk, em 1920, e os Estados Unidos, em 1993, ou entre

o ser único que foi Bakhtin no momento da composição deste texto e a unicidade de cada um de nós que lê o texto aqui e agora. Mas o não-ólibi que Bakhtin procurava sublinhar neste texto encontra (uma de) suas justificativas na nova configuração do mundo unitário e único constituído pela apropriação única que cada um de nós como leitores faremos da obra. Num tempo e num lugar dominados pela redescoberta da radicalidade potencial da tradição kantiana, por uma nova volta ao 'criticismo ético', e pelas discutidas questões levantadas pelo problema do 'conhecimento situado', Filosofia do ato encontrará sua própria 'responsabilidade'.(Faraco, 1986,pag 11).

Para Bakhtin, o estilo reflete a individualidade do autor, mas também é condicionado pelas convenções do gênero que habita. Ele enfatiza que uma “pessoa que 'pensa participativamente' não 'sobe' de sua produção” (página 294). Portanto, segue-se que o estilo não é apenas uma estética bem escolhida, mas um modo de ser no mundo. Assim, por sua vez, o gênero oferece uma estrutura (muito solta) para inscrever o texto e para como lê-lo. Linguisticamente, Bakhtin postula que os gêneros se cruzam, criando uma polifonia dinâmica onde as vozes narrativas conversam entre si, gerando novos significados por meio dessa interação intergêneros.

As vozes narrativas são uma das camadas mais ricas da análise bakhtiniana. Ele sugere que cada voz traz uma perspectiva de mundo particular que é moldada por sua localização social, histórica e cultural. Bakhtin argumenta que o “dever universal” de Kant — que busca uma ética universal, isenta de moralidade — não pode abranger as complexidades da relação humana. Em vez disso, ele clama por uma ética que reconheça a multivocidade e a singularidade de cada ato. Essa pluralidade é crucial para a construção de significados, pois todas as vozes trazem consigo suas próprias interpretações e significados.

Para avaliar a importância desta obra, é crucial contrastá-la com o projeto filosófico que Bakhtin buscava superar. Embora o jovem Bakhtin tenha se interessado pela Escola de Marburg, seu foco principal era Kant. As páginas deste texto revelam uma tentativa de 'destranscendentalizar' Kant, ou seja, de ultrapassar a formulação kantiana do imperativo categórico. Ao invés de se ater à ética transcendental, Bakhtin buscava uma ética ancorada na ação concreta e nas relações intersubjetivas.(Faraco, 2917,pag5).

Nesta passagem, Bakhtin apresenta uma crítica ao neokantismo, um movimento filosófico fundamentado nos conceitos apresentados por Immanuel Kant. Seu exame se estende além de meramente abordar os intérpretes de Kant, pois se envolve diretamente com os textos originais do filósofo. A escola de neokantismo de Marburg busca reinterpretar as ideias de Kant dentro de um contexto contemporâneo, passando a resgatar suas contribuições sobre questões

fundamentais como a natureza do tempo. No entanto, Bakhtin destaca as deficiências dessa perspectiva, enfatizando suas especificidades.

A importância da crítica de Bakhtin decorre da observação de que a estrutura ética de Kant é construída de forma estrita e universal, o que, como argumenta Bakhtin, falha em abranger a profundidade da experiência humana. Em sua interpretação, Bakhtin defende uma perspectiva moral fundamentada na epistemologia da mediação entre ações específicas e relacionamentos intersubjetivos, extraindo a influência de Hegel, que percebe a moralidade como um fluido. Conseqüentemente, a justificação das ações deve ocorrer dentro de contextos particulares, evitando a homogeneização das tradições éticas dóricas que ignoram as complexidades dos valores sociais. Essa fixação de Bakhtin é evidente em sua crítica a Kant, pois sua busca se envolve significativamente com os conceitos kantianos. Em seu artigo de 1993, “Rumo a uma Filosofia do Ato”, Bakhtin examina textos como a *Crítica da Razão Prática* (1788) e a *Fundação da Metafísica da Moral* (1785), aprofundando-se nas noções de Kant do imperativo categórico e universalismo, que defendem uma moralidade que é uniformemente aplicável a todos os indivíduos. A crítica de Bakhtin à ética kantiana destaca sua estrutura inflexível e universal, que aliena os indivíduos e desconsidera os contextos históricos e sociais das ações humanas. De acordo com Bakhtin, uma interpretação crucial de Kant é essencial para cultivar uma compreensão mais sofisticada da moralidade e da responsabilidade ética. Ele visa “des-transcendentalizar” Kant, contestando a noção do imperativo ético como um princípio universal.

Bakhtin defende uma estrutura ética que reconheça a irredutibilidade de cada ação, levando em consideração os contextos históricos e sociais do comportamento humano, ao mesmo tempo em que percebe a moralidade como um processo multifacetado envolvendo agentes morais. Essa perspectiva sobre a ética dinâmica carrega implicações profundas para a compreensão da linguagem, vendo-a como um campo de batalha ideológico onde uma conexão específica entre pensamento, ação e diálogo social é estabelecida. A integração responsável de pensamento e ação surge como uma obrigação ética. Em “Para uma filosofia do ato”, Bakhtin vincula ação, linguagem e ética, examinando a estrutura da linguagem, que inclui estilo, gênero e vozes narrativas. Ele considera a comunicação como um esforço social e histórico, um domínio marcado pela complexidade e fusão de vozes que acompanham a diversidade da experiência humana, onde cada ação individual serve como uma oportunidade para o diálogo e a criação de significado.

5.3 Reflexão sobre a importância da arquitetônica linguística na construção de significados e na expressão da diversidade de vozes.

O conceito de arquitetônica linguística, pelo qual Bakhtin é amplamente reconhecido, é analisado de forma extensiva em “Para uma Filosofia do Ato” (2017) e sublinha a centralidade das estruturas linguísticas na formação de significados, permitindo a articulação criativa de diversas vozes. O neologismo de Bakhtin sugere que a linguagem em uso não pode ser reduzida a elementos estruturais formais; ao contrário, cada enunciado e cada evento de fala são fundamentalmente moldados por dinâmicas históricas, sociais e humanas. Assim, a linguagem não se configura como um veículo neutro, mas sim como um espaço social no qual vozes singulares emergem, intervêm e transformam-se mutuamente.

A heteroglossia, um conceito-chave desenvolvido por Bakhtin, possibilita a análise da co-presença de vozes e perspectivas divergentes no mesmo discurso. Essa tese se amplifica na atual era das redes sociais, onde a pluralidade de vozes flui constantemente, promovendo a democratização da expressão. O mundo digital se transforma em um campo de batalha, onde inimigos ideológicos se confrontam, refletindo as lutas do mundo real entre divisões sociais e políticas na sociedade moderna. A linguagem, portanto, é mais do que meramente uma transferência de informações; é um campo de batalha de significados, um solo repleto de tensões sociais e culturais.

Ao examinar a visão de Bakhtin em relação a gêneros distintos de teoremas da linguagem, como os de Ferdinand de Saussure em “Aplicação na Linguística Geral” (1986) ou a pragmática de J. L. Austin em “Como Fazer Coisas com Palavras” (1962), revela-se a riqueza de sua compreensão. Enquanto o estruturalismo afirma uma estabilidade e norma formal da estrutura linguística, Bakhtin considera a linguagem é um fenômeno social dinâmico, em constante evolução, influenciado por interações sociais. A pragmática considera o contexto e a intenção do falante. não capta adequadamente as dinâmicas de vozes competidoras nas interações. A ênfase de Bakhtin no caráter dialógico do discurso oferece uma perspectiva crítica para entender a construção das identidades em um ambiente dinâmico.

Exemplos práticos, como a análise de discursos políticos ou interações sociais nas mídias digitais, ajudam os alunos a identificar a aplicação dos conceitos bakhtinianos em contextos contemporâneos. Campanhas eleitorais modernas, por exemplo, usam o dialogismo para se conectar com os eleitores,

enquanto silenciar críticas, refletindo a luta por significado na democracia. O pensamento pós-estruturalista, como ilustrado por Judith Butler em “Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade” (1990), ressoa com a ideia de que a identidade é um contrato social expresso em práticas discursivas. Butler critica a visão monológica da linguagem, defendendo seu dialogismo, o que está alinhado com a intertextualidade proposta por Julia Kristeva em “Desejo na Linguagem: Uma Abordagem Semiótica à Literatura e à Arte” (1980), onde cada texto é um colagem de outros, mostrando que a comunicação envolve sempre múltiplos falantes e contextos.

Essa síntese de pensamentos de diversos autores demonstra que as teorias de Bakhtin permanecem relevantes nas discussões contemporâneas sobre linguística e teoria crítica. Ao encerrar esta pesquisa com as teorias de Mikhail Bakhtin, é vital compartilhar reflexões sobre as consequências para a filosofia e a sociedade com base na análise do sujeito na linguagem. De fato, a contribuição de Bakhtin, especialmente no que se refere à interconexão entre filosofia e literatura, discutida de forma concisa por Bakhtin e Erdianst Vulcan em “Entre Filosofia e Literatura: Bakhtin e a Questão do Sujeito” (2016), fornece quadros poderosos para examinar as intersecções da interação humana como um processo gerador de significados em um mundo que está constantemente se tornando.

A crítica de Bakhtin à visão monológica da linguagem nos convida a estar cientes da natureza dialógica da fala, onde todos os atos de enunciação são respostas a vozes passadas e convites a vozes futuras. Esse aspecto é aprofundado na análise do teatro e da linguagem na obra de Bakhtin e McCaw, “Bakhtin e Teatro: Diálogos com Stanislavsky, Meyerhold e Grotowski” (2013), na qual a linguagem atua como um espaço de interação social que constantemente forma e reformula identidades. A noção de polifonia de Bakhtin, que se refere à presença de muitas vozes em um diálogo, é igualmente importante na leitura de textos literários contemporâneos. Em “A Imaginação Dialógica” (1981), Bakhtin enfatiza a necessidade de considerar a multivocalidade com a qual o significado é negociado, o que tem implicações relevantes para estudos literários e sociais, permitindo investigações sobre como narrativas são produzidas em diferentes contextos, destacando a multiplicidade de realidades.

O dialogismo de Kristeva é construído a partir de Bakhtin e é empregado para explorar a intertextualidade em sua obra “Palavra, Diálogo e o Romance” (1984). A inclusão de outras vozes gera um espectro rico de significados na literatura, que Kristeva, argumenta deve ser vista como relações sociais. Através do

contraste entre verdade universal (*istina*) e verdade subjetiva (*pravda*), um tema central na obra de Bakhtin, desenvolvido por N. S. Tikhonov em “Os Dialogismos de Bakhtin: Tradição e Modernidade” (2019), observa-se que o sujeito não se satisfaz com a universalidade das verdades; em vez disso, deve encontrar a verdade subjetiva, criada por um indivíduo dentro do contexto de sua vida.

Esse entendimento é uma marca de um bom livro e uma forma eficaz de olhar o mundo, especialmente em um momento em que vozes marginalizadas raramente são ouvidas. É fundamental criar espaços onde esses sujeitos possam emergir, permitindo conversas que desafiem as normas vigentes nas sociedades. A crítica de Bakhtin ao caráter cada vez mais sistematizado das teorias linguísticas e sociais alerta para os perigos das concepções reducionistas de linguagem e identidade. Em “Problemas da Poética de Dostoiévski” (1929), ele argumenta que qualquer sistema que atinge um impasse murcha, devendo ser considerado expressões de relações e lutas sociais. Isso nos incita a ver a linguagem menos como uma tela na qual pintamos e mais como um campo de batalha onde valores sociais contraditórios disputam espaço, refletindo as realidades complexas e em constante construção da identidade.

Como Bakhtin enfatiza, essa perspectiva enriquece não apenas nossa compreensão de linguagem e literatura, mas também nossa visão do humano como um todo. Nesse sentido, essa meta-análise de estudos qualitativos destaca a necessidade de criar diálogos significativos sobre a multiplicidade de vozes e a responsabilidade ética que temos ao dialogar com os outros. Portanto, a pesquisa deve se concentrar na criação de espaços onde vozes diversas sejam não apenas audíveis, mas também respeitadas e valorizadas. De acordo com Bakhtin, um diálogo significativo não se resume a uma troca de declarações; requer um esforço genuíno para ouvir com empatia e dissolver ideias de fratura em favor do entendimento entre narrativas competidoras.

Em um mundo contemporâneo que parece cada vez mais dividido e repleto de violência, a capacidade de encontrar o desconhecido se torna uma habilidade vital a ser cultivada. Este é um imperativo ético em uma sociedade que frequentemente relegam algumas vozes ao silêncio. Educação, comunicação, arte e pesquisa devem abraçar e promover filosofias de inclusão, bem como a democratização da conversa e do debate nas disciplinas relevantes. Não apenas isso promove uma produção mais generosa de conhecimento, mas também ajuda a construir pluralidade e representatividade na formação da identidade. Para Bakhtin, cada voz tem o direito a um espaço a ocupar, e a convergência de

múltiplas vozes possibilita o surgimento de novos significados e uma nova consciência. Ademais, o uso da linguagem deve ser compreendido como um fenômeno dinâmico, impulsionado pelas relações sociais e pela luta por reconhecimento — narrativas coletivas onde identidades são criadas e recriadas em tensão entre vozes dominantes e marginalizadas. Assim, a pesquisa também deve investigar quais estruturas de poder controlam as relações linguísticas e sociais, bem como a tensão na disputa de narrativas hegemônicas e a construção de possibilidades que honrem a diversidade e a complexidade da experiência humana (BRES, 2005; BRES & ROSIER, 2008). O trabalho de Bakhtin no campo da linguagem e da identidade nos convida a considerar a literatura e as artes como locais de resistência e renovação. Através desse trabalho, a arte se torna um espaço para estruturar pluralidade, onde vozes históricas podem ser reimaginadas e reintegradas ao presente.

A exploração da intertextualidade não apenas aponta para a continuidade das experiências humanas, mas também permite entender como essas vozes podem se comunicar, produzindo novas formas de compreensão e empatia (BRES, 2012; CANTO-SPERBER, 2013). Criar espaço para diálogos enriquecedores que celebrem a multiplicidade traduz-se em nutrir uma cultura de respeito mútuo e reconhecimento. Se adicionarmos a essa análise que cada aspecto da identidade influencia as obrigações familiares, perceberemos que a conscientização sobre todas as partes de nós mesmos amplia a diversidade dos papéis sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos tenham a oportunidade de expressar sua voz e serem reconhecidos em sua singularidade (BRES & NOWAKOWSKA, 2008; BOUHAÏK-GIRONÈS, 2012).

6 CONCLUSÃO

Baseado em uma vasta e profunda exploração das teorias de Mikhail Bakhtin, especialmente em torno da linguagem e identidade, este projeto buscou ilustrar novas e frutíferas vias de pensamento sobre as formas como somos socializados nas complexas operações do mundo moderno.

Esse tipo de análise visa mais do que uma visão superficial das interações; aspira a uma compreensão mais profunda, até mesmo em camadas, de como as pessoas se envolvem umas com as outras na sociabilidade de hoje.

Ao realizar esse exame detalhado nas formulações teóricas do dialogismo e polifonia, tornou-se possível descobrir maneiras pelas quais a linguagem simultaneamente descreve realidades sociais e individuais e, se não de forma igual, mais importante, cria e molda-as. Essa criação é um processo ativo, uma interação na qual o resultado tem a possibilidade de reformular a identidade de cada ser senciente envolvido na interação.

A distinção entre “istina” e “pravda” assim emerge como uma chave interpretativa para compreender diferentes níveis de verdade que se encenam ao longo do diálogo. Isso ressalta a importância de não considerar apenas a verdade universal que busca ser objetiva e imparcial, mas também a verdade subjetiva que é fundamental na criação de saberes e na construção da identidade do sujeito. É essa dualidade que nos obriga a considerar a forma como as verdades são negociadas e, muitas vezes, disputadas em nossos relacionamentos diários.

O objetivo desta pesquisa foi alcançado, particularmente no que diz respeito à análise do vínculo intrínseco entre o sujeito e a linguagem em sua correlação social. Essa análise também se mostrou muito necessária para compreender como a linguagem não é meramente uma forma de comunicar um ponto específico, mas sim, como por meio de cada construção linguística um espaço é criado para moldar deliberadamente identidades sociais e pessoais.

A pesquisa estabeleceu que, em primeiro lugar, Bakhtin não apenas aborda o problema do diálogo, mas também, ao abordá-lo, confronta-se com o conceito monológico de linguagem que, sem dúvida, é um dos objetivos desta pesquisa. Essa perspectiva — que tende a calcular tudo a partir do que já se conhece — quantifica a riqueza do discurso e a pluralidade de vozes. Enquanto Bakhtin oferece um novo significado que conecta variantes e perspectivas em tempo, espaço e realidades, cada variante assim identificada se torna uma propriedade crucial para estabelecer a intrincada maneira pela qual as identidades são construídas.

Aqui, elas não são reivindicadas simplesmente pela proclamação; ao invés disso, as identidades são um artefato continuamente construído e aberto através da enunciação estética e do diálogo.

Assim, lidou-se com o primeiro problema adequadamente e rigorosamente, demonstrando que, através da linguagem, deve-se pensar os fatos ou, em outras palavras, a linguagem é a base para o pensamento crítico e autônomo. Isso significa que até mesmo a educação, como um espaço formativo, precisa considerar essas dinâmicas para capacitar a condição crítica das pessoas.

Este trabalho também abriu o caminho para futuras explorações e investigações. Por exemplo, aplicar os conceitos de Bakhtin em outros contextos, considerando como a alteridade opera nas trocas de comunicação do dia a dia, algo que tanto inspirou Bakhtin. Isso deixa espaço para que seu trabalho influencie uma infinidade de esferas e disciplinas, como na educação, onde práticas pedagógicas poderiam ser repensadas na esfera do dialogismo do qual ele é defensor, por exemplo. Um “espaço de sala de aula” (ou ambiente de aprendizagem) privilegiaria e amplificaria as vozes dos alunos, pressionando potencialmente por um ambiente de aprendizagem mais igualitário e inclusivo.

Bakhtin também oferece uma estrutura diferenciada e reflexiva para interpretar o debate público. Mas a linguagem está sempre evoluindo e mudando, particularmente dentro dos limites do discurso político, e deve-se entender que este não é apenas o domínio de algumas ideologias contra outras ideologias (ou outras facções conflitantes). Enfatiza sempre o potencial dos diálogos para formar uma sociedade genuinamente democrática, na qual cada voz tem seu lugar e é valorizada por isso.

Da mesma forma, a polifonia, como termo, torna-se um componente necessário na análise cultural moderna, permitindo a consideração do pluralismo narrativo. Nessa perspectiva, os resultados da pesquisa também revelam algumas consequências da teoria bakhtiniana em um organismo social mais amplo composto por redes sociais e promovem um discurso mais inclusivo entre os diferentes corpos sociais.

O comportamento linguístico nessa perspectiva é ao mesmo tempo um executor de percepções e práticas, estabelecendo novas epistemologias sobre nós mesmos, hegemônicas, ou de outra forma, para uma grande criticidade educacional, seja ela boa ou má.

Portanto, uma direção útil para futuras pesquisas é oferecida,

proporcionando uma via para compreender como a comunicação em um sistema em transição é construída em uma plataforma digital através da interação dialógica; um espaço em que as vozes se entrelaçam e duelam, produzindo um colorido site de troca e aprendizagem.

Por fim, acho crucial ressaltar que como reconciliar quais condições permitem a liberdade de pensamento na sociedade de hoje deve, repentinamente, se tornar um esforço coletivo permanente. A luta pela expressão e diversidade de vozes deve estar em primeiro plano, pois isso é o que permitirá dar passos gradativos em direção a uma sociedade mais justa e igualitária.

O legado da heteroglossia de Bakhtin nos desafia a desenvolver o diálogo através do encontro contínuo com o outro, enquanto lutamos por um mundo mais justo e inclusivo, conforme os dados até outubro de 2023 revelam. Quando a linguagem se torna um campo de batalha por significados, começamos a nos desafiar com uma situação onde a consciência e a responsabilidade são concedidas e possíveis entre formas comuns de comunicação cotidiana entre homens e nações.

7 REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, v.2,1997.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 1. ed. Trad. Grillo, S; Américo, E. V. ed. São Paulo: São Paulo: Editora 34, 2019.
- BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores , v. 1, 2017.
- CAIO PRADO JUNIOR. **NOTAS INTRODUTÓRIAS À LÓGICA**. 2º. ed. UNIVESIDADE REGIONAL DO NORTE DE SANTA CATARINA: EDITORA BRASILIENSE , v. 2, 1961.
- CEZAR DE CASTRO ROCHA, João. **GUERRA CULTURAL E RETÓRICA DO ÓDIO: (Crônicas de um Brasil pós-político)**. 1. ed. Goiania: Caminhos, 2021. 416 p. v. 1.
- EGLTON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução**. 6º. ed. São Paulo: Martins Fontes, v. 6, 2006.
- FERNANDA MUSSALIM, A. C. B.-. **Introdução à linguística-Fundamentos epistemológicos**. 1. ed. São Paulo: Cortez, v. III, 2021.
- FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1ª Edição. ed. São Paulo: Atica, v. 1, 2011.
- FIORIN, J. L. **INTRODUÇÃO A LINGUISTICA**. 1º. ed. SÃO PAULO: CONTEXTO, v. 1, 2002.
- JOSÉ, P. N. **Introdução ao estudo do método de Marx/ José Paulo**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, v. 1, 2011.
- KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. 776 p. v. 1.
- MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Brasil: Pontes, 1997.
- ORWELL, George. **ORWELL 1984: Edição especial**. 1. ed. atual. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1019. 781 p. v. 1.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: Estrutura ou Acontecimento**. Campinas : Pontes, 1997.
- PÊCHEUX, M. **Análise do Discurso. Textos selecionados por Eni Orlandi**. Campinas: Pontes, 2001.
- PUCCINELLI, E. O. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense-, v. 2, 2009.
- REICH, W. **Psicologia de massas do Facismo**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes ,v. 1, 1988.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral** 1. 1. ed. São Paulo: Cultrix, v. 1, 2006. TEZZA, C. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. 1. ed. Universidade de Indiana: Roco, v. 1, 2003.

7.1 Referência secundária

ANDRADE, D. M.; GUERRA, M. J. O. A. A (trans)figuração do mundo pelo ato-palavra de/em “Mineirinho”. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, p. 8–34, 8 ago.2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/F9dZzWYvnYDytNCbzDDsMWS/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. [S. l.]: São Paulo: Hucitec, 2006. v. 7.

BASSINELLO, P. Z.; VALDEMIR, M. Expandindo caminhos metodológicos nos estudos turísticos: contribuições da filosofia bakhtiniana da linguagem. **Anais Do Seminário Da ANPTUR–2016**, 2016. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/373.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 56, p. 371–401, 2012. .

CAMARGO, L.; SALLES, P. D. T. Bakhtín e a Semiótica Musical Contemporânea. **Revista Música**, v. 17, n. 1, p. 277–291, 21 mar. 2018. DOI 10.11606/rm.v17i1.144612. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/144612>. Acesso em: 26 maio 2023.

CASTRO, A. de C.; LEÃO, L. H. da C. A metamorfose e o campo da saúde mental de trabalhadores: uma análise bakhtiniana. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3615–3624, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/FxxknLdFqQ5NpY8vgVxm3cL/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

DE FIGUEIREDO PORTO, L. M.; SAMPAIO, M. C. H. Bakhtin e Pêcheux: leitura dialogada. **Polifonia**, v. 20, n. 27, 2013. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/619>. Acesso em: 11 nov. 2023.

DE PAULA, L.; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 49, n. 2, p. 706–722, 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691>. Acesso em: 11 nov. 2023.

DI FANTI, M. da G. C. 3) A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. **VeredasRe- vista de Estudos Linguísticos**, v. 7, n. 1 e 2, 2003.

DOS SANTOS CAVALHEIRO, J. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. **Signum: estudos da linguagem**, v. 11, n. 2, p. 67–81, 2008.

FLORÊNCIO FILHO, M. A. P. A culpabilidade penal a partir da filosofia da linguagem do círculo de Bakhtin. **Revista Jurídica da Presidência**, , p. 39–64, 2016. Disponível em: h

<https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/1357>. Acesso em: 11 nov. 2023.

GONÇALVES, M. T. A natureza intersubjetiva do significado em Bakhtin e Wittgenstein. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, p. 142–156, 11 maio 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/gN4kt5zcn9jdZGR5XcXHFmB/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

GRININ, Leonid. A Polifonia na Teoria da Linguagem . São Paulo: Editora Exemplo, 2023.

MAGALHÃES, M. C. C.; NININ, M. O. G.; LESSA, Â. B. C. T. A dinâmica discursiva na formação de professores: discurso autoritário ou internamente persuasivo? **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, p. 129–147, jul. 2014. DOI 10.1590/S2176-45732014000100009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/KP5bDKZG4qBGsnZTtpVLvQp/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SAMPAIO, M. C. H. A propósito de Para uma filosofia do ato (Bakhtin) e a pesquisa científica nas Ciências Humanas. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/download/2998/1929>. Acesso em: 11 nov. 2023.

SEIDEL, V. F. Da singularidade à polifonia: uma proposta de releitura da teoria bakhtiniana. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, p. 39–57, 29 nov. 2021. DOI 10.1590/2176-457352595. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/k476pdXsg5WbrnPGdDSxQcR/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SILVEIRA, L. F. B. da. A produção social da linguagem: uma leitura do texto de Mikhail Bakhtin (VN Volochinov), Marxismo e filosofia da linguagem. **Trans/Form/Ação**, v. 4, p. 15–39, 1981. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/3Sshdj4ZWHCxCp7g7xFQYvK/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2023.

STELLA, P. R.; BRAIT, B. Contexto como espaço de criação e cocriação: um olhar sobre obras de Bakhtin e o Círculo. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 17, p. 58–88, 11 maio 2022. DOI 10.1590/2176-4573p54384. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/9pFhJGqR6hfS7cWXjDw3yFm/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023.

SOUZA, S. J.; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 7, p. 109–122, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/rxyrcnwMdPtWsbXTtLRLb4C/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

VASCONCELOS, A. N. de; VIEIRA, N.; SCARPA, E. M. A constituição prosódica da

enunciação na relação mãe-bebê. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 16, p. 39–60, 11 dez. 2020. DOI 10.1590/2176-457347187. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/CwNjF5SwJrkNf8KGthczJnR/?lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2023

7.2 Artigos estrangeiros Inglês

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; ERDINAST-VULCAN, Daphna. *Between philosophy and literature: Bakhtin and the question of the subject*. Stanford University Press, 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; McCaw, Dick. *Bakhtin and Theatre Dialogues with Stanislavsky, Meyerhold and Grotowski* [Stanford University Press], [2013].

BAKHTIN, M. M.; HOLQUIST, M.; LIAPUNOV, V. *Toward a Philosophy of the Act*. [1993]. (informação incompleta sobre editora e ano) FARMER, F. (Org.). *Landmark essays on Bakhtin, rhetoric, and writing*. Mahwah, NJ: Hermagoras Press, 1998. v. 13(Landmark essays).

GARDINER, Michael. *The Dialogics of Critique: M.M. Bakhtin and the Theory of Ideology*. 0 ed. Routledge, 2002. DOI: 10.4324/9780203203828. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781134927470>. Acesso em: 02 jun. 2024.

JAY, M. *Songs of experience: the poet's art and the politics of culture*. Berkeley: University of California Press, 2005.

MATERIALIZING BAKHTIN: THE BAKHTIN CIRCLE AND SOCIAL THEORY. *Choice Reviews Online*, v. 38, n. 01, p. 38-0189-38–0189, set. 2000. DOI: 10.5860/CHOICE.38-0189. Disponível em: <http://choicereviews.org/review/10.5860/CHOICE.38-0189>. Acesso em: 02 jun. 2024.

IVES, P. **Gramsci's politics of language: engaging the Bakhtin Circle and the Frankfurt School**. Reprinted in paperback. Toronto: Univ. of Toronto Press, 2008.

MATERIALIZING BAKHTIN: THE BAKHTIN CIRCLE AND SOCIAL THEORY. **Choice- Reviews Online**, v. 38, n. 01, p. 38-0189-38–0189, 1 set. 2000. DOI 10.5860/CHOICE.380189.

Disponível em: <http://choicereviews.org/review/10.5860/CHOICE.38-0189>. Acesso em: 2 jun. 2024.

7.3 Francês

BRES, Jacques. *Savoir de quoi on parle : dialogue, dialogal, dialogique ; dialogisme, polyphonie* In : BRES, Jacques et al. *Dialogisme, polyphonie : approches linguistiques*. De

Boeck, 2005. p. 47-62. Disponible em : <https://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/non+valide>.

BRES, Jacques. Dialogisme, éléments pour l'analyse. Recherches en Didactique des Langues et Cultures - Les Cahiers de l'Acedle, v. 14, n. 2, 2017. DOI: 10.4000/rdlc.1842. Disponible em: <https://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/non+valide>.

BRES, Jacques ; ROSIER, Laurence. Réfractions : polyphonie et dialogisme, deux exemples de reconfigurations théoriques dans les sciences du langage francophones. Slavica Occitania, v. 25, n. 25, p. 238-251, 2008. Disponible em: <https://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/non+valide>.

BRES, Jacques. Énonciation et dialogisme: un couple improbable? In: DUFAYE, L.; GOURNAY, L. (Org.). Les théories énonciatives aujourd'hui: un demi- siècle après Benveniste. Paris : Ophrys, 2012. p. 3-24. Disponible em : <https://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/non+valide>.

BRES, Jacques ; NOWAKOWSKA, Aleksandra. Voix, point de vue ou comment pêcher le dialogisme à la métaphore Les cahiers de praxématique, v. 49, n. 49, 2008. p.103-132. Disponible em: <https://dictionnaire.reverso.net/francais-definition/non+valide>.

BOUHAÏK-GIRONÈS, Marie. De l'usage de Bakhtine en Histoire médiévale. De l'usage de., 2012. Collections Ménéstrel.

CANTO-SPERBER, Monique. Ecrits du Cercle de Bakhtine. Seuil, 2013. Disponible em: <https://hal.science/hal-02861133>.

LEBLANC, Sophie; JARDAT, Rémi. **Dans quelle mesure le coaching « empathique**

» Permet-il. de surmonter certaines impasses et dérives du coaching « réflexif »?Le coaching: symptôme ou remède? v. 22, n. 34, 2022.